Bibliotecário do Século XXI
pensando o seu papel na contemporaneidade

Organizadores
Anna Carolina Mendonça Lemos Ribeiro
Pedro Cavalcanti Gonçalves Ferreira

ipea

Bibliotecário do Século XXI
pensando o seu papel na contemporaneidade

Organizadores
Anna Carolina Mendonça Lemos Ribeiro
Pedro Cavalcanti Gonçalves Ferreira

ipea

Governo Federal

Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão
Ministro Dyogo Henrique de Oliveira

ipea **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**

Fundação pública vinculada ao Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiros – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidente
Ernesto Lozardo

Diretor de Desenvolvimento Institucional
Rogério Boueri Miranda

Diretor de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia
Alexandre de Ávila Gomide

Diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas
José Ronaldo de Castro Souza Júnior

Diretor de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais
Alexandre Xavier Ywata de Carvalho

Diretor de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação e Infraestrutura
Fabiano Mezadre Pompermayer

Diretora de Estudos e Políticas Sociais
Lenita Maria Turchi

Diretor de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais
Ivan Tiago Machado Oliveira

Assessora-chefe de Imprensa e Comunicação
Regina Alvarez

Ouvidoria: http://www.ipea.gov.br/ouvidoria
URL: http://www.ipea.gov.br

Bibliotecário do Século XXI
pensando o seu papel na contemporaneidade

Brasília, 2018

Organizadores
Anna Carolina Mendonça Lemos Ribeiro
Pedro Cavalcanti Gonçalves Ferreira

ipea

© Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – **ipea** 2018

Bibliotecário do século XXI : pensando o seu papel na contemporaneidade / organizadores: Anna Carolina Mendonça Lemos Ribeiro, Pedro Cavalcanti Gonçalves Ferreira. – Brasília : Ipea, 2018.
99 p. : il., fots. (algumas color.)

Inclui Bibliografia.
ISBN: 978-85-7811-321-6

1. Bibliotecários. 2. Tecnologia da Informação. 3. Concorrência. 4. Responsabilidade Social. 5. Mercado de Trabalho. I. Ribeiro, Anna Carolina Mendonça Lemos. II. Ferreira, Pedro Cavalcanti Gonçalves. III. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

CDD 023.2

Ficha catalográfica elaborada por Patricia Silva de Oliveira CRB-1/2031

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTO 7

INTRODUÇÃO 9

CAPÍTULO 1
PERFIL PROFISSIONAL DO BIBLIOTECÁRIO: ATUAL E DESEJADO 13
Tainá Batista de Assis

CAPÍTULO 2
O BIBLIOTECÁRIO E O SEU RELACIONAMENTO COM A TECNOLOGIA 33
Bianca Amaro

CAPÍTULO 3
A CONCORRÊNCIA DO BIBLIOTECÁRIO NO SÉCULO XXI 47
Cláudio Gottschalg-Duque
Jhonathan D. F. Santos

CAPÍTULO 4
A SOCIEDADE DA DESINFORMAÇÃO E OS DESAFIOS DO BIBLIOTECÁRIO EM BUSCA DA BIBLIOTECONOMIA SOCIAL 67
Yaciara Mendes Duarte

CAPÍTULO 5
MERCADO DE TRABALHO DO BIBLIOTECÁRIO DO SÉCULO XXI 83
Katyusha Madureira Loures de Souza

NOTAS BIOGRÁFICAS 97

AGRADECIMENTOS

A construção desta obra contou com o apoio e o empenho de muitas pessoas. Por essa razão, inicialmente, agradecemos à Lúcia Regina Pontes Lemos, chefe da Divisão de Biblioteca do Ipea; aos bibliotecários que lá trabalham (Elisangela da Silva Gomes de Macedo, Jeanluiz Ferreira Porto Monteiro, Jhonathan Divino Ferreira dos Santos, Norma Stenzel e Patrícia Silva de Oliveira); e aos demais colaboradores da biblioteca, inclusive no Rio de Janeiro.

Somos gratos também ao Ipea, que promoveu o *workshop* Bibliotecário do Século XXI, em janeiro de 2017, incitando os debates que resultaram neste livro. Desde 2013, o instituto apoia a sua Divisão de Biblioteca a se reconstruir, autorizando-lhe a desenvolver projetos, promover eventos e publicar livros.

Agradecemos pelo apoio institucional oferecido pelo ex-diretor substituto de desenvolvimento institucional (Diretoria de Desenvolvimento Institucional – Dides), Carlos Roberto Paiva da Silva, e pelo atual, Rogério Boueri Miranda.

Ao coordenador-geral de gestão de pessoas, Leônidas Pires Neto, agradecemos por ter assumido o projeto de publicação desta obra em sua área.

Pelo intensivo trabalho de construção do conhecimento, agradecemos a todos os autores: Bianca Amaro, Cláudio Gottschalg-Duque, Jhonathan Divino Ferreira dos Santos, Katyusha Madureira Loures de Souza, Tainá Batista de Assis e Yaciara Mendes Duarte.

Pelo empenho e pela participação, agradecemos aos pareceristas dos capítulos: Carlos Miguel Tejada Artigas, José Eduardo Malta de Sá Brandão, Marta Lígia Pomim Valentim e Viviana Fernández Marcial. Pontuamos que Carlos e Viviana foram pareceristas de dois capítulos e que um parecerista preferiu emitir sua avaliação às cegas.

Pela dedicação nas orientações de editoração, agradecemos também ao Cláudio Passos de Oliveira.

INTRODUÇÃO

Anna Carolina Mendonça Lemos Ribeiro[1]
Pedro Cavalcanti Gonçalves Ferreira[2]

A Biblioteca do Ipea tem se inquietado acerca da necessidade de as bibliotecas ressignificarem o seu papel, em razão das mudanças tecnológicas e sociais que impactam rotineiramente o comportamento, as demandas e o perfil de seus usuários.

Nesse contexto, desde 2013, por meio do projeto Biblioteca do Século XXI, a biblioteca do instituto, para se manter um organismo vivo e atuante, promoveu três eventos para discutir as principais tendências da área, ofertando, dessa forma, conhecimento de ponta aos seus profissionais. O primeiro, Seminário Internacional Biblioteca do Século XXI: desafios e perspectivas, ocorreu entre 7 e 9 de março de 2016 no Ipea de Brasília, ocasião em que foram discutidos variados temas, divididos em cinco blocos (Bibliotecas do presente e do futuro; Bibliotecários e instituições; Conectividade; Acervo digital; e Tecnologia da informação), e contou com a presença de especialistas nacionais e internacionais.

O segundo evento, *workshop* Biblioteca do Século XXI, ocorreu em 10 de março de 2016, também no Ipea de Brasília, e visou discutir os seguintes temas: inovação em bibliotecas; o papel de bibliotecas de centros de pesquisa; serviços de referência para bibliotecas do século XXI; e TICs e bibliotecas.

O terceiro evento, *workshop* Bibliotecário do Século XXI, ocorreu em 31 de janeiro de 2017 e teve dois objetivos. Um deles foi lançar o livro *Biblioteca do Século XXI: desafios e perspectivas*, publicado pelo Ipea, fruto dos textos relativos às palestras ministradas em março de 2016. O outro foi debater os cinco temas que resultaram, agora, nos capítulos desta obra, assinados pelos respectivos mediadores dos grupos temáticos de discussão. Este livro, portanto, se propõe a eternizar o que foi debatido naquele momento e, dessa forma, alcançar um maior número de profissionais, mantendo abertas as possibilidades de ocorrerem novas discussões sobre assuntos tão importantes para os bibliotecários.

Assim, no primeiro capítulo, Tainá Batista de Assis escreve sobre a atitude atual e desejada do bibliotecário. Entende a autora, em sua agradável escrita, que tal

1. Técnica de desenvolvimento e administração na Diretoria de Desenvolvimento Institucional (Dides) do Ipea.
2. Técnico de desenvolvimento e administração no Ipea cedido para o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade).

profissional deve ultrapassar as paredes das bibliotecas e das instituições, de modo a contribuir efetivamente para o acesso, a visibilidade, o compartilhamento e o uso da informação em seus mais diversos suportes. Considera que o bibliotecário tem futuro promissor, mas a atuação desejada deve ser incorporada, imediatamente, às práticas do seu fazer rotineiro.

Bianca Amaro, a seguir, aborda as dificuldades do bibliotecário em lidar com a realidade de sua atuação contemporânea, tão permeada por tecnologias que devem ser exploradas e dominadas. A autora apresenta a evolução do trabalho do bibliotecário e ressalta a necessidade de uma relação íntima e contínua com as tecnologias de informação e comunicação.

Na sequência, Cláudio Gottschalg-Duque e Jhonathan Divino Ferreira dos Santos analisam as mudanças no trabalho do bibliotecário e a perda de espaço para profissionais de outras áreas. Conclui-se que o principal concorrente do bibliotecário é ele próprio, pois, entendem os autores, não há outra classe profissional com formação ideal para atender adequadamente às necessidades atuais dos usuários de informação. Por tal razão, a desvalorização contemporânea do bibliotecário pode ser revertida se ele se atualizar e agir proativamente.

O papel cultural e social do bibliotecário é apresentado por Yaciara Mendes Duarte no capítulo 4. A autora faz uma análise sobre a sociedade da desinformação e os desafios atuais do bibliotecário brasileiro, bem como discute a importância da informação para a cidadania, a emancipação das minorias e o desenvolvimento de habilidades leitoras, em conjunto com a biblioteconomia social. Aponta também que o bibliotecário deve agir de forma mais proativa em seu espaço.

Por fim, Katyusha Madureira Loures de Souza encerra esta obra abordando as mudanças no mercado de trabalho do bibliotecário, a percepção da sociedade sobre tal profissional, a sua formação e postura profissionais, bem como o fortalecimento da categoria profissional. Uma das reflexões conclusivas da autora refere-se ao fato de que o futuro da profissão está relacionado diretamente à capacidade do bibliotecário de se adaptar às novas demandas e se ater às novas competências exigidas para o desempenho de suas atividades.

As reflexões dos cinco capítulos, mesmo diante da diversidade de temas, os quais inevitavelmente se entrelaçam, chamam atenção para algo que salta aos olhos: a necessidade do bibliotecário de sair da sua zona de conforto (se é que existe conforto em uma realidade de desvalorização profissional). Todos os autores, ao seu modo, apontaram que cabe ao bibliotecário conquistar o seu espaço, de maneira a melhorar as suas competências e o seu futuro profissional.

O propósito deste livro foi justamente instigar o bibliotecário a pensar o seu papel na contemporaneidade. Sua pretensão é tão somente continuar incitando

as discussões, não se fechando em si mesmo. Esperamos que as contribuições aqui propostas possam gerar novos debates e, mais importante, estimular o bibliotecário a buscar constantemente a sua valorização e satisfação profissionais.

CAPÍTULO 1

PERFIL PROFISSIONAL DO BIBLIOTECÁRIO: ATUAL E DESEJADO

Tainá Batista de Assis[1]

1 INTRODUÇÃO

Próximo da comemoração dos 55 anos da regulamentação da profissão de bibliotecário no Brasil, ato institucionalizado por meio da Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, surgem alguns questionamentos sobre essa profissão em relação a sua evolução até os dias atuais e suas perspectivas para o futuro, tendo em vista a dinâmica da era digital:

- Quais as frentes de atuação têm sido desempenhadas por esses profissionais desde o seu surgimento até os dias atuais?
- Quais são os impactos e as contribuições dos avanços da tecnologia e da comunicação para o fortalecimento da profissão no país?
- Como as entidades que representam esses profissionais estão apoiando as mudanças na atuação?
- O que se espera da profissão para os próximos cinquenta, cem, duzentos anos?
- A profissão corre o risco de ser extinta em virtude dos avanços tecnológicos, das mudanças no comportamento de busca dos usuários e da maior presença de profissionais de outras áreas do conhecimento em atividades antes somente executadas por bibliotecários?
- Que atitudes o chamado "bibliotecário do futuro" deve tomar para a sua atuação?
- Que atitudes os usuários esperam dos bibliotecários hoje e no futuro?

As indagações apresentadas são algumas das perguntas que estão presentes nos diversos eventos da classe. Em especial, a antepenúltima questão levantada

1. Graduada em biblioteconomia pela Universidade de Brasília (UnB) e mestra em ciência da informação pela mesma instituição. Coordenadora de atendimento à comunidade do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), diretora do Centro Brasileiro do International Standard Serial Number (CBISSN) e coordenadora da Rede de Bibliotecas (RBP) das unidades de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações e do Portal do Livro Aberto em Ciência, Tecnologia e Inovação (PLACT&I).

aparenta resumir a maior preocupação desses profissionais: o possível desaparecimento da profissão. No extenso trabalho realizado por Frey e Osborne, publicado em 2013, em que destacaram, por meio de um *ranking*, as probabilidades de as profissões identificadas passarem a ser realizadas/substituídas por computadores. De um total de 702 profissões, a de bibliotecário aparece na 360º posição, com 0,65% de chance de ser substituída, e a técnico de biblioteca está relacionada na 692º posição, com 0,99% de probabilidade.

> O aparecimento de uma nova modalidade de biblioteca, a biblioteca digital, originada a partir dos novos suportes que registram a informação, provocou na sociedade conclusões radicais e um tanto precipitadas ao prever o fim da profissão bibliotecária. Em virtude do surgimento dos suportes eletrônicos e sua disponibilização no ambiente virtual, constantemente se constata especulações acerca do término da sociedade do papel, iniciada a partir da invenção de Gutemberg, no século XV (Anna, 2014, p. 2).

Entretanto, antes de prosseguir para as suas possíveis respostas e adentrar nas discussões propostas para este capítulo, busca-se, para fins de embasamento, observar em filmes, textos e no ambiente da *web* como esse profissional é conhecido na sociedade e as questões que o rodeiam.

É consenso a constatação de que, em alguns filmes e livros, os bibliotecários são fortemente caracterizados como pessoas de maior idade – na maioria, mulheres –, que usam óculos, "devoradoras" de livros, que não admitem qualquer barulho no espaço da biblioteca e que desenvolvem o seu trabalho somente de maneira analógica. No estudo apresentado por Walter e Baptista (2007, p. 30), as autoras também retrataram esse estereótipo ao constatarem que

> É muito interessante como o aspecto visual e comportamental dos bibliotecários realmente permeia o imaginário popular, associando a profissão a mulheres, em geral idosas e, especialmente, com dois adereços principais, como uma espécie de marca registrada, que são os indefectíveis óculos e o famigerado coque nos cabelos, além de uma postura geralmente antagônica e pouco receptiva para os usuários, provavelmente em gesto que indique um enfático pedido de silêncio.

Considera-se que o estereótipo apresentado faz parte da memória que remete às práticas de antigos indivíduos responsáveis pela guarda e preservação do conhecimento da sociedade, como as dos monges copistas, no período medieval. O escritor Humberto Eco, em seu livro intitulado *O nome da rosa*, apresenta bem as atividades desses indivíduos, que são chamados em sua obra de bibliotecários.

> Somente o bibliotecário recebeu o segredo do bibliotecário que o precedeu, e o comunica, ainda em vida, ao ajudante-bibliotecário, de modo que a morte não o surpreenda, privando a comunidade desse saber. (...). Somente o bibliotecário, além de saber, tem o direito de mover-se no labirinto dos livros, somente ele sabe onde encontrá-los e onde guardá-los, somente e ele é responsável pela sua conservação. (...)

> Somente o bibliotecário sabe da colocação do volume, do grau de sua inacessibilidade, que tipo de segredos, de verdade ou de mentiras o volume encerra. Somente ele decide como, e se deve fornecê-lo ao monge que o está requerendo (Eco, 2003, p. 44).

Por outro lado, em uma das cenas do filme "A máquina do tempo (*The time machine*)", lançado em 2002, o personagem viajante do tempo dialoga com um bibliotecário de referência do futuro na Biblioteca Pública de Nova Iorque, apresentado como uma representação holográfica de inteligência artificial.

Na *web*, em uma rápida e simples consulta ao mecanismo de busca mais conhecido mundialmente, *Google*, utilizando como parâmetro o termo "futuro do bibliotecário", foram recuperados pouco mais de 635 mil resultados (artigos científicos, artigos em *blogs*, apresentações, citações, entre outros). Desse total, as dez primeiras páginas da ocorrência apresentam como foco para as discussões, temas relacionados com, por exemplo: "O futuro da biblioteconomia", "O futuro profissional do bibliotecário", "Até quando os bibliotecários terão empregos", "Qual o papel do bibliotecário no futuro", "Biblioteconomia: tecnologias digitais ampliam campos de atuação", "O arquiteto da informação e o bibliotecário do futuro", "Um futuro para o bibliotecário sem os livros impressos" e "*Bibliotecário de sistemas: una especialización con futuro*".

Alguns dos questionamentos apresentados nos parágrafos anteriores também formam o conjunto de questões levantadas durante o "*Workshop* Bibliotecário do Século XXI", organizado pelo Ipea e realizado no dia 31 de janeiro de 2017, na cidade de Brasília. Como dinâmica do evento, foram propostos quatro temas, nos quais os participantes escolheram livremente participar, e, ao final, os mediadores de cada tema expuseram a discussão para todos os participantes do *workshop*. Sendo assim, este capítulo objetiva apresentar os resultados do tema 1 – *Atitude do bibliotecário: atual e desejado*, bem como identificar na literatura como a questão tem sido tratada.

2 O PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO

Mueller (1989, p. 63) define o que se chama de *perfil profissional* como "o conjunto de conhecimentos, qualidades e competências próprias dos integrantes de uma profissão". Ainda segundo a autora, o conceito de *perfil profissional* tem estreita relação com a ideia de *função profissional*, sendo assim, o "perfil delineado pelas habilidades, competências e atitudes necessárias para o desempenho da função profissional". Seguindo com a conceituação para o delineamento desse tópico, Santos (1996, p. 5) aponta que, por profissional da informação, "entende-se todos aqueles indivíduos que, de uma forma ou outra, fazem da informação o seu objeto de trabalho, entre os quais, arquivistas, museólogos, administradores, analistas de sistema, comunicadores, documentalistas e bibliotecários".

A literatura científica menciona que o profissional bibliotecário é o responsável por tornar acessíveis as informações desejadas, seja em meio físico, seja digital, aos seus usuários, desenvolvendoo papel de mediador. Como base para o alcance, a recuperação e sua posterior destinação e uso, o bibliotecário adota diferentes técnicas para o tratamento dessa informação: organização, armazenamento e disseminação. Considera-se que esses processos contribuem para a democratização do acesso à informação, ressaltando, assim, a importância do papel do bibliotecário na sociedade.

No entanto, ainda hoje é possível identificar reflexões distorcidas por uma parcela significativa da sociedade sobre a imagem do profissional bibliotecário. A tirinha do Calvin (figura 1) apresenta uma dessas imagens errôneas e que remetem a discurso apresentado sobre a caracterização desse profissional na introdução deste capítulo.

FIGURA 1
Calvin e a imagem do bibliotecário

Fonte: Valdez (2014).

O Conselho Regional de Biblioteconomia da 6ª Região (CRB-6), em sua página *web*, apresenta o quantitativo de cursos de biblioteconomia no Brasil. Segundo o conselho, o Brasil tem 39 cursos de biblioteconomia e/ou ciência da informação, oferecidos em diferentes universidades públicas e privadas (federais, estaduais e municipais).

A Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (Abecin), organização que congrega os cursos de graduação da área e mantém uma listagem em sua página eletrônica[2] sobre essa informação, apresenta que 37 cursos funcionam de forma presencial e três, na modalidade de educação à distância (EaD).

2. Disponível em: <http://www.abecin.org.br/>.

TABELA 1
Cursos de biblioteconomia no Brasil

Universidades	Quantidade
Universidades federais e estaduais	26
Faculdades particulares	13
Total	**39**

Fonte: CRB-6 (2017).

Ao observar os números apresentados na tabela 1 sobre os cursos de biblioteconomia no Brasil de acordo com as regiões brasileiras, tem-se a seguinte distribuição, conforme disposto na tabela 2.

TABELA 2
Cursos de biblioteconomia no Brasil por região

Região	Quantidade de cursos		Total
	Federais/estaduais	Particulares	
Norte	2	0	2
Nordeste	8	0	8
Centro-Oeste	3	2	5
Sudeste	7	10	17
Sul	6	1	7
Total	**26**	**13**	**39**

Fonte: CRB-6 (2017).

Apesar de haver muitos cursos de biblioteconomia no país, conforme apresentado na tabela 2, o número de graduados não é suficiente para o atendimento da demanda nacional existente. Sem ainda entrar no mérito, mas antecipando a discussão dos próximos tópicos deste capítulo, a ampliação das possibilidades de atuação dos bibliotecários pode ser comprometida tendo por base os números apresentados.

Com relação à formação desses profissionais, Guimarães (1998, p. 125-126) aponta que a profissão de bibliotecário no Brasil tem cinco importantes marcos:

a) a visão do bibliotecário erudito, de formação eminentemente humanista, ligado à cultura e às artes, sob forte influência francesa da École de Chartres, aspecto que norteou a criação do primeiro curso de biblioteconomia do país: o da Biblioteca Nacional (1911-1930);

b) o bibliotecário de formação técnica, sob nítida influência norte-americana (que inspirou os primeiros cursos de São Paulo), ligado a atividades de tratamento e organização de documentos (1930-1960);

c) o reconhecimento oficial da profissão em nível superior, com o estabelecimento de uma legislação profissional e a criação de órgãos de classe (década de 1960);

d) a criação dos cursos de pós-graduação, o desenvolvimento da pesquisa na área e o surgimento dos primeiros periódicos científicos na área (década de 1970);

e) a reformulação curricular em biblioteconomia e a visão do bibliotecário como agente cultural/de informação (década de 1980).

O trabalho apresentado por Silveira e Reis no IX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (Enancib), em 2008, também apresenta um breve histórico da formação do bibliotecário no Brasil, estendendo os marcos aos anos 2000. Em suma, os autores conseguiram sistematizar, em três períodos distintos, as fases da formação no país: 1911-1960, 1960-1990 e 1990-2005 (quadro 1).

QUADRO 1
Período *versus* Perfil – formação do bibliotecário no Brasil

Período	Perfil
1911-1960	Período caracterizado pela disputa ideológica para definição dos fundamentos teórico-práticos a serem repassados pelos cursos incipientes.
1960-1990	Período marcado pela busca por elementos/fundamentos de uma biblioteconomia nacional pautados para a discussão e a proposição de implementação de um projeto de currículo mínimo, cujo objetivo seria o reconhecimento legal da profissão, a contribuição para a visibilidade da área e a ampliação de seu perfil social.
1990-2005	Formação profissional mais adequada em face das necessidades culturais e mercadológicas iniciais à época. Também é marcado pela busca por novos perfis de atuação dos bibliotecários.

Fonte: Silveira e Reis (2008, p. 8-9).

Destaca-se que a busca pela definição do perfil e atuação desses profissionais ainda é uma constante, pois, como já mencionado, as alterações das tecnologias de comunicação e informação impactaram diretamente os afazeres do bibliotecário. Coelho Neto (1996, p. 5) já evidenciava essa questão.

> O papel do Bibliotecário na sociedade está se alterando devido às novas tecnologias de informação e comunicação. Novas formas de trabalhar surgiram porque novas ferramentas foram criadas para o controle, organização e disseminação da informação. O profissional não está mais limitado ao espaço físico da biblioteca; agora ele trabalha com vários suportes em que a informação está registrada, onde o usuário passa a ser o foco principal e não mais o acervo, ao mesmo tempo que a disseminação passa a ter mais importância que a preservação da informação.

Por outro lado, Mueller (1989) ressalta que os bibliotecários não devem abandonar as atividades tidas como tradicionais, tais como: a preservação do conhecimento humano; a organização da informação para sua posterior recuperação; a educação, o suporte à educação formal; o suporte ao estudo e à pesquisa; o fornecimento ao usuário de fontes e materiais que supram as necessidades de informação deste; além do planejamento e da administração de recursos informacionais.

Com algumas dessas incertezas, grande parte fruto desse momento de transição dos meios físicos para os digitais e das nuvens, os bibliotecários podem vislumbrar um cenário de futuro profissional com novas e distintas frentes de atuação. De acordo com Ashcroft (2004), os bibliotecários do futuro não poderão mais ficar "limitados" ou "rígidos" ante as estruturas físicas das bibliotecas, mas deverão tomar uma postura mais flexível.

3 PERFIL PROFISSIONAL: ATITUDES ATUAIS E DESEJADAS – RESULTADO DA DISCUSSÃO NO *WORKSHOP* BIBLIOTECÁRIOS DO SÉCULO XXI

No desenvolvimento deste tópico do capítulo, parte-se de três pressupostos iniciais, decorrentes das discussões anteriores: *i)* a profissão do bibliotecário é diretamente impactada pelos avanços tecnológicos em informação e da comunicação; *ii)* há a necessidade de mudança de comportamento dos profissionais em atuação; e *iii)* o futuro da profissão se apresenta promissor desde que cada profissional busque a capacitação contínua e seja flexível às mudanças.

No dia 31 de janeiro de 2017, foi realizado o *workshop* Bibliotecários do Século XXI, evento promovido pelo Ipea. A proposta do evento era reunir profissionais, estudantes e interessados da área para discutirem assuntos sobre o *bibliotecário do século XXI*. Sendo assim, a audiência foi convidada a se dividir em quatro salas, cada qual com um tema de debate pré-definido. Como dito anteriormente, este capítulo integra a discussão do grupo com relação ao tema 1 do evento: Atitude do bibliotecário atual e desejado. A discussão contou com a participação de 22 bibliotecários, profissionais e estudantes, de diversas instituições brasileiras públicas e privadas.

Como metodologia adotada para a condução da discussão, cada sala contou com um mediador – a mediação do tema 1 do *workshop* coube à autora deste capítulo –, uma relatora e um profissional para apoio técnico e auxílio na relatoria. Como dinâmica e organização do debate com o grupo foram definidos dois momentos:

- primeira etapa: *i)* apresentação do vídeo produzido pelo Sistema Conselho Federal de Biblioteconomia/Conselhos Regionais de Biblioteconomia

(Sistema CFB/CRB),[3] intitulado *Bibliotecário: o profissional de ontem, hoje e amanhã*; e *ii)* breve explanação sobre a temática; e

- segunda etapa: formação de círculo para a discussão do grupo, com espaço para as falas dos participantes, propiciando o diálogo de todo o grupo e o compartilhamento de ideias.

O bibliotecário atual é retratado pelo grupo, no primeiro momento, como um profissional desmotivado para o exercício de suas atividades. A desmotivação, conforme discutido, pode estar relacionada a diferentes fatores, que abrangem desde a escolha do curso até o comodismo, quando já profissional atuante da profissão. Explica-se: na discussão, mostrou-se que é consensual a ideia de que, para a maioria dos candidatos, a escolha do curso de biblioteconomia não é a primeira opção no processo de vestibular. Esse fato influencia negativamente o comportamento do graduando, pois há um desconhecimento geral sobre o curso e uma consequente falta de interesse pela descoberta da profissão. Os estereótipos negativos da profissão também dificultam o rompimento das barreiras para uma maior difusão e reconhecimento de suas atividades pela sociedade. Desvencilhar e desconstruir esses estereótipos negativos poderá favorecer o entendimento do papel do bibliotecário para a sociedade em geral, e também para a própria classe, uma vez que está buscando a definição de seu perfil e as suas possibilidades de atuação.

Em relação à formação acadêmica, o grupo indicou a necessidade de reformulação dos currículos dos cursos de biblioteconomia e também da atualização de suas ementas. Um dos principais motivos apresentados para essa questão foi o despreparo do recém-formado para a atuação profissional, pois muito daquilo que é exigido no mercado de trabalho não é tratado durante o período de formação. Outro ponto que deve ser destacado – apesar de parecer óbvio – é que os cursos de graduação deveriam manter-se atualizados quanto às mudanças ocorridas na profissão, em especial no tocante às novas possibilidades de atuação do bibliotecário. Tomando-se por base o estudo realizado por Madureira e Vilarinho (2010), que constataram, à época, o *deficit* da formação do futuro profissional para atuar na gestão de bibliotecas digitais. No mesmo trabalho, observaram que menos da metade dos entrevistados na pesquisa (41%) afirmou ser satisfatória a formação oferecida, mediante a seguinte justificativa:

> de um modo geral, as universidades não oferecem a capacitação necessária para o trabalho com as tecnologias; no entanto, ensinam a lógica necessária aos processos de seleção, organização, atualização, depuração, armazenamento e divulgação dos dados, o que constitui a base das atividades desse profissional. O conhecimento prático vem depois com a experiência profissional e a realização de cursos de atualização (Madureira e Vilarinho, 2010, p. 98).

3. Disponível em: <https://goo.gl/a2joC2>.

Por outro lado, aqueles que demonstraram que a formação não atende às necessidades do chamado *moderno profissional da informação* (29%) alegaram os seguintes problemas para o fato:

> falta de laboratórios de informática destinados especificamente ao curso, estágios supervisionados realizados apenas em bibliotecas tradicionais, falta de professores atualizados em *Bibliotecas Digitais* e conteúdos incompletos. Consideraram que são poucas as instituições que investem na qualidade do estágio (Madureira e Vilarinho, 2010, p. 99).

Corroborando essa discussão ligada à formação do profissional, Targino (2010, p. 45-46) também apontou para o que considera como uma necessidade imediata de revisão e reestruturação dos cursos de graduação para o atendimento da atuação dos profissionais bibliotecários do século XXI. A autora segue alertando para a necessidade da educação continuada e reformulação dos currículos ao declarar que

> os cursos de graduação não podem perder de vista a relevância da educação continuada para seus graduandos, quer ao longo da formação básica, quer após sua conclusão. Enfim, são urgentes estruturas curriculares mais flexíveis, que contemplem um número maior de matérias optativas e interdisciplinares. São urgentes currículos mais integradores, que favoreçam e estimulem visão ampla de mundo, em que as técnicas, como elementos essenciais, atuem, de fato, como meros instrumentos para difusão de informações aos diferentes segmentos sociais.

No que tange ao fator desmotivação, outras duas atitudes podem ser relacionadas: o comodismo e a falta de definição da área. A primeira atitude está intrinsecamente relacionada com a falta de interesse e a estagnação da capacitação. Entende-se que, se um indivíduo não busca por novos conhecimentos para aprofundar as suas experiências ou "abrir novos horizontes", depara-se com uma situação de acomodação, que, por sua vez, culmina na desmotivação.

Um terceiro subtema discutido sobre a atitude do bibliotecário contemporâneo reside na falta de uma maior participação na geração de pesquisas inovadoras. A maximização da prática de produção científica por parte do bibliotecário é de extrema relevância para a visibilidade de suas atividades, experiências e compartilhamento dos resultados. O compartilhamento de pesquisas contribui também para a adoção de ações inovadoras em cada biblioteca.

Por fim, foi observado o pouco engajamento dos bibliotecários nas questões sociais. Considera-se que o bibliotecário deve envolver-se em ações essenciais em prol da sociedade.

No segundo momento, a discussão enfocou as atitudes necessárias e desejadas para um bibliotecário. Observa-se que alguns itens relacionados pelo grupo são relacionados à atitude do bibliotecário atual, como uma espécie de "ajuste". Assim, destacam-se da discussão as atitudes dos bibliotecários relacionadas à maior

participação nas questões da classe e nas questões sociais. O destaque foi dado aos bibliotecários mais proativos e integrados. Ressalta-se o discurso e a importância dada pelo grupo no que tange ao maior estreitamento com as entidades representativas da classe, como o Conselho Federal de Biblioteconomia, os Conselhos Regionais de Biblioteconomia, as Associações de Bibliotecários e os sindicatos. Segundo Barbalho e Rozados (2008, p. 1),

> os conselhos profissionais regulatórios das profissões liberais são pessoas jurídicas que visam a defesa dos interesses econômicos, políticos, sociais e laborais da classe profissional, bem como se destinam a fiscalização do exercício das respectivas profissões com vista a proteção do coletivo no que tange ao exercício profissional qualificado.

A aproximação entre os profissionais e suas entidades representativas, sem dúvida, busca fortalecer a profissão e favorecer o alcance dos interesses comuns a todos os profissionais da área. Ainda, infere-se que a integração e a participação de novos profissionais nas esferas de entidades representativas, seja por meio das assembleias, seja mediante participação como membros na chapa, conselheiros, entre outros cargos possíveis, trazem renovação às discussões e propiciam a sustentabilidade dessas instituições.

QUADRO 2
Grupo tema 1 – Bibliotecário: atitude atual *versus* bibliotecário – atitude desejada

	Bibliotecário – atitude atual	Bibliotecário – atitude desejada
1	Desmotivado	Formação continuada
2	Desatualizado	Maior representatividade dos Conselhos
3	Formação acadêmica a desejar	Maior participação dos graduandos na pós-graduação/ iniciação científica
4	Acomodado	Equipes multidisciplinares
5	Necessidade de repasse do conhecimento	Voluntariado
6	Necessidade de impulsionar sua produção científica	Necessidade de formação de grupos de estudos nas Associações
7	Falta de definição da área	Bibliotecário mais participativo
8	Questão social	União da classe
9	Escassez de publicações inovadoras	

Fonte: Grupo tema 1 do *Workshop* Bibliotecários do Século XXI.

A maior representatividade dos conselhos, a união da classe e o trabalho conjunto do bibliotecário em equipes multidisciplinares convergem em resultados positivos para o enriquecimento da profissão como um todo.

4 PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO: ATUAL E FUTURO

Com base nos resultados da discussão com o grupo durante o *Workshop* Bibliotecários do Século XXI, tem-se clara a necessidade do bibliotecário em acompanhar as mudanças que circundam a profissão e sua atuação. Almeida Júnior (2000, p. 31-32) faz uma crítica ao uso da denominação *bibliotecário* como designação para o profissional formado no curso de biblioteconomia. Segundo o autor, o seu uso é

> uma tentativa de manutenção de uma estrutura não mais condizente com as atuais necessidades sociais. Bibliotecário, aos olhos da sociedade, denomina-se todo aquele que trabalha no espaço da biblioteca, independente da existência ou não de uma formação específica. Além disso, tem o bibliotecário uma imagem deturpada, um estereótipo que acreditamos dissociado da realidade. Por que insistir no uso do termo bibliotecário, se a própria literatura da área o apresenta como não mais correspondendo à real atuação do profissional que atua em unidades de informação? Há sim uma conotação que acompanha a palavra bibliotecário e a remete para as esferas do ultrapassado, do retrógrado, do desnecessário. Acreditando-se que a profissão bibliotecária é útil socialmente e possui uma ação única, exclusiva e necessária para a sociedade, qualquer proposta de alteração do nome do profissional que a exerce é justificada.

Assim, o autor apresenta o termo *profissional da informação*, que tem sido comumente utilizado, ampliando o entendimento, e que acaba por abarcar outros grupos de profissionais que têm a informação como objeto de trabalho, como os arquivistas, por exemplo. Ponjuán Dante (1993, p. 93) aponta que o profissional da informação é compreendido como qualquer indivíduo que se relaciona profissionalmente e intensivamente com "qualquer etapa do ciclo de vida da informação". Targino (2010, p. 45) explica que "todos os bibliotecários são ou deveriam ser profissionais da informação, mas nem todos os profissionais da informação são bibliotecários. A eles, somam-se documentalistas, arquivistas, museólogos, administradores".

No estudo publicado em 1989, por Kira Tarapanoff, a partir de premissas pré-estabelecidas em sua pesquisa, a autora apresentou, à época, algumas características desejáveis para os profissionais da informação. Observa-se que, embora o trabalho já tenha mais de 25 anos de publicação, algumas premissas e comprovações apresentadas ainda são válidas para as discussões atuais, conforme a seguir descrito.

- *A biblioteca e/ou a unidade informacional são necessárias a todos os setores da organização*: *i)* o responsável pela unidade informacional tem conhecimento sobre a organização a qual pertence; *ii)* o responsável pela unidade informacional conhece a posição que a unidade informacional ocupa dentro da organização; *iii)* o responsável pela unidade informacional tem uma participação secundária no processo decisório; *iv)* o responsável pela unidade informacional não possui autonomia administrativa e financeira integral; *v)* o responsável pela unidade informacional procura trabalhar

em equipe com outros setores, principalmente no desenvolvimento de projetos, mas também em outras atividades (preocupação ainda não inteiramente consolidada); e *vi)* o profissional da informação procura obter treinamento em administração e planejamento (mediante cursos de especialização e de reciclagem).

- *Nenhuma unidade informacional pode ser autocontida e/ou autossuficiente na provisão de informação*: *i)* o bibliotecário busca a cooperação; *ii)* a cooperação se processa em relação a vários serviços, mas, principalmente, em relação ao acesso físico a documentos, o que demonstra a impossibilidade de qualquer acervo, por mais especializado que seja, cobrir inteiramente uma área de especialização e atender à sua interdisciplinaridade; *iii)* o bibliotecário busca ter acesso a todo tipo de recursos informacionais necessários à sua instituição, procurando cobrir todo o ciclo documentário, desde a identificação dos geradores da informação até a sua disseminação; e *iv)* o bibliotecário manifesta uma preocupação com a normalização de atividades, principalmente aquela relacionada ao acesso físico aos documentos.
- *A biblioteca e/ou a unidade informacional devem centrar todas as suas atividades no indivíduo*: *i)* prestar serviços personalizados; *ii)* não usar corretamente o estudo de usuário para identificar necessidades informacionais do usuário; *iii)* oferecer um grande número de serviços ao usuário; *iv)* procurar levar a informação ao usuário, e não apenas colocá-la à disposição; e *v)* a não preocupação em treinar o usuário para fazer o melhor uso possível da informação organizada e disponível.
- *A biblioteca, como qualquer outra organização, sofre influência das principais características culturais, sociais, econômicas, políticas e outras do país ao qual pertence*: *i)* o bibliotecário, mesmo trabalhando em áreas de ponta, não possui autonomia administrativa e financeira; *ii)* o bibliotecário tem pouco prestígio político e pouca participação no processo decisório; e *iii)* o bibliotecário oferece serviços diversificados.
- *Servir a usuários de uma área especializada requer do bibliotecário e/ou do profissional da informação*: *i)* procurar trabalhar em equipe com outros especialistas; *ii)* não se preocupar, de uma forma consciente e organizada, em conhecer a área de especialização na qual trabalha; *iii)* não ter produção intelectual; *iv)* não se preocupar, de forma efetiva e organizada, em formar grupos de trabalho por área, em associação.
- *Para poder atender à interdisciplinaridade, o bibliotecário deve relacionar-se com sistemas informacionais afins e complementares, bem como conhecer os recursos informacionais*: *i)* o bibliotecário busca a cooperação com áreas

de interesse complementar ao da instituição; *ii)* essa cooperação se processa principalmente como empréstimo de documento e acesso físico a ele; e *iii)* o bibliotecário se preocupa em conhecer todos os recursos e as fontes de informação de interesse para a área de atuação da instituição.

Alinhando-se às novas características do profissional da informação, Rexach Trujillo, já em 2000, escreveu que há a necessidade de preparação, conhecimento e dotação de capacidade para utilizar com eficiência:

- as novas tecnologias de informação: computação, telecomunicação;
- a exportação dos recursos de informação;
- o desenho e o desenvolvimento de produtos e serviços de informação de alto valor agregado;
- a utilização de meios de informação;
- a edição de publicações;
- as atividades de mercados;
- a implantação de um sistema de qualidade na gestão da informação;
- a gestão de organizações de informação; e
- a realização de pesquisas científicas com flexibilidade e inteligência para enfrentar o desenvolvimento acelerado da indústria da informação.

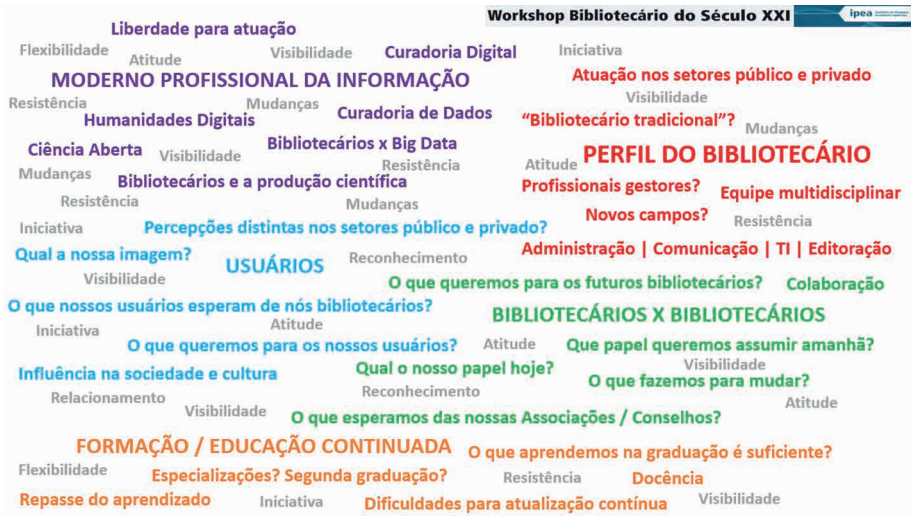
Ainda que haja uma distância temporal na citação supracitada, ela apresenta as mesmas reflexões atuais e que também foram argumentadas durante o *workshop*. Ressalta-se dessa abordagem a presença de atividades mais aproximadas do campo da comunicação científica – o bibliotecário como produtor de conhecimento, além do papel da biblioteca como apoio à pesquisa. Também traz à luz o termo moderno profissional da informação, conceito este apresentado há quase vinte anos pela Federação Internacional de Informação e Documentação (FID). Indica-se o adjetivo *moderno* como característica que associa a capacidade de flexibilidade do profissional com as novas condições e estruturas de sua época (Ponjuán Dante, 2000).

As atividades e os perfis dos novos profissionais da informação, apesar de já serem evidenciados na literatura científica há mais de quinze anos, ainda se constituem em um desafio para muitos bibliotecários. O trabalho nos chamados ambientes híbridos exige do bibliotecário a necessidade de buscar conhecer os novos conceitos; a imprescindível aproximação com as tecnologias; e a atenção às novas dinâmicas de comunicação, gestão e divulgação da pesquisa.

A figura 2 busca sintetizar esses horizontes para o trabalho bibliotecário, trazendo também para essa discussão o conceito de humanidades digitais.

Essa expressão significa a intersecção entre as tecnologias e as ciências humanas e sociais. O termo humanidades digitais representa bem os indivíduos que conseguem integrar as duas áreas para a realização de suas atividades laborais.

FIGURA 2
Os novos horizontes dos bibliotecários



Elaboração da autora.

Nesse sentido, pondera-se que as humanidades digitais têm se consolidado como um novo campo de pesquisa (Galina Russell, 2011; Guerreiro e Borbinha, 2014). Segundo Guerreiro e Borbinha (2014, p. 2), "o alcance das humanidades digitais ultrapassa largamente a mera transferência do [meio] analógico para o meio digital, centrando-se no desafio epistemológico e na articulação com os conhecimentos e os métodos utilizados nas ciências humanas com o mundo digital".

No anseio das questões sociais, o bibliotecário, bem como outros profissionais da informação, também tem suas responsabilidades ao usufruir das novas habilidades discutidas. Segundo Pires (2012), "os bibliotecários do terceiro milênio precisam desenvolver de forma condizente a disseminação da informação como forma de fornecer aos seus consulentes informações relevantes para que os mesmos possam usá-las de maneira eficiente". O autor aponta que, ao tomar para si um papel de agente transformador social, "o profissional da informação tem assumido funções diversas, como: agente educacional, social, cultural; promovendo a competência no uso da informação, além disso, desenvolvendo nos usuários o aprendizado através do estímulo à leitura".

Por fim, Prado e Cavaglieri (2016, p. 95) apontam para a necessidade de práticas inovadoras nas bibliotecas. De acordo com os autores, "a inovação passa a acontecer nas bibliotecas quando estas percebem que somente os registros informacionais bibliográficos já não atenderão uma sociedade conectada, participativa e com acesso rápido e vasto a uma variedade de recursos". Para o alcance dessa inovação, infere-se que o conhecimento e a adoção dos novos fazeres, de acordo com o conceito de humanidades digitais, mostram-se como pontos-chave para seu sucesso. Ainda, a busca pela inovação deve ser constante para qualquer profissional da informação, tendo, assim, o aprimoramento e as atualizações periódicas impactos cada vez mais crescentes na oferta dos produtos e serviços ao usuário.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É certo que a informação tem papel fundamental e cada vez mais representativa para o desenvolvimento social, científico e tecnológico em um país. Tal fato tem exigido dos profissionais que lidam no dia a dia com esse insumo, em especial os bibliotecários, uma nova postura profissional para atuação, levando em conta também a velocidade e a explosão da geração de novos conteúdos.

Afirma-se que, com todas as revoluções provocadas pelos avanços contínuos das tecnologias da informação e comunicação, os bibliotecários não devem se restringir ao suporte ao qual a informação está registrada. Também não podem se limitar ao currículo de sua formação, que, segundo Santos (1996, p. 7), é "herdeiro do tecnicismo norte-americano", e de acordo com Guimarães (1998, p. 132), "o currículo se constitui, em última análise, em um meio para a operacionalização de uma concepção educacional (esta sim o âmago da questão), visando à formação de um determinado profissional". Os bibliotecários devem, sim, atuar com a própria informação, independentemente do formato em que esta se encontre. Como lado positivo, o cenário de avanços das tecnologias contribui para o maior compartilhamento de informações entre as próprias bibliotecas e os profissionais, o que impulsiona, mesmo que indiretamente e/ou informalmente, a formação de redes de relacionamento, de cooperação, catalogação cooperativa, entre outros. O importante nesse momento é o foco no usuário, maximizando o alcance de serviços, produtos e atividades da biblioteca à comunidade em geral.

Sendo assim, respondendo às perguntas apresentadas na introdução deste capítulo, considera-se que o bibliotecário tem um futuro promissor para atuação, visando à ampliação de suas atividades e à necessidade de maior aproximação com as tecnologias da informação e comunicação. A sua participação nos mais diversos espaços, bem como a busca por maior integração com os demais colegas de profissão e o fortalecimento de suas entidades representativas, converge para o enriquecimento do profissional bibliotecário. Ainda, de acordo com O'Brian (2010), as iniciativas relacionadas com a *ciberinfraestrutura* (*e-Science*), curadoria de bases

científicas de dados, entre outras, elevam a biblioteca para uma posição-chave em prol do desenvolvimento.

O discurso da professora Marta Valentim, em 1995, parece continuar a valer nos dias de hoje:

> O bibliotecário precisa reencontrar seu caminho para processar a mudança de paradigma. Ousadia é essencial! Mudança não é fácil de se executar, requer persistência, tolerância, determinação e o mais importante, dá condições para a reflexão e o debate. Estar sintonizado com o novo paradigma é fundamental para o profissional da informação. O terceiro milênio vai exigir isso (Valentim, 1995, p. 5-6).

Aliada às palavras de Marta Valentim, a discussão realizada durante o *Workshop* Bibliotecário do Século XXI mostra-se bastante profícua para o contínuo debate sobre o bibliotecário atual e o profissional desejado para atuação futura. No entanto, observamos que a atuação desejada não deve ser apenas conjugada como ação ainda a ser realizada. Temos a necessidade de que essas mudanças identificadas para a atuação devem, a cada dia, ser maiormente incorporadas no fazer bibliotecário, tendo em vista a celeridade das quebras de paradigmas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Profissional da informação: entre o espírito e a produção. *In*: VALENTIM, M. L. P. (Org.). **O profissional da informação**: formação, perfil e atuação profissional. São Paulo: Polis, 2000. p. 31-51. (Coleção Palavra-Chave, 10). Disponível em: <https://goo.gl/xNALyR>. Acesso em: 3 maio 2017.

ANNA, J. S. O futuro do profissional bibliotecário: desmistificando previsões exageradas. **Biblionline**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 1-6, 2014. Disponível em: <https://goo.gl/UMqgFw>. Acesso em: 3 mar. 2017.

ASHCROFT, L. Developing competencies, critical analysis and personal transferable skills in future information professionals. **Library Rewiew**, v. 53, n. 2, p. 82-88, 2004. Disponível em: <https://goo.gl/Au65Mb>. Acesso em: 3 mar. 2017.

BARBALHO, C. R. S.; ROZADOS, H. B. F. Competências do profissional bibliotecário brasileiro: o olhar do Sistema CFB/CRBs. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais**... São Paulo: Ancib, 2008. Disponível em: <https://goo.gl/eV4c3R>.

COELHO NETO, J. T. Do paradigma do acervo para o paradigma da informação. *In*: SIMPÓSIO BRASIL-SUL DE INFORMAÇÃO, 1., 1996, Londrina. **Anais**... Londrina: UEL, 1996.

CRB-6 – CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA DA 6ª REGIÃO. Carreiras. **CRB-6**, 2017. Disponível em: <https://goo.gl/z2XMkS>. Acesso em: 27 set. 2017.

ECO, H. **O nome da rosa**. Rio de Janeiro: O Globo, 2003.

FREY, C. B.; OSBORNE, M. A. **The future of employment**: how susceptible are jobs to computerisation? [s.l.: s.n.], set. 2013.

GALINA RUSSELL, I. El papel de las bibliotecas en las humanidades digitales. *In*: GENERAL CONFERENCE AND ASSEMBLY (Ifla), 77., San Juan, Porto Rico. **Anais**... San Juan: Ifla, 2011. Disponível em: <https://goo.gl/DbRw6R>. Acesso em: 5 maio 2017.

GUERREIRO, D.; BORBINHA, J. Humanidades digitais: novos desafios e oportunidades (novo artigo). **Revista Internacional del Libro, Digitalización y Bibliotecas**, v. 2, n. 2, 2014. Disponível em: <https://goo.gl/6TrFAz>. Acesso em: 27 set. 2017.

GUIMARÃES, J. A. C. Moderno profissional da informação: a formação, o mercado de trabalho e o exercício profissional. **CFB Informa**, Brasília, v. 3, n. 2, p. 6-7, abr. 1998. Disponível em: <https://goo.gl/wi2Zab>. Acesso em: 7 maio 2017.

MADUREIRA, H. O.; VILARINHO, L. R. G. A formação do bibliotecário para atuar em bibliotecas digitais: uma questão a aprofundar. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 3, p. 87-106, set./dez. 2010. Disponível em: <https://goo.gl/pgaTVG>. Acesso em: 8 jun. 2017.

MUELLER, S. P. M. Perfil do bibliotecário: serviços e responsabilidades na área da informação e formação profissional. **Revista Biblioteconomia e Documentação**, Brasília, v. 17, n. 1, p. 63-70, jan./jun. 1989. Disponível em: <https://goo.gl/oZh8e4>. Acesso em: 2 mar. 2017.

O'BRIAN, L. The changing scholarly information landscape: reinventing information services to increase research impact source. *In*: INTERNATIONAL CONFERENCE ON ELECTRONIC PUBLISHING, 14., 2010, Helsink, Finlândia. **Anais**... Helsink: Griffith University, 2010.

PIRES, E. A. N. O bibliotecário como agente transformador social: sua importância para o desenvolvimento da sociedade informacional através da disseminação da informação. *In*: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 15., 2012, Rio Grande, Rio Grande do Sul. **Anais**... Rio Grande: Ichi, 2012. Disponível em: <https://goo.gl/93HpKL>. Acesso em: 8 jun. 2017.

PONJUÁN DANTE, G. Does the modem information professional have a life cycle? **F/D News Bulletin**, v. 43, n. 3, p. 61, 1993.

_____. Perfil del profesional de información del nuevo milênio. *In*: VALENTIM, M. L. P. (Org.). **O profissional da informação**: formação, perfil e atuação profissional. São Paulo: Polis, 2000. p. 31-51. (Coleção Palavra-Chave, 10). Disponível em: <https://goo.gl/xNALyR>. Acesso em: 3 maio 2017.

PRADO, J. M. K.; CAVAGLIERI, M. A inovação para os bibliotecários de uma instituição de educação profissional: conhecendo o perfil para continuar inovando. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, Marília, v. 3, n. 2, p. 93-108, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://goo.gl/4ApW4n>.

REXACH TRUJILLO, M. E. Nuevos retos del profesional de la información a las puertas del tercer milenio. **Universo Diagnóstico**, v. 1, n. 1, p. 14-16, 2000. Disponível em: <https://goo.gl/C1dyTn>.

SANTOS, J. P. O moderno profissional da informação: o bibliotecário e seu perfil face aos novos tempos. **Informação & Informação**, Londrina, v. 1, n. 1, p. 5-13, jan./jun. 1996. Disponível em: <https://goo.gl/t5Wx9s>.

SILVEIRA, F. J. N.; REIS, A. S. Biblioteca como lugar de práticas culturais: uma discussão a partir dos currículos de biblioteconomia no Brasil. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais**... São Paulo: Editora da USP, 2008. Disponível em: <https://goo.gl/3BBEB3>.

TARAPANOFF, K. O profissional da informação em áreas de ciência e tecnologia no Brasil: características e tendências. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 18, n. 2, p. 103-119, jul./dez. 1989. Disponível em: <https://goo.gl/9hSKNh>.

TARGINO, M. G. A biblioteca do século XXI: novos paradigmas ou meras expectativas? **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 20, n. 1, p. 39-48, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://goo.gl/eY2gFb>. Acesso em: 8 jun. 2017.

THE TIME machine. Produção de Simon Wells e Gore Verbinski. Estados Unidos: DreamWorks Pictures; Warner Bros. Pictures, 2002. (96 min.).

VALDEZ, T. Tirinhas de quadrinhos, charge, imagem, humor de biblioteca, bibliotecário, leitura e livros. **Biblioteca e Arte**, 2014. Disponível em: <https://goo.gl/iX7QGV>. Acesso em:

VALENTIM, M. L. P. Assumindo um novo paradigma na biblioteconomia. **Informação & Informação**, Londrina, v. 0, n. 0, p. 2-6, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://goo.gl/Hw9Qdq>.

WALTER, M. T. M. T.; BAPTISTA, S. G. A força dos estereótipos na construção da imagem profissional dos bibliotecários. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 17, n. 3, p. 27-38, set./dez. 2007. Disponível em: <https://goo.gl/BshqBD>. Acesso em: 8 jun. 2017.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

OLIVEIRA, Z. C. P. **Um estudo da autoimagem profissional do bibliotecário**. 1980. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 1980. Disponível em: <https://goo.gl/WfrKtG>.

VALENTIM, M. L. P. (Org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002. 152 p. (Coleção Palavra-Chave, 13). Disponível em: <https://goo.gl/AjsbVL>.

CAPÍTULO 2

O BIBLIOTECÁRIO E O SEU RELACIONAMENTO COM A TECNOLOGIA

Bianca Amaro[1]

1 INTRODUÇÃO

A evolução da sociedade sempre esteve marcada pelo desenvolvimento de novas técnicas e tecnologias. As descobertas fazem com que o modo de vida e as formas de atuar se transformem. Desde a invenção da roda, passando pela revolução industrial do fazer, seja ele relacionado à condução da vida, seja às atividades profissionais, está em constante estado de mudança.

Dessa forma, e seguindo a lógica evolutiva, ao tempo em que surgiram várias novas profissões, outras foram se adaptando aos novos tempos ou até mesmo sendo extintas. Custa imaginar a existência, um dia, de profissões tais como: despertador, acendedor de luzes, carregador de troncos e até mesmo radar humano.[2] Não há lugar a dúvidas que o desenvolvimento e aprimoramento da tecnologia têm sido motivos preponderantes na transformação das profissões. Muitas vezes vemos ocorrer criações tecnológicas do homem que decorrem na substituição do homem por processos mecanizados. Entretanto, apesar de cada vez mais "inteligentes", muitas das tecnologias ainda não prescindem da inteligência humana, que serve como qualificador do trabalho realizado. Referimo-nos aqui àqueles produtos de caráter intangível, tais como a informação que leva ao conhecimento.

Pereira e Cunha (2007, p. 44) defendem que:

> Informação e conhecimento sempre estiveram, ao longo da história, relacionados ao processo de desenvolvimento humano. Movido por este processo, o avanço das tecnologias de informação, encontra-se hoje no centro da reformulação de uma nova

1. Doutora em linguística aplicada pela Universidade Pompeu Fabra (2003), formação em direito e letras, atuando principalmente nos seguintes temas: comunicação científica, direitos autorais e acesso aberto à comunicação científica. Coordenadora dos projetos de acesso aberto do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Coordenadora da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Coordenadora do projeto Repositórios Institucionais de Acesso Aberto. Coordenadora do Diretório de Políticas de Acesso Aberto de Revistas Científicas Brasileiras (Diadorim). Coordenadora do Portal de Publicações Científicas em Acesso Aberto (oasisbr). Coordenadora do projeto Biblioteca Digital Brasileira (BDB). Membro do Comitê Diretor da Rede Federada de Repositórios Institucionais de Publicações Científicas (LA Referencia). Coordenadora do projeto Revistas Científicas Brasileiras de Acesso Aberto. Coorganizadora das Conferências Luso-brasileiras de Acesso Aberto (Confoa), em conjunto com Portugal. Ganhadora do prêmio internacional Electronic Publishing Trust for Development (EPT 2015).

2. Para mais detalhes, ver: DEZ profissões que desapareceram ao longo do tempo. *Jornal O Globo*. Disponível em: <https://goo.gl/P6BcwW>.

> ordem mundial. O acesso rápido à informação leva à aceleração do conhecimento e este, por sua vez, gera novos conhecimentos de maneira cada vez mais ágil o que não encontra precedentes na nossa história (Pereira e Cunha, 2007).

É nesse contexto que se insere o profissional da informação, notadamente, o bibliotecário.

2 A EVOLUÇÃO DA PROFISSÃO DO BIBLIOTECÁRIO

Desde o surgimento das primeiras bibliotecas nos impérios antigos até a atualidade, a profissão de bibliotecário vem tendo a sua evolução acompanhada pela tecnologia. A criação de métodos e técnicas de organização, armazenamento, disseminação e preservação da informação têm exigido dos bibliotecários um constante repensar a sua profissão. Há muito tempo, o fazer bibliotecário não se resume à tarefa de manter as bibliotecas como "templos sagrados do saber". As transformações sociais trazem consigo uma sede inesgotável e frenética de informações. Segundo Ferreira (2003), vivemos em um ambiente de mudanças onde a informação é vital, contudo, a quantidade e a abrangência não possuem a relevância da qualidade da informação.

É relevante ser considerado que na atualidade, conforme Fonsêca e Oddone (2005), "as estruturas sociais cobram dos profissionais de informação uma nova postura profissional; utilização de novos instrumentos de análise e disseminação das informações compatíveis com a produtividade/competitividade".

De acordo com Valentim (2000), as tecnologias de informação têm modificado o formato, o suporte, o processamento e a disseminação da informação, como também tem influído na forma de mediação entre o bibliotecário e o usuário. Silva (2004, p. 85) defende que "em razão das tecnologias emergentes aplicadas da sociedade, ocorrem impactos sobre as bibliotecas ou unidades de informação".

Ao tempo em que as tecnologias de informação vêm auxiliando nos processos de tratamento, organização e disseminação da informação, essas mesmas tecnologias fizeram com que ocorresse o surgimento de uma avalanche informacional. A internet e a *web* propiciaram a criação e circulação de volumes incomensuráveis de informação.

Em 2016, a International Federation of Library Associations and Institutions (Ifla)[3] publicou o *Ifla Trend Report 2016 Update*, documento que analisa e compartilha o resultado de três anos de debates e discussão da comunidade internacional de bibliotecas. Trata-se de uma atualização do documento *Ifla Trend Report*, de 2013, produzido no *World Library & Information Congress*, em Cingapura. Nesse documento de 2013, foram identificadas cinco tendências de alto nível que fazem parte do processo de transformação do nosso ambiente global de informação.

3. Para mais informações, ver: <https://www.ifla.org/>.

Esses desenvolvimentos dizem respeito à evolução no acesso à informação, educação, privacidade, novas formas de engajamento digital e transformação tecnológica. O *Ifla Trend Report* reconhece que o acesso à informação tem uma profunda influência sobre a evolução futura da economia da informação. Questiona também, quais são as habilidades necessárias que os bibliotecários deverão ter para ajudar seus usuários a lidar com as informações digitais. Mais especificamente no que se refere à América Latina, o *Ifla Trend Report 2016 Update* aponta desafios a serem enfrentados pela região, que estão relacionados com a necessidade de ir além do problema de conectividade e abordar os problemas de desigualdades e exclusões sociais, a necessidade de revisão do ambiente de informação, a reflexão se as tecnologias fortalecem ou não as comunidades e como as bibliotecas podem metabolizar de forma bem-sucedida as mudanças culturais e digitais.

A profissão de bibliotecário tem sido alvo de reflexões e questionamentos constantes no que se refere à sua necessidade de acompanhamento dessa realidade. Nesse sentido, a classe tem buscado discutir e pensar quais são os novos papéis a serem desempenhados, assim como qual o perfil exigido dos profissionais na atualidade.

3 *WORKSHOP* BIBLIOTECÁRIO DO SÉCULO XXI

No final do mês de janeiro deste ano de 2017, o Ipea realizou o *workshop* Bibliotecário do século XXI. O evento teve como objetivo promover o debate a respeito dos desafios da profissão neste século. Após o lançamento do livro *Biblioteca do século XXI: desafios e perspectivas*, organizado por Anna Carolina Mendonça Lemos Ribeiro e Pedro Cavalcanti Gonçalves Ferreira, técnicos de desenvolvimento e administração do Ipea, foram promovidos debates sobre cinco temas: *i)* a atitude do bibliotecário; *ii)* o bibliotecário e o seu relacionamento com a tecnologia; *iii)* bibliotecários e seus concorrentes; *iv)* o papel cultural e social; e *v)* mercado de trabalho do bibliotecário.

A discussão contou com a participação de profissionais de diferentes bibliotecas e setores da área de informação. A metodologia utilizada foi a breve exposição de pontos relacionados com cada temática abordada, por parte de mediadores convidados pelo Ipea. A partir dos pontos levantados, deu-se início à discussão aberta e vários outros aspectos relacionados à temática foram trazidos e debatidos pelos participantes. A seguir serão apresentados os pontos discutidos, as reflexões feitas, como também o tratamento de diversos autores da área.

3.1 O bibliotecário e o seu relacionamento com a tecnologia

Esta temática, uma das sugeridas pela organização do evento, contou com a mediação da presente autora, Bianca Amaro, do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT); com a relatoria de Marcel Stanlei Monteiro,

servidor da biblioteca do Ipea; e o apoio de Sidrach Dantas de Morais, da Divisão de Capacitação e Desenvolvimento de Pessoas (DVCAD) do Ipea.

Participaram das discussões os seguintes profissionais: Felipe Araújo Soares, do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen); Thaís Helena S. Galvão, do Ministério da Saúde (MS); Reina Caires de Souza, do MS; Ângela Maria de Oliveira e Letícia Gomes T. da Silva, do Serviço Social da Indústria (Sesi); Kelson A. de Menezes, da Universidade Católica de Brasília (UCB); Rayana de Azevedo, da Procuradoria-Geral do Distrito Federal (PGDF); Patrícia Abreu de Souza e Fhillipe Campos, da Universidade de Brasília (UnB); Idalécio José de Aquino, do Tribunal de Contas do Distrito Federal (TCDF); Marília Santana, do Senado; Mariana Ferreira Varjão, Raissa da Veiga de Meneses, Jainne Aragão C. Fernandes e Suellen Alves da Silva, do Tribunal Superior do Trabalho (TST) e do Tribunal de Justiça (TJ); Letícia Guarany Bonetti, Camilla J. Barbosa Silva, e Bruna Larissa Sales de Lima, da UnB; Andresa Elias Duarte, do Ministério Público (MP); Rossana Coely O. Moura (IBRT); Andrea Carla Marques, do IBICT; Maria Isabel Ferreira Dias, da UnB; Gessyca da S. Lago e Janaína dos S. Melo, do Instituto Federal de Brasília (IFB).

Os principais tópicos levantados e abordados foram os seguintes:

- currículo acadêmico defasado;
- necessidade de formação continuada (sistemas);
- atendimento ao usuário (Google *versus* bibliotecário);
- dificuldades no tratamento de novas tecnologias;
- livros *versus* e-*books versus* periódicos;
- desconhecimento de programas auxiliares ao trabalho do bibliotecário, base de dados e acesso aberto à informação científica; e
- falta de atuação em grupo (bibliotecários).

3.1.1 Currículo acadêmico defasado

Não são de hoje as discussões relativas à necessidade de atualização dos currículos da formação em biblioteconomia. Como apontado anteriormente, a realidade com a qual os profissionais da área têm que lidar exige uma postura diferente daquela na qual entendia-se a biblioteca como um centro, estanque, aglutinador de coleções. Tanto o tratamento do material presente em uma biblioteca quanto aquele que extrapola os seus domínios físicos devem ser trabalhados de acordo com a contemporaneidade que tem transformado seus usuários em consumidores de informação vorazes e cada vez mais exigentes. Para isso, é mister que a formação dos bibliotecários esteja em constante revisão.

Valentim (2000, p. 20), já no início deste século, defende que "os cursos formadores devem disponibilizar todo e qualquer tipo de tecnologias ao seu corpo docente e discente, buscando um ensino-aprendizagem que permita ao profissional atuar no mercado de trabalho de forma segura e competente".

Segundo Paiva *et al*. (2017), as diretrizes do Ministério da Educação, no que se refere às competências e habilidades da área de biblioteconomia, estabelece que o curso deve desenvolvê-las nos níveis gerais e específicos. Entre as competências gerais, está a previsão do desenvolvimento e utilização de novas tecnologias.

É interessante notar que, nesse sentido, o grupo apontou, justamente, a problemática da falta de formação real na graduação de aspectos relacionados com as tecnologias. Segundo as opiniões apresentadas, a ausência de formação nas tecnologias, e principalmente nas mais atuais, que dão suporte e complementam as técnicas do trabalho dos bibliotecários, resultam em um despreparo do profissional no momento de assumir as suas funções em uma biblioteca.

3.1.2 Necessidade de formação continuada

Ainda que se venha a ter currículos atualizados de forma frequente, é fato que nenhuma formação, em nenhuma disciplina, de nenhuma ciência, logra abarcar todos os conhecimentos, de forma estanque, que são necessários para a realização de um trabalho de excelência. É sempre desejável que os profissionais de todas as áreas busquem formações complementares àquela recebida na academia. Esta afirmação torna-se ainda mais contundente quando nos referimos à área de biblioteconomia, uma vez que a matéria-prima de seu trabalho, a informação, apresenta inúmeras formas de abordagens em constante evolução. Considere-se, por exemplo, que até cerca da metade do século passado a biblioteconomia tratava da informação de caráter analógico. O surgimento e a disseminação das tecnologias de informação acarretaram em novas formas de tratamento, não antes presentes quando da formação acadêmica do profissional. Por esses motivos, o profissional de biblioteconomia necessita procurar formas de complementação à sua formação.

Para Andrade e Fonseca (2016, p. 128), uma vez que as ferramentas tecnológicas que possibilitam a realização das atividades informacionais estão diretamente ligadas à eficiência na atuação do profissional da informação, cabe ao profissional bibliotecário adequar sua função às novidades que surgem constantemente em sua profissão, procurando, assim, adaptar-se a um sistema que vem sofrendo modificações rapidamente.

Trata-se de uma profissão em que é patente a necessidade de formação continuada, dada a dinamicidade de suas transformações. Conforme Ferreira e Araújo (2016 p. 62), "as bibliotecas atravessaram os séculos incorporando novas

atribuições, novos serviços, lidando cada vez com mais suportes diversificados e, principalmente, acolhendo e dialogando com usuários." Nesse ambiente, torna-se imprescindível a realização de formação complementar, a fim de poder interagir de maneira eficiente e eficaz com a própria informação e seus usuários.

O grupo de discussão considera inquestionável a necessidade de complementação na formação do bibliotecário, principalmente àquela voltada para as tecnologias de informação, ao tempo em que critica a postura, em geral, passiva dos profissionais nesse sentido.

3.1.3 Atendimento ao usuário (Google *versus* bibliotecário)

A importância do trabalho realizado pelos bibliotecários vinha sendo inconteste, por parte de seus usuários, ao longo de sua existência. Entretanto, com o surgimento das tecnologias de informação e comunicação, notadamente a *web* e seus mecanismos de busca, nasceu a necessidade de se reavaliar a postura do bibliotecário frente a essas tecnologias. Hoje, é necessário melhor compreender o ambiente digital para uma melhor mediação com nativos digitais, como também com os usuários que se inseriram e atualmente transitam nesse mundo.

O grupo de discussão reconheceu a possibilidade de distanciamento dos usuários da biblioteca em virtude das possibilidades oferecidas pela internet, no que tange à busca de informações. O uso de motores de busca, notadamente o Google, tem tido grande apelo junto aos usuários. Aponta-se a facilidade de acesso a resultados de informações – uma vez que de qualquer dispositivo tecnológico, sejam os computadores pessoais, sejam os dispositivos de telefonia móvel, pode-se fazer buscas – como um dos principais fatores para o movimento de distanciamento e, porque não dizer, substituição dos serviços prestados pelos profissionais da biblioteca por parte de seus usuários.

Duarte e Antunes (2016, p. 169) fazem uma interessante reflexão: "Mas por que o Google? Diversos sistemas de busca na internet foram criados antes e após o Google. Entretanto, este se particularizou, diferenciando-se dos demais. Muitos autores até atribuem à empresa a proeza de tornar a web um meio razoável e organizado".

Nesse sentido, criticou-se a postura passiva dos bibliotecários ao lidar com a questão. Por um lado, essa passividade foi relacionada com a falta de proatividade no conhecimento mais aprofundado das tecnologias de informação e comunicação para o oferecimento de um uso avançado, com resultados mais eficazes, dessas ferramentas. A realidade aponta para o fato de que, em sua grande maioria, os profissionais das bibliotecas fazem uso dos motores de busca próximo àquele feito pelos usuários, não explorando, assim, todas as suas capacidades.

Por outro lado, também foi citada a ausência de *marketing* profissional relacionado com a matéria. Os bibliotecários não disseminam entre seus usuários a informação de que os motores de busca de caráter geral, por tratarem uma massa incontável de informações, não apresentam resultados refinados, e por muitas ocasiões a informação mais precisa não estará presente em seus primeiros resultados, fazendo com que essa informação termine por ser desconsiderada, portanto não acessada. Os bibliotecários perdem a oportunidade de divulgar para os usuários das bibliotecas que por meio do trabalho por eles desenvolvido é possível a obtenção de informações mais precisas, porque, de mais a mais, será esse profissional que deverá ter o conhecimento mais aprofundado do uso de buscadores, como também da possibilidade de realização de buscas em outras fontes de informação.

Na verdade, ao que parece, e corroborando com as críticas feitas pelo grupo de discussão, os próprios bibliotecários têm-se visto de maneira negativa frente à questão. Miller (2005 *apud* Duarte e Antunes, 2016, p. 169) alega que "os recursos oferecidos pela companhia, principalmente no que tange à prontidão e agilidade com que fornece as respostas em seu mecanismo de busca, tem feito muitos bibliotecários começarem a se sentir desnecessários e inseguros nestas condições".

3.1.4 Dificuldades no tratamento de novas tecnologias

As dificuldades encontradas pelos bibliotecários no manejo das novas tecnologias foi um ponto de concordância entre todos os participantes, logo, este foi o ponto central da discussão do grupo.

Ainda que sabedores da imprescindibilidade e inevitabilidade do uso das novas tecnologias de informação e comunicação, os profissionais da biblioteconomia apresentam resistências na incorporação de seu uso.

Segundo e conforme Valentim (2000, p. 20):

> As tecnologias de informação devem ser consideradas ferramentas básicas de trabalho, instrumental de trabalho para qualquer tipo de unidade de trabalho/informação, uma vez que o processamento, o gerenciamento e a recuperação e a disseminação da informação, através destas tecnologias, são mais eficientes e eficazes.

Como reiterado anteriormente, as tecnologias de informação e comunicação fazem parte da evolução da profissão de bibliotecário. Não sendo por escassez de recursos, já não mais se concebe o trabalho do bibliotecário sem o uso de tecnologias.

Segundo Almeida (2014 *apud* Ferreira e Araújo, 2016, p. 62), "as inovações tecnológicas sempre foram decisivas nas transformações ocorridas nas bibliotecas e em sua condição social". Um fenômeno que tem se expandido no mundo é a criação (ou transformação) de bibliotecas sem livros, onde o seu acervo é composto

somente por obras digitais. Encontramos inúmeros exemplos nos Estados Unidos, tais como *BiblioTech* (a primeira biblioteca pública daquele país somente com obras digitais) ou a biblioteca da Universidade Politécnica da Flórida.[4]

Não podemos deixar de considerar que, conforme Ferreira e Araújo (2016, p. 62), a década de 1990 foi um período em que ocorreram grandes mudanças, sobretudo no que diz respeito ao desenvolvimento das novas tecnologias da informação, à sua rápida difusão e às suas repercussões econômicas, políticas e sociais. As tecnologias adentraram as bibliotecas, entretanto, no Brasil, ainda é certo dizer que o seu uso não é encarado de forma tranquila entre os seus profissionais e a alegação mais recorrente é a falta de preparo para interagir com os novos recursos.

Ao tratar dos desafios e riscos das bibliotecas e bibliotecários na era da informação na Indonésia, Widharto (2006) aponta a importância do papel do bibliotecário no cenário tecnológico:

> *Technological advances brought on by the Internet have made it easier to access remote information, and librarians serve a critical role by organizing and facilitating access to distributed information and by teaching and educating users about new ways to access information* (Widharto, 2006, p. 8).

Seja por formação, seja por meio da busca de formação complementar, o fato é que os bibliotecários de hoje não mais podem se furtar de interatuar de maneira consistente com as tecnologias, uma vez que essas se tornaram ferramentas básicas para a realização de suas atividades.

Morato, Sánchez-Cuadrado e Fernández-Bajón (2016) apontam que a realidade trazida pela *web*, assim como as novas tecnologias, levam a consequências relacionadas com o mercado de trabalho, provocando a necessidade de ampliação em direção a um contexto mais atualizado do perfil profissional da informação e documentação.

Não se pode esquecer as palavras de Müeller (1996, p. 271) que defende que "o profissional que devemos ser é vivo e atuante. Como? Através do aprimoramento contínuo e afinado com a realidade".

Acostumados a lidar com ferramentas de trabalho que não estão sujeitas a atualizações constantes, tais como classificações e regras de tratamento de dados, muitas vezes, os bibliotecários se esquivam das tecnologias, utilizando-as, com muita parcimônia, quando estritamente necessário. Essa postura de distanciamento e desinteresse foi alvo de várias críticas formuladas pelo grupo de discussão.

4. As bibliotecas citadas podem ser acessadas por meio dos seguintes endereços: <http://bexarbibliotech.org/> e <https://goo.gl/6QEixn>.

3.1.5 Livros *versus e-books versus* periódicos

Entre os diversos avanços tecnológicos surgidos, a criação dos formatos digitais tem tido alto impacto nas bibliotecas.

Nascidas para administrar recursos de informação em formato impresso, as bibliotecas e os bibliotecários têm tido a missão de abrigar e aprender a lidar com os recursos digitais. Talvez, a mudança mais impactante tenha sido o surgimento dos livros eletrônicos (*e-books*), objeto intangível que marca substancialmente a sua presença na biblioteca da contemporaneidade. Como dito anteriormente, existem hoje bibliotecas que possuem apenas recursos digitais, entretanto, esta ainda não é uma realidade no Brasil. Pode-se dizer que as modernas bibliotecas brasileiras possuem hoje um modelo híbrido, onde seus acervos são compostos de material impresso e digital.

Reis e Rozados (2016, p. 1), ao caracterizar o livro eletrônico, ressaltam que este proporciona diversas possibilidades de uso e recursos intrínsecos ao seu formato, e, ademais, o consideram um meio promissor de disseminação e circulação de informações intelectuais e culturais.

Conforme Fenerick e Silva (2015, p. 10), os livros digitais possibilitam o acesso simultâneo, não limitando, assim, o acesso apenas ao número de itens impressos que faz parte do acervo dessas bibliotecas. Segundo as autoras, os livros digitais acabam por suprir as necessidades informacionais de uma quantidade maior de usuários e o país tem valorizado sua aquisição.

Importante também destacar outro recurso de informação que vem migrando do formato impresso para o digital: os periódicos. Cresce, de forma constante, o número de revistas que passaram a ser publicadas no formato digital. Algumas delas ainda mantêm as suas versões impressas, mas a tendência que se verifica é a diminuição da produção de revistas impressas.

Apesar de todas as vantagens relacionadas aos recursos de informação apresentados, segundo o grupo de discussão, os bibliotecários ainda não se sentem confortáveis, por assim dizer, no seu tratamento. Parte disso se deve ao fato de o bibliotecário ter de dominar as novas tecnologias relacionadas e fatores delas advindos, como gerenciamento de contratos de aquisição e assinaturas. Ainda não há uma consciência disseminada entre os bibliotecários de que, ao adquirir um recurso digital, deve-se ter em mente aspectos inexistentes da aquisição de material impresso. O bibliotecário deverá considerar, por exemplo, a possibilidade da multiplicidade de uso do material, assim como sua preservação ao longo do tempo. Talvez, por ainda não dominar por completo as tecnologias relacionadas com o livro e a revista digitais, e suas implicações, o bibliotecário ainda tenha tantas dúvidas no momento de abrigar esse tipo de material em seu acervo.

3.1.6 Desconhecimento de programas auxiliares ao trabalho do bibliotecário, base de dados e acesso aberto à informação científica

Ao adotar uma postura de resistência às tecnologias de informação e comunicação, os bibliotecários, por vezes, se furtam de utilizar programas e fontes de informação de grande utilidade para o seu trabalho. Trata-se, por exemplo, de programas para o gerenciamento de acervos, para a criação de repositórios digitais, gerenciamento de coleções de revistas.

No campo da busca de informação propriamente dita, existe hoje à disposição do público em geral, e dos bibliotecários em especial, fontes muito ricas, que seguramente lhe seriam muito úteis no atendimento às demandas de seus usuários. Destacam-se, notadamente, as bases de dados e os portais agregadores de acesso aberto. São importantes exemplos o Portal Brasileiro de Publicações Científicas em Acesso Aberto (oasisbr),[5] a Biblioteca Virtual de Saúde (BVS),[6] o Repositório Alice,[7] entre outros.

A discussão no âmbito do grupo salientou para a importância de o bibliotecário ter uma atitude mais ativa no que concerne à procura de novas fontes de informação organizadas nas mais diferentes tecnologias. Indicou também a necessidade do desenvolvimento de uma postura mais curiosa em relação à tecnologia, fazendo uso dela, testando-a e incorporando-a quando considerada de utilidade para a biblioteca.

3.1.7 Falta de atuação em grupo (bibliotecários)

De uma forma geral, ao tratar de todos os tópicos antes abordados, o grupo de discussão assinalou o problema da falta de atuação em grupo. Esta pouquidade de atuação em grupo faz com que, quando é necessário se fazer mudanças, sejam elas relacionadas com a alteração do currículo de formação, visando um enfoque mais tecnológico, ou sejam até mesmo no trato com as empresas que comercializam produtos e tecnologias para as bibliotecas, não exista uma força de grupo, o que consequentemente pode levar a situações não muito exitosas.

4 CONCLUSÕES

A evolução dos fazeres, das profissões, é consequência natural da própria evolução da sociedade. Ao longo deste capítulo, foi possível verificar a evolução do trabalho dos bibliotecários e como ainda é necessário melhorar sua relação com as tecnologias de informação e comunicação, inexoravelmente, presente na sua atuação contemporânea.

5. Ver: <http\\:oasisbr.ibict.br>.
6. Ver: <http\\:brasil.bvs.br>.
7. Ver: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/>.

Fica patente a resistência dos profissionais bibliotecários frente aos avanços tecnológicos, ainda que sabedores de seus benefícios. O fato é que já não há como culpabilizar a deficiência em sua formação, pois o profissional da informação de hoje, mais do que nunca, deve buscar constante formação complementar. Da mesma forma que não devemos atribuir à deficiência em sua formação como a única responsável pela sua frequente distância dos bibliotecários da tecnologia, apontou-se, na discussão realizada, que esse de fato é um problema a ser considerado quando se analisa a realidade. Entretanto, não pode o bibliotecário fechar-se no mundo das paredes de suas bibliotecas. Existe um mundo tecnológico e digital que deve ser mais explorado e dominado. As tecnologias de informação e comunicação (TICs) fazem parte da realidade da profissão e, por esse motivo, os bibliotecários devem estabelecer com elas uma relação estreita e contínua.

Os temores pelo desaparecimento da profissão e pela substituição de soluções tecnológicas devem ser dominados, dando lugar, assim, a uma postura mais ativa frente à realidade. A evolução das profissões é inevitável e sempre traz elementos a serem incorporados. Com a profissão dos bibliotecários não seria diferente. Ressalte-se, uma vez mais, a necessidade de o bibliotecário possuir uma maior intimidade com o mundo da tecnologia, para que ele possa ser um guia para seus usuários. Nesse sentido, entende-se o manejo de buscadores (por exemplo, o Google), o empenho por manter uma relação harmônica entre os materiais tradicionais e os tecnológicos (por exemplo, livros, revistas e *e-books*), a curiosidade em estar constantemente buscando novas fontes de informação e programas que aprimorem e facilitem o labor bibliotecário e, finalmente, a importância da atuação em grupo para uma maior união da classe.

As discussões realizadas no âmbito do *workshop* Bibliotecário do Século XXI, entre diversos profissionais da informação, foram de grande relevância por reportar um estado da questão e apontar para os movimentos necessários ao desempenho da profissão de bibliotecário neste século.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, V. B.; FONSECA, A. L. Formação continuada do bibliotecário: a importância da capacitação na área da informática para o profissional da informação. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 21, n. 47, p. 124-144, set. 2016. Disponível em: <https://goo.gl/8KHYnc>. Acesso em: 20 abr. 2017.

DEZ profissões que desapareceram ao longo do tempo. **Jornal O Globo**, [s.d.]. Disponível em: <https://goo.gl/ixGMPZ>. Acesso em: 18 abr. 2017.

DUARTE, A. B. S.; ANTUNES, M. L. A. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 167-179, dez./mar. 2016. Disponível em: <https://goo.gl/uohYJ2>. Acesso em: 14 abr. 2017.

FENERICK, G. M. P.; SILVA, M. R. Percepção de estudantes quanto ao uso do acervo de *e-books* de uma biblioteca universitária. **Biblos**, v. 29, n. 2, p. 5-19, 2015. Disponível em: <https://goo.gl/UXmB2p>. Acesso em: 14 abr. 2017.

FERREIRA, D. T. Profissional da informação: perfil de habilidades demandadas pelo mercado de trabalho. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 42-49, abr. 2003. Disponível em: <https://goo.gl/pvo5Fr>. Acesso em: 15 abr. 2017.

FERREIRA, E. G. A.; ARAÚJO, C. A. Á. A biblioteca contemporânea a partir da concepção dos bibliotecários e professores de Biblioteconomia. **Biblionline**, João Pessoa, v. 12, n. 3, p. 61-78, jul./set. 2016. Disponível em: <https://goo.gl/d2vG2v>. Acesso em: 20 mar. 2017.

FONSÊCA, Â. M. F.; ODDONE, N. Breves reflexões sobre o profissional da informação e sua inserção no mercado de trabalho. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Salvador. Informação, Conhecimento e Sociedade Digital. **Anais**... Salvador: UFBA, 2005. Disponível em <https://goo.gl/zM2LMF>. Acesso em: 20 abr. 2017.

IFLA – INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Ifla Trend Report 2013**. [s.l.]: Ifla, 2013. Disponível em: <https://trends.ifla.org/>. Acesso em: 25 mar. 2017.

_____. **Ifla Trend Report 2016 Update**. [s.l.]: Ifla, 2016. Disponível em: <https://goo.gl/zwTLqZ>. Acesso em: 25 mar. 2017.

MORATO, J.; SÁNCHEZ-CUADRADO, S.; FERNÁNDEZ-BAJÓN, M.-T. Tendencias en el perfil tecnológico del profesional de la información. **El Profesional de la Información**, v. 25, n. 2, p. 169-178, 2016. Disponível em: <https://goo.gl/vT7Jgq>. Acesso em: 20 abr. 2017.

MÜELLER, S. P. M. Formação profissional e educação continuada: que profissional devemos ser? *In*: SIMPÓSIO BRASIL-SUL DE INFORMAÇÃO, 1996, Londrina, Paraná. **Anais**... Londrina: Editora UEL, 27-30 maio 1996. p. 253-272.

PAIVA, A. H. V. *et al*. Biblioteconomia: aspectos da formação bibliotecária no contexto brasileiro. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, v. 1, n. 2, p. 1-20, abr. 2017. Disponível em: <https://goo.gl/7WKHkU>. Acesso em: 20 abr. 2017.

PEREIRA, E. A. J.; CUNHA, M. Reflexões sobre as profissões. **Enc. Bibli**: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., Florianópolis, n. 24, p. 44-58, 2007. Disponível em: <https://goo.gl/Uenjq6>. Acesso em: 21 mar. 2017.

REIS, J. M.; ROZADOS, H. B. F. O livro digital: histórico, definições, vantagens e desvantagens. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 19., Manaus, Amazonas, 2016, **Anais**... Manaus: Ufam, 2016. Disponível em: <https://goo.gl/v4sr5D>. Acesso em: 21 mar. 2017.

SILVA, J. F. M. O impacto tecnológico no exercício profissional em Ciência da Informação: o bibliotecário. *In*: VALENTIM, M. L. P. (Org.). **Atuação profissional na área de informação**. São Paulo: Polis, 2004. p. 83-96. Disponível em: <https://goo.gl/4MPa8j>. Acesso em: 20 abr. 2017.

VALENTIM, M. L. P. O moderno profissional da informação: formação e perspectiva profissional. **Encontros Bibli**: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., Florianópolis, n. 9, p. 16-28, 2000. Disponível em: <https://goo.gl/gcbfSn>. Acesso em: 25 mar. 2017.

WIDHARTO, W. Libraries and librarians in Indonesia in the information age: challenge and risks. *In*: CONFERENCE OF SOUTH EAST ASIAN LIBRARIANS, 13., Cambodia, Indonesia, 2006. **Anais**... Cambodia: [s.n.], 2006. Disponível em: <https://goo.gl/zepN1o>. Acesso em: 19 abr. 2017.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

RIBEIRO, A. C. M. L.; FERREIRA, P. C. G. (Orgs.). **Biblioteca do século XXI**: desafios e perspectivas. Brasília: Ipea, 2016. 353 p.

CAPÍTULO 3

A CONCORRÊNCIA DO BIBLIOTECÁRIO NO SÉCULO XXI

Cláudio Gottschalg-Duque[1]
Jhonathan D. F. Santos[2]

1 INTRODUÇÃO

A evolução das tecnologias de informação, aliada ao desenvolvimento dos setores de telecomunicação, ao crescimento das redes de informação e à popularização da internet, é fator marcante que caracteriza a sociedade atual, em que o acesso à informação e ao conhecimento se tornou estratégico e fundamental para o desenvolvimento.

O interesse econômico em torno da produção e do acesso à informação resultou na criação de diversas profissões que atuam no mercado informacional. Assim, os nichos de trabalho que por muito tempo estavam restritos a profissionais como bibliotecários, arquivistas e museólogos passaram a ser explorados por profissionais de diversas áreas envolvidas no fluxo informacional. Esses novos profissionais passaram a ocupar cargos e desenvolver atividades estratégicas relacionadas à gestão da informação, enquanto muitos bibliotecários ficaram restritos a atividades técnicas em bibliotecas. Ora, se o conhecimento necessário para a gestão da informação em formato impresso foi desenvolvido e aperfeiçoado durante muito tempo por bibliotecários, por que estes profissionais não estão ocupando cargos relevantes no momento em que o valor estratégico da informação está cada vez mais em evidência?

Para introduzir o entendimento dessa questão, recorre-se ao discurso de Ortega y Gasset feito em 1935, mas que ainda preserva muitas características atuais.

---

1. Possui graduação em letras com habilitação em português e alemão pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestrado em psicolinguística no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG, doutorado-sanduíche em linguística computacional no Angewandte Sprachwissenschaft und Computerlinguist – Justus – Liebig-Universität Giessen e doutorado em produção e gestão da informação no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação pela Escola de Ciência da Informação. Coordenador do grupo de pesquisa Research Expert Group for Intelligent Information in Multimodal Environment using Natural Language Technologies and Ontologies (Regiimento), coordenador acadêmico do doutorado interinstitucional em ciência da informação da Universidade de Brasília (UnB), professor adjunto na Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da UnB e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCINF-UnB). Foi professor visitante na Universidade de Mannheim, no grupo de pesquisa de Dados e Ciência da Web (Data and Web Science) no semestre de inverno 2013-2014. *E-mail*: <klauss@unb.br>.

2. Possui graduação em biblioteconomia, especialização em gestão de tecnologia da informação e mestrado em economia e gestão pública pela UnB. Atualmente é servidor na Biblioteca do Ipea, onde desenvolve atividades de referência e gestão do conhecimento, além de compor o grupo de trabalho relacionado ao projeto institucional "Biblioteca do Século XXI". *E-mail*: <jhonathan.santos@ipea.gov.br>.

Ao descrever a relevância do trabalho do bibliotecário no início do século XX, Ortega y Gasset (2006) relatou as mudanças e o estabelecimento da profissão durante a história à medida que o livro passou a ser reconhecido como necessidade social. A relevância atribuída ao livro estava relacionada à informação e ao conhecimento registrados, tendo em vista que o formato físico foi, durante muito tempo, a única forma de registrar informação. Nesse sentido, o profissional que guardava e organizava livros era semelhante a um guardião do conhecimento.

Na evolução da profissão do bibliotecário, Ortega y Gasset (2006) ressaltou um fator importante que distinguiu o profissional bibliotecário de outras pessoas que se ocupavam da organização dos livros: o próprio estabelecimento da profissão. O ofício do indivíduo que cuidava da guarda e organização de livros era motivado por seu interesse personalíssimo, e o fruto de seu trabalho, bem como o conhecimento produzido por ele, era perdido quando as atividades desse indivíduo eram interrompidas. Por outro lado, o estabelecimento da profissão do bibliotecário permitiu o compartilhamento e o uso de técnicas, e viabilizou o reconhecimento de uma relevante função social atribuída ao trabalho desse profissional. As características dessa profissão se perpetuaram por muito tempo, pois, mesmo depois do crescimento exponencial da produção de livros impressos, a responsabilidade de tratar, recuperar e conhecer livros e fontes de informação em geral se tornou ofício reconhecido e específico dos bibliotecários.

O cenário descrito por Ortega y Gasset (2006) há quase um século ainda preserva muitas características. A principal delas é que a quantidade de informação produzida todos os dias continua sendo muito superior à capacidade humana de organizar, compilar e recuperar. Certamente a produção atual de informação é muito superior a que poderia ter imaginado o autor, mas a preocupação com a necessidade e a capacidade de recuperar informação relevante ainda é a mesma. Porém, diferentemente do que foi descrito pelo autor naquele contexto, atualmente o *status* do bibliotecário não cresce proporcionalmente à necessidade e ao valor da informação. Ao contrário disso, a profissão tem ficado cada vez mais desvalorizada, refletindo no fechamento de bibliotecas e na perda de espaço para outros profissionais.

Ao retornar à questão apresentada anteriormente neste capítulo sobre a razão da desvalorização do bibliotecário mesmo diante de um cenário em que o valor da informação cresce exponencialmente, observa-se o regresso de uma característica apresentada por Ortega y Gasset (2006) ao tratar da evolução da profissão: atualmente não existe o reconhecimento social de um profissional, pois ainda não há uma classe profissional que domine adequadamente o tratamento e a recuperação da informação de acordo com as necessidades informacionais dos usuários da sociedade atual. Muitos profissionais, inclusive bibliotecários, vagueiam na

tentativa de ocupar esse espaço, mas essas tentativas ainda se limitam aos interesses e às habilidades pessoais de cada indivíduo e não refletem uma classe profissional. Há ainda uma situação mais alarmante: apesar de os bibliotecários já possuírem *expertise* para a gestão da informação em todo o ciclo informacional, existem outros profissionais que estão mais próximos de se estabelecerem com essa função, principalmente os profissionais que mais se familiarizaram com as tecnologias de informação e comunicação (TICs).

As questões apresentadas na introdução, bem como todas as discussões trazidas neste capítulo resultam das conclusões de um grupo de discussão profissional denominado "Bibliotecários x Concorrentes", que se reuniu no *workshop* "O Bibliotecário do Século XXI", promovido na sede do Ipea. O principal escopo das discussões realizadas nesse grupo foi a mudança no trabalho do bibliotecário relacionada a funções, demandas, atividades e mercados, bem como à perda de espaço para profissionais de outras áreas que executam atividades que poderiam ser desempenhadas por bibliotecários.

2 METODOLOGIA

Em janeiro de 2017, o Ipea promoveu um *workshop* chamado "O Bibliotecário do Século XXI" com a finalidade de reunir profissionais, estudantes e demais interessados para discutir questões relacionadas aos desafios profissionais do bibliotecário na atualidade. A assembleia foi dividida em cinco grupos de discussão, e as pessoas puderam escolher o grupo que trataria do assunto de seu interesse. Dessa forma, o grupo que gerou a discussão abordada neste capítulo era formado por dez profissionais: oito bibliotecários, um profissional de TIC que trabalha com automação de bibliotecas e um professor doutor, que coordenava a atividade. Os nomes dos participantes e suas respectivas instituições de origem se encontram a seguir: Adelaide Ramos e Côrte, Anastácia Freitas de Oliveira (Tribunal Regional do Trabalho da 10ª Região – TRT 10), Anna Carolina M. L. Ribeiro (Ipea), Cláudio Gottschalg-Duque (Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília – FCI/UnB), Janice Silveira (Câmara dos Deputados), Marcos R. Souza (Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC-PR), Maria Pulcheria Amaral Graziani (Organização das Nações Unidas – Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe – ONU-Cepal), Neide Alves Dias de Sordi e Sheila Gualberto Borges Pedrosa (Biblioteca Nacional de Brasília). Participou também desse grupo o bibliotecário Jeanluiz Ferreira Porto Monteiro (Ipea), que atuou como relator. Todos os profissionais tinham mais de cinco anos de atuação no mercado, sendo que seis dos bibliotecários tinham mais de vinte anos de atuação como profissionais da informação.

A metodologia adotada para o desenvolvimento do tema no grupo incluía breve abertura, conduzida pelo professor doutor Claudio Gottschalg-Duque, com a intenção de provocar o debate e estimular a contribuição de todos os participantes do grupo, seguida de *brainstorming*, no qual foram debatidas e compartilhadas experiências e pontos de vista por todos os integrantes. Por fim, a conclusão das discussões do grupo foi compilada e tabulada em uma matriz Swot a fim de apresentar à assembleia os resultados das discussões.

Outra informação relevante a respeito de como a discussão foi conduzida diz respeito ao entendimento do conceito de coetaneidade, cuja finalidade foi limitar adequadamente o alcance das discussões.

A discussão sobre coetaneidade e contemporaneidade se faz importante por conta do próprio tema do *workshop*, pois, quando se fala em bibliotecário do século XXI, é preciso considerar que se basear apenas no tempo cronológico não é suficiente para contextualizar a realidade vivida por diferentes profissionais. O conceito de coetaneidade abordado nessa discussão é baseado em Fabian (1983), que ressalta as diferenças de contexto em que os indivíduos se encontram, mesmo que sejam contemporâneos, devido a vários fatores, como sociais, econômicos e tecnológicos, por exemplo.

A coetaneidade e a contemporaneidade permeiam a vida de todos os seres humanos, porém a relação entre elas se dá de maneira mais explícita entre os profissionais da informação. Quando se observa um bibliotecário que trabalha em uma escola pública brasileira de periferia dentro da biblioteca escolar, conforme descrito por Duarte (2015) e Duarte e Antunes (2016), e um bibliotecário que trabalha em multinacional de TIC dentro do centro de memória da instituição, conforme apresentado por Nogueira (2016), percebe-se claramente que ambos são contemporâneos, mas não são coetâneos como profissionais da informação, por conta da quantidade de recursos de que dispõem para o desenvolvimento pessoal e profissional. Isto se reflete em vários aspectos profissionais desses dois bibliotecários. Enquanto um tem recursos informacionais condizentes com o século XXI, o outro tem dificuldades para atuar justamente devido à ausência desses recursos. Apesar dessa clara diferença de contexto, ambos devem construir uma coleção dinâmica baseada em um profundo entendimento das necessidades de informação dos seus clientes, ou seja, devem executar atividades de qualidade de um profissional da informação do século XXI. Além disso, devem se manter atualizados com relação às tecnologias emergentes, avaliar e comunicar o valor da organização da informação, incluindo serviços de informação, produtos e políticas para a alta administração; bem como devem se manter atentos às principais partes interessadas e aos grupos de clientes, em um contexto em que o mercado informacional passa por constantes mudanças.

A dificuldade de generalizar a contextualização dos profissionais em uma única discussão se dá porque é possível encontrar tanto bibliotecários atuando em

organizações que possuem recursos e permitem o desenvolvimento profissional, quanto outros que não possuem os mesmos recursos e oportunidades e acabam desenvolvendo apenas atividades técnicas, aparentemente deslocadas do contexto da sociedade da informação. Isso se reflete até na literatura: Alentejo (2016) descreve a função do bibliotecário em bibliotecas digitais; Brandão e Gottschalg-Duque (2011) tratam da função do profissional em centros de pesquisa; e autores como Ortega y Gasset (2006), Ferreira (2016) e Alvares, Amaro e Assis (2016) falam da relevância e do reconhecimento dos bibliotecários no desenvolvimento de atividades estratégicas e na participação mais ativa na sociedade. Ao mesmo tempo, é possível encontrar relatos como o de Duarte, Silva e Duque (2013), que citam os bibliotecários que permanecem trabalhando em uma visão antiquada de biblioteca. Na literatura também existem relatos sobre bibliotecários que trabalham de forma híbrida, por conta das atribuições de suas bibliotecas, entre o físico e o digital, como é o caso dos profissionais de bibliotecas universitárias (Santos, 2013).

Tendo em vista a infinidade de contextos que podem ser avaliados quando se trata de bibliotecários do século XXI, o recorte utilizado para avaliar esses profissionais foi limitado ao contexto no qual se encontram os membros do próprio grupo de discussão formado no evento, de forma que a ótica utilizada para falar sobre esses profissionais aborda sobretudo as bibliotecas brasileiras que prestam serviços a instituições públicas e privadas, especialmente em Brasília.

3 BIBLIOTECÁRIOS *X* CONCORRENTES: RESULTADOS DAS DISCUSSÕES EM GRUPO

No quadro 1 apresenta-se a matriz Swot resultante do *brainstorming* do grupo de discussão.

QUADRO 1
Matriz Swot apresentada pelo grupo de discussão à assembleia do *workshop* "O Bibliotecário do Século XXI"

Análise Swot	
Forças Ressignificação do papel do bibliotecário na sociedade atual. Proatividade dos profissionais. Identidade do bibliotecário como profissional da informação. Atuação desvinculada aos ambientes tradicionais de trabalho. Regulamentação da profissão e competência profissional estabelecida por lei.	Oportunidades Crescimento do mercado de informação. Avanço das TICs. Necessidade crescente de informação na sociedade atual.
Fraquezas Estagnação justificada pela regulamentação da profissão. Identidade e atuação relacionadas exclusivamente a bibliotecas físicas. Falta de proatividade da classe profissional. Defasagem do currículo acadêmico. Cultura do papel do bibliotecário.	Ameaças Instabilidades do mercado de informação. Versatilidade no perfil dos concorrentes. Diminuição dos cargos públicos. Mudanças no perfil do usuário.

Fontes: Côrte *et al*. (2017).

Como pode ser observado no quadro 1, alguns itens figuram em mais de um quadrante, ora por apresentarem características diferentes, ora por de fato representarem ao mesmo tempo fatores que podem ser entendidos por distintos pontos de vista. Portanto, optou-se por apresentar os resultados das discussões organizados pelos fatores incluídos nos quatro quadrantes, citados nos capítulos a seguir, em vez de utilizar os quadrantes característicos da própria matriz Swot como forma de classificação.

3.1 Mercado e necessidade crescente de informação na sociedade atual

Nas discussões do grupo, o mercado é apresentado tanto como oportunidade quanto como ameaça. A necessidade crescente de informação por parte da sociedade é vista como grande oportunidade, gerada inclusive pelo crescimento do setor de informação no mercado.

A existência de um mercado forte e em ascensão foi uma conclusão unânime do grupo e considerada a maior de todas as oportunidades possíveis e imagináveis durante o *brainstorming*. A necessidade que o mercado e as organizações têm de obter e tratar dados e informação, incluindo o *Big Data*, que também foi lembrado nas discussões, fornece grande vantagem profissional para o bibliotecário que investiu e investe em sua carreira.

O mercado de informação citado pelo grupo é resultado do crescimento e desenvolvimento da sociedade da informação. De maneira geral, a informação sempre foi fator relevante para o desenvolvimento, desde a criação da escrita até a criação de tecnologias, como a imprensa, o telefone, o rádio, a televisão e a internet, que permitiram aumento da produção, do armazenamento e da comunicação de informação. Porém, a relevância da informação e do conhecimento se tornou ainda mais evidente a partir da segunda metade do século XX, com o surgimento de um novo paradigma político-econômico conhecido como sociedade da informação. Embora a informação – como bem, coisa –, conforme conceito apresentado por Buckland (1991), tenha sido comprada e vendida desde os tempos antigos, a descrição da ideia de um mercado de informação é mais formalizada no fim do século XX (Mcgee e Prusak, 1993).

A evolução da sociedade e dos mercados já era prevista por autores como Dertouzos (1997), que sugeria que no século XXI viveríamos realmente a "Era da informação" e que em um futuro próximo teríamos um mercado da informação em que pessoas e computadores comprariam, venderiam e trocariam informação.

É importante ressaltar que o crescimento da sociedade da informação não se deve apenas a fatores tecnológicos, mas também a fatores sociais, políticos e econômicos (Takahashi, 2000). O entendimento disso facilita a compreensão da importância e participação de outros fatores, inclusive do mercado, que, segundo Ferreira (2003),

consome informação para obter vantagem competitiva, conseguida com mais captação de informação sobre produção, clientes, fornecedores e sobre o próprio mercado. Além do mercado, o autor ainda ressalta que os outros setores da sociedade (Estado e sociedade civil) também se beneficiam diretamente e possuem necessidades específicas de informação. Percebe-se, assim, que todos os setores da sociedade podem ser vistos como possíveis empregadores de bibliotecários.

Conforme pode ser observado, existe uma necessidade crescente de informação no mercado e na sociedade de maneira geral. Isso se torna ainda mais evidente quando se observa o setor de informação do mercado. Esse setor é conceituado por Verzola (2005) como parte da economia que lida com criação, manipulação, processamento, transmissão, distribuição e uso de informação. Simard (2005) descreveu a transição dos mercados tradicionais para os de informação por meio da metáfora que descreve que existem de um lado fornecedores de informação e do outro, usuários, ambos autônomos e negociando informação em vez de bens e serviços. É sobretudo nesse setor que se encontra a maioria dos profissionais da informação, e é esse setor que sofre diariamente influência de todas as mudanças políticas, econômicas e, principalmente, tecnológicas proporcionadas pelo uso da informação. Essas mudanças refletem em todos os demais itens citados nos quatro quadrantes da matriz Swot, pois influenciam tanto positiva quanto negativamente todo o mercado.

Se, para um lado, as mudanças relacionadas ao mercado são uma grande oportunidade devido a todas as possibilidades de trabalho que elas trazem, por outro lado, a instabilidade de um mercado em constante transição se torna também uma grande ameaça. Essa observação foi feita pelo grupo de discussão ao notar no mercado brasileiro que só existem oportunidades para profissionais competentes e proativos, tornando-se, assim, mais uma ameaça do que oportunidade. Isso pode ser confirmado por Takahashi (2000) quando afirma que cada vez mais se exige dos profissionais da informação contínua atualização e desenvolvimento de habilidades e competências, a fim de atender aos novos requisitos técnico-econômicos e aumentar sua empregabilidade. O autor também afirma que novas especializações profissionais e postos de trabalho surgiram, mas também diversas ocupações tradicionais foram transformadas, substituídas ou mesmo eliminadas por conta de todas as mudanças advindas com a sociedade da informação, deixando evidente que, para os profissionais que não possuem proatividade ou mesmo a possibilidade de se adequar ao novo contexto, as mudanças podem de fato se tornar uma ameaça.

3.2 Evolução das TICs e mudanças no perfil do usuário

As novas tecnologias de informação foram apontadas como oportunidades nas discussões do grupo ao mesmo tempo que a mudança no perfil dos usuários foi apontada como uma ameaça. Apesar de esses fatores se encontrarem em quadrantes diferentes, possuem forte correlação, pois as facilidades trazidas pelas tecnologias deixaram os usuários mais independentes na busca por informação, mudando, assim, o seu perfil.

O crescimento das TICs trouxe muitos benefícios para a sociedade, principalmente relacionados à conectividade, pois reduziram barreiras relacionadas a tempo e espaço. Essa nova realidade está inserida na sociedade de forma que já não é surpresa conseguir estabelecer contato imediato e coletivo com pessoas situadas em diversas partes do globo terrestre ou explorar um universo feito em realidade virtual. Takahashi (2000) já destacava as mudanças provocadas pelas tecnologias quando afirmou que a informação flui numa velocidade e em quantidade inimagináveis até pouco tempo atrás, assumindo valores sociais e econômicos fundamentais.

Entre as vantagens trazidas pelas TICs, pode-se destacar o papel de suporte às diversas etapas do ciclo informacional, facilitando todo o processo e, como consequência, o trabalho dos profissionais da informação. Além disso, a desvinculação da informação ao documento impresso facilitou o processo de comunicação entre as pessoas e até a comunicação científica. Outro benefício, apresentado por Verzola (2005), diz respeito à redução dos custos com produção, reprodução e armazenamento de informação. A lógica da produção de informação é diferente dos setores de produção de bens físicos, que contêm em cada unidade uma quantidade fixa de matéria e energia consumidas e cujo preço se reflete no custo de produção. Como a informação é algo intangível, os principais gastos são com recursos humanos e tecnológicos, pois a informação pode ser replicada e reproduzida a custo zero. Isso significa que, uma vez que a informação foi produzida, a sua escassez é totalmente eliminada.

Todas essas características são vistas como oportunidades, haja vista que os bibliotecários podem se beneficiar diretamente de todas as vantagens trazidas pelas TICs como suporte para facilitar e viabilizar a execução de seus trabalhos, desde que se mantenham atualizados.

Por outro lado, o crescimento massivo das TICs mudou o cenário e modificou a relação dos indivíduos com a informação, gerando novo perfil de usuários, com necessidades informacionais cada vez mais específicas. Dessa forma, o trabalho dos profissionais da informação está sujeito a mudanças constantemente tanto por conta do que se relaciona diretamente à tecnologia quanto por conta das novas necessidades dos usuários.

Assim, o usuário *millenial*, conceito apresentado por Fry (2016) para definir o perfil do indivíduo pertencente à chamada geração Y, foi identificado como sendo uma ameaça, pois ele é um natodigital que costuma saber e dominar a tecnologia com mais facilidade que os bibliotecários que não nasceram nessa geração. Por isso, as necessidades de informação desse tipo de usuário ainda são pouco exploradas ou mesmo desconhecidas pelos bibliotecários. Além disso, tendo por base uma economia baseada no consumo de informação, a quantidade e os perfis dos usuários crescem exponencialmente, exigindo um perfil profissional do bibliotecário cada vez mais multivalente, atualizado com questões políticas, sociais, econômicas e tecnológicas.

O foco do bibliotecário do século XXI é sobretudo o usuário. É para atender melhor a esse usuário, esse cidadão conectado, que o bibliotecário deve desenvolver mais e melhores competências profissionais e pessoais. O bibliotecário do século XXI, um indivíduo pertencente à era da informação digital, deve, por exemplo, dominar as redes digitais sociais, conforme dito por Gottschalg-Duque (2016), e se tornar aquele profissional da informação que conhece e entende das mídias sociais digitais e que atua como curador digital, educador, filtro, conector, facilitador, experimentador, guia e norteador.

3.3 Defasagem do currículo acadêmico

Até esse momento, foram tratados assuntos muito relacionados às habilidades e competências pessoais dos bibliotecários, porém é necessário destacar a relevância de se ter um currículo acadêmico que atenda às necessidades do mercado e que capacite o profissional adequadamente para cumprir seu papel. O currículo dos cursos de graduação em biblioteconomia foi apontado como fraqueza, pois não acompanha a evolução do mercado e não forma os profissionais para lidarem com questões básicas do dia a dia, exigindo que esses profissionais recorram individualmente a formações complementares, a fim de suprir a carência de conhecimentos que não foram adquiridos na graduação.

A formação do currículo acadêmico não depende apenas do desenvolvimento do mercado de trabalho em que os profissionais serão empregados, mas também de questões econômicas e políticas e do histórico do ensino e pesquisa da área em questão. Isso significa que, para que inovações de mercado sejam abordadas, pesquisadas e ensinadas nos currículos acadêmicos, existe uma série de fatores que também devem ser considerados. Para compreender melhor a formação atual dos profissionais de biblioteconomia no Brasil, será apresentado breve histórico nos parágrafos seguintes.

O primeiro curso de biblioteconomia no Brasil foi criado apenas em 1911, na Biblioteca Nacional. O curso surgiu com o Decreto nº 8.835, de 11 de julho de 1911. O diretor da Biblioteca Nacional, Manuel Cícero Peregrino da Silva, foi o responsável direto pela criação do curso. Porém, devido à desistência dos inscritos, o

curso começou efetivamente somente em abril de 1915. Desde a criação do curso, a primeira padronização do currículo de biblioteconomia aconteceu apenas em 1944. Outra informação relevante é que a biblioteconomia passa a ser um curso de nível superior apenas em 1962 (Russo, 1966; Castro, 2000; Almeida e Batista, 2013).

Ao analisar o desenvolvimento do currículo dos cursos de graduação em biblioteconomia, sobretudo até a década de 1980, Almeida e Batista (2013) destacam as principais mudanças no currículo acadêmico dos cursos, sendo possível verificar a inclusão de disciplinas que não tratam apenas de processos técnicos da área. Assim, pouco a pouco, é possível perceber a inclusão de disciplinas condizentes com as mudanças percebidas na complexidade do trabalho do bibliotecário, que podem ser vistas da perspectiva da consolidação das disciplinas de gestão e de temas relacionados à cultura, além da preocupação com etapas do ciclo informacional e com o controle bibliográfico, uma vez que a sociedade caminhava a passos largos para a consolidação da sociedade da informação e a preocupação com a crescente produção de livros já ocupava as discussões acadêmicas.

O grupo de discussão pontuou que ainda hoje existe uma latência superior ao aceitável para que as inovações de mercado cheguem às discussões acadêmicas. Embora a academia não seja vista com a obrigação de se sujeitar às pressões do mercado, foi apontado pelo grupo a necessidade de que a universidade esteja atenta ao que ocorre na realidade e que tenha entendimento do que é o mercado profissional que o bibliotecário enfrentará no seu dia a dia. O currículo evoluiu ao longo dos anos, mas atualmente está defasado em relação à nova realidade do bibliotecário do século XXI.

3.4 Diminuição dos cargos públicos

Especialmente por conta da realidade brasileira, do perfil dos membros do grupo de discussão e das características de Brasília (cidade onde aconteceu o *workshop*), a diminuição do Estado foi vista como uma ameaça real a curto e médio prazo. Isso acontece porque o Estado é conhecido como o maior empregador dos bibliotecários brasileiros, mas os concursos com vagas para bibliotecários têm diminuído nos últimos anos, e muitas bibliotecas de instituições públicas têm sido fechadas.

As crises e as recessões econômicas, aliadas ao crescimento da internet e à popularização do acesso à informação, são apresentadas como os principais motivos para fechamento de bibliotecas, porém existem outros fatores ainda mais alarmantes, principalmente os relacionados à desvalorização do profissional e dos serviços prestados pelas bibliotecas. Autores como Tenopir (2010), Keyes (1995) e Germano (2011) enfatizam que, por conta de crises econômicas, as bibliotecas são pressionadas a provar seu valor aos seus usuários e aos seus mantenedores com mais frequência, a fim de justificar seus investimentos. Germano (2011), porém, enfatiza o fato de que, embora as bibliotecas sejam ameaçadas pelas crises, estas provam a necessidade de existência de serviços de informação, pois as bibliotecas

possuem funções essenciais que impactam na alfabetização de pessoas e no acesso destas à informação, pois uma população bem informada está muito mais preparada para sobreviver e evitar crises catastróficas.

Embora o acesso à informação e ao conhecimento seja claramente importante na sociedade atual e embora existam métodos de provar o valor econômico e o retorno dos investimentos feitos em bibliotecas e serviços de informação, como os apresentados por Santos (2016), muitas bibliotecas continuam fechando e muitos postos de trabalho antes tidos como garantidos aos bibliotecários estão sendo perdidos ou substituídos por profissionais de outras áreas.

Conforme dito anteriormente, o serviço público sempre foi visto como um bom empregador para bibliotecários, principalmente por conta da reserva de mercado estabelecida pela lei que regulamenta essa profissão no Brasil. Porém, por conta do fechamento de bibliotecas e da desvalorização dos bibliotecários em relação a outros profissionais que dominam melhor as TICs, que coincidem com períodos de recessão econômica no Brasil e que se refletem no fechamento de postos de trabalho no serviço público, o grupo de discussão considerou a diminuição do Estado como ameaça.

3.5 Regulamentação, competência e cultura do papel do bibliotecário

Duas fraquezas, que também são forças, explicitam claramente a conclusão a que o grupo de discussão chegou, de que o maior concorrente do bibliotecário é o próprio bibliotecário: a regulamentação da profissão, totalmente protegida por lei; e a competência, que, como fraqueza, reside no acomodamento daquele profissional que visa se estagnar em uma biblioteca física, amparado pela lei que lhe dá exclusividade de atuação em bibliotecas.

De fato, a profissão do bibliotecário é regida por lei, conforme já foi dito anteriormente. Isso garantiu a estabilidade dos profissionais durante muito tempo, uma vez que existia reserva de mercado reconhecida e garantida aos bibliotecários. Isso garante, mesmo atualmente, que os postos de trabalho nas bibliotecas sejam exclusivamente dos profissionais graduados em biblioteconomia. Apesar da visão de Ortega y Gasset (2006), que enxergava a regulamentação da profissão como ponto positivo, tendo em vista que representava o reconhecimento da importância da profissão para a sociedade, a estabilidade trazida pela lei foi vista pelo grupo de discussão como ponto fraco. O ponto não está no fato de que a regulamentação da profissão seja algo ruim, mas no fato de que muitos profissionais se acomodaram diante da estabilidade proporcionada pela lei, desenvolvendo uma falsa impressão de que o único posto de trabalho que pertence ao bibliotecário é dentro das bibliotecas, o que no quadrante foi apresentado como cultura do papel do bibliotecário. Essa cultura foi apresentada pelo grupo de trabalho como uma das principais razões para que os bibliotecários não explorassem outros postos de trabalho e não se aprofundassem em outras áreas que cresceram nos últimos anos, uma vez que já estavam confortáveis com os cargos em bibliotecas.

A atuação e a competência de bibliotecários para assumir postos de trabalho que vão além das bibliotecas são muito exploradas na literatura. Porém, a atuação desses profissionais em outros postos de trabalho está muito mais relacionada à personalidade e à proatividade dos indivíduos do que a uma característica relacionada à classe profissional como um todo. A formação acadêmica em si não é suficiente para treinar os profissionais para assumirem cargos não ligados diretamente às bibliotecas. Os bibliotecários precisam complementar sua *expertise* com treinamentos, cursos, estudos e experiências para conseguirem ocupar cargos diferenciados.

3.6 Identidade e atuação profissional

Os fatores identidade e atuação também foram identificados pelo grupo de discussão como sendo forças e fraquezas ao mesmo tempo.

Em um contexto em que a função e o valor das bibliotecas físicas são questionados a ponto de essas instituições deixarem de existir, de quase nada adianta existir reserva de mercado para atuação exclusiva em bibliotecas físicas. De fato, a quantidade de serviços relacionados ao suporte físico das informações tende a diminuir com o passar do tempo, em processo natural decorrente das facilidades proporcionadas pelas TICs. Deve-se observar que esses serviços não tendem a acabar, mas a diminuir apenas, uma vez que os acervos físicos possuem outros tipos de valores além do econômico, como o histórico e o social. Porém, os novos postos de trabalho, em que já existe reconhecimento do caráter estratégico do uso da informação, estão sendo ocupados por profissionais de diversas áreas. Nesse contexto, os bibliotecários que permaneceram estagnados possuem grandes dificuldades em concorrer. Por esse motivo, a identidade e a atuação dos bibliotecários podem ser vistas como ponto fraco.

Essas fraquezas, bem como a crise de identidade advinda dessas, culminaram na conclusão de que a cultura de "um bibliotecário, uma biblioteca" e "uma biblioteca, um bibliotecário" acarreta na geração de profissional acomodado e consequentemente, com o passar do tempo, sem proatividade, bem como de uma péssima, ou pelo menos inócua, atuação.

Porém, para que essa atuação ocorra satisfatoriamente, exige-se atualização constante desse profissional. Isso é um problema, pois, de acordo com a análise do grupo, muitos bibliotecários se acomodaram na crença de que biblioteca física é a única área de atuação profissional para a qual estão preparados e em que devem atuar. Esses profissionais, que no Brasil não são poucos, vivem no ontem e não se preparam para o futuro, não investem na reeducação e na diversificação profissional, premissas para o sucesso como profissional da informação (Silva, 2017).

Enquanto não existe uma classe profissional à qual foi atribuída a missão de provedor de informação de acordo com as necessidades atuais dos usuários, nos dias de hoje, os bibliotecários são fortes concorrentes a esses cargos por conta de

seus conhecimentos relacionados ao tratamento da informação. Ainda não existem profissionais com a formação tão polivalente que possa dispensar uma equipe multidisciplinar voltada para a área de informação, mas os bibliotecários têm muito com que contribuir, mesmo que sua participação ainda seja muito discreta. Por conta disso, a identidade do bibliotecário como profissional da informação (e não como profissional dos livros) e a sua atuação crescente em diversos setores da sociedade estão classificadas também como força.

3.7 Proatividade e ressignificação do papel do bibliotecário

A proatividade já foi apontada diversas vezes neste capítulo como sendo o maior diferencial do bibliotecário do século XXI na visão do grupo de discussão, e, por conta disso, consta nos quadrantes relativos às forças e às fraquezas. Sob a análise dos participantes do grupo, incluindo dois profissionais que já trabalharam no exterior, muitos bibliotecários brasileiros tendem a ser proativos e competentes. Porém, nem todos conseguem o reconhecimento e a motivação necessária para dar continuidade a esta característica comportamental que impacta diretamente nas competências profissionais e pessoais. Isso se deve aos fatores relacionados à coetaneidade dos profissionais e às motivações pessoais de cada bibliotecário.

Apesar da importância de uma formação profissional sólida e atualizada, o processo para que as novidades do mercado cheguem a ser objeto de estudos e pesquisas acadêmicas é lento. Uma vez que a formação acadêmica não é adequada para concorrer com as vagas do mercado e uma vez que o mercado muda com tanta velocidade que mesmo o profissional que já está no mercado necessita de atualização constante, a proatividade no trabalho é tida como fator essencial para o desenvolvimento profissional do bibliotecário.

Entre as possíveis atividades para os bibliotecários na atualidade pontuadas pelo grupo de discussão, estava o *Big Data*. A era do *Big Data*, pós-2008, se volta cada vez mais para a web e para a conectividade permanente. Ainda não existem padrões sedimentados e vigentes, o que favorece ainda mais o bibliotecário do século XXI como profissional da informação. Como se tratam de negócios emergentes, sem regulamentação sedimentada, os bibliotecários foram apontados pelo grupo como possíveis atores para contribuir com a elaboração e a aprovação dessas regulamentações, demonstrando o valor informacional de que dispõem como profissionais.

Assim como a habilidade de trabalhar com *Big Data* e com as TICs, o bibliotecário do século XXI, como profissional da informação, precisa desenvolver e aplicar diversos tipos de competências relacionadas às necessidades de recuperação de dados, informação e conhecimento atuais. Schumaker *et al*. (2016) listaram uma série de competências necessárias aos profissionais da informação, independentemente de suas áreas de formação, que serão apresentadas no quadro 2.

QUADRO 2
Competências relacionadas às expertises dos profissionais da informação do século XXI

Competências profissionais	
Área	Elementos
Serviços de informação e conhecimento	Reconhecer e articular necessidades de informação e conhecimento.
	Permitir o compartilhamento de conhecimento através de contatos e relações interpessoais, bem como por meio de sistemas e processos digitais ou eletrônicos.
	Priorizar o atendimento das necessidades operacionais ou estratégicas mais críticas da organização.
	Usar habilidades de gerenciamento de informação para aprender sobre um domínio, disciplina ou indústria.
	Compreender os diferentes aspectos do comportamento informacional humano.
	Analisar fluxos de informação e conhecimento relevantes para o contexto e as características da comunidade e os objetivos organizacionais.
	Defender a gestão e o uso efetivo de sistemas e processos de informação.
	Ensinar, treinar e desenvolver competências informacionais e habilidades associadas para as partes interessadas.
	Aplicar os principais conhecimentos relacionados ao ambiente de trabalho para apoiar a missão organizacional.
Sistemas e tecnologias de informação e conhecimento	Envolver várias partes interessadas na recomendação de uma arquitetura da informação necessária para toda a organização.
	Selecionar e usar ferramentas de gerenciamento de informações, como sistemas de gerenciamento de bibliotecas, sistemas de gerenciamento de conteúdo, plataformas de mídia social e ferramentas de recuperação e análise de informações.
	Desenhar interfaces para uma experiência de usuário intuitiva.
	Curar, publicar ou guardar informação em formatos utilizáveis.
	Selecionar e implementar sistemas de organização e conhecimento.
	Identificar sistemas e ferramentas para atender às necessidades de comunidades específicas.
	Fazer codificação usando *scripts* apropriados e outras ferramentas.
	Avaliar continuamente sistemas e tecnologias de informação e conhecimento.
Recursos de informação e conhecimento	Estabelecer orçamento para recursos e defender a alocação de fundos.
	Avaliar sistematicamente recursos novos ou desconhecidos mediante aplicação de estruturas e métodos analíticos.
	Gerenciar e entregar recursos relevantes de todos os tipos, mídia e formatos, inclusive publicados e não publicados, internos e externos à organização, digitais, textuais, numéricos e visuais.
	Analisar continuamente a eficácia do portfólio de recursos, fazendo ajustes conforme necessário para garantir a relevância e fornecer aos usuários o melhor conteúdo de suporte à decisão.
	Realizar auditoria e mapeamento de recursos de informação e conhecimento disponíveis na organização, a fim de informar os usuários sobre os recursos relevantes para seus negócios.
	Alinhar a estratégia para gerenciar recursos de informação para apoiar os objetivos estratégicos das necessidades da organização e da comunidade.
	Fornecer recursos de informações autorizadas para atender às necessidades de um público em particular, cobrir um determinado tópico, campo ou disciplina, ou servir um propósito específico.

(Continua)

(Continuação)

Competências profissionais	
Área	Elementos
Recursos de informação e conhecimento	Negociar preços adequados e termos e condições para o licenciamento ou aquisição de recursos de informação. Identificar especialistas e fontes a fim de facilitar o compartilhamento de conhecimento dentro das organizações Ensinar a avaliar criticamente informações e fontes de informação.
Recuperação e análise de dados e informação	Entrevistar e consultar os membros da comunidade para identificar e esclarecer as necessidades de informação e conhecimento. Compreender os mecanismos de busca e os sistemas de recuperação de informação, incluindo as funcionalidades únicas fornecidas por diferentes sistemas e aplicar esse entendimento aos projetos de pesquisa e recuperação de informação. Usar análise de dados, análise de texto, visualização e ferramentas similares apropriadas para analisar informações a fim de facilitar realização de inferências a extração de significados. Ensinar todas as competências em contextos formais e informais. Desenvolver sofisticadas estratégias de busca e recuperação para descobrir e recuperar informações de diferentes sistemas e repositórios. Avaliar a veracidade ou qualidade da informação e de suas fontes subjacentes nos motores de busca e sistemas de recuperação de informação. Comunicar os resultados dos projetos de recuperação e análise de informações de uma forma que seja útil ao público-alvo.
Organização de ativos de dados, informação e conhecimento	Usar padrões de metadados descritivos e temáticos reconhecidos para descrever ativos de informação. Desenvolver taxonomias e ontologias personalizadas, conforme as circunstâncias locais exigirem. Ministrar treinamentos sobre práticas efetivas para organização e gerenciamento de informações. Coordenar o desenvolvimento e a implementação de sistemas e processos de arquivamento personalizados para dar suporte às necessidades organizacionais. Desenvolver esquemas de metadados personalizados. Desenvolver políticas e procedimentos de retenção e destruição com base em requisitos legais e necessidades operacionais da organização. Aplicar práticas de controle de qualidade para assegurar a aplicação adequada de políticas e práticas para organização e gerenciamento de informações.
Ética da informação	Reconhecer questões éticas relativas à manipulação de informações, incluindo, entre outras, a privacidade, confidencialidade e segurança da informação, propriedade intelectual, direitos autorais e liberdade intelectual. Ensinar, influenciar e treinar pessoas sobre esse assunto. Avaliar e auditar a implementação organizacional de ética da informação. Modelar o comportamento ético relacionado à informação. Contribuir com as políticas, procedimentos e outras iniciativas organizacionais.

Fonte: Schumaker (2016).

Além das competências profissionais, Schumaker (2016) ainda lista uma série de competências e habilidades pessoais necessárias para o desenvolvimento das atividades diárias dos profissionais da informação. Entre essas atividades encontram-se: pensamento crítico, incluindo o raciocínio qualitativo e quantitativo; iniciativa, adaptabilidade, flexibilidade, criatividade, inovação e resolução de problemas; comunicação oral e escrita eficaz, incluindo habilidades de influência; construção de relacionamentos, redes de colaboração, incluindo a capacidade de promover o respeito, a inclusão e a comunicação entre indivíduos diversos; *marketing*; liderança, gerenciamento e gerenciamento de projetos; aprendizagem contínua; desenho e desenvolvimento instrucional, ensino e orientação; e ética profissional.

Com base nas competências pessoais e profissionais apresentadas por Shumaker (2016), é possível observar que o bibliotecário do século XXI precisa reconhecer seu papel como profissional da informação, não apenas como profissional dos livros. O grande diferencial apontado pelo grupo de trabalho como principal característica que define o futuro profissional dos bibliotecários é a proatividade e a iniciativa de desenvolver e explorar habilidades. O bibliotecário que não se atualiza, que não entende minimamente de TICs, que não investe na atualização das competências, no desenvolvimento de novas competências, será preterido em relação àquele bibliotecário que apresenta essas competências (Ferreira, 2016).

3.8 Versatilidade do perfil dos concorrentes

A concorrência versátil é apresentada pelo grupo de discussão como ameaça, uma vez que, apesar de muitos bibliotecários serem proativos, os profissionais de outras áreas de formação possuem conhecimentos que podem facilitar sua inserção no mercado. Além disso, foi pontuado que vários profissionais de outras áreas estão ingressando nos cursos de biblioteconomia e ciência da informação para complementar suas formações, justamente para atuarem como profissionais da informação com competência que os bibliotecários brasileiros geralmente não têm, que é o domínio das TICs.

A existência desses profissionais é característica da sociedade da informação, que não considera apenas a informação, mas todo o universo que compreende o ciclo informacional (Verzola, 2005). Assim, em uma economia baseada em informação, todos os agentes trabalham diretamente com alguma etapa desse ciclo. Da mesma forma, Drucker (1991 *apud* Macedo *et al.*, 2015) utilizou a expressão "trabalhadores do conhecimento" para definir as pessoas que tratam de qualquer parte do ciclo informacional: planejamento, obtenção, busca, análise, organização, armazenamento, programação, distribuição, *marketing* ou outra forma de trabalho que contribui para a transformação ou o comércio de informação. Entre esses trabalhadores do conhecimento, estão incluídos também acadêmicos, pesquisadores, bibliotecários e cientistas da informação.

Todos os profissionais que se encontram em qualquer etapa do ciclo informacional estão aptos a concorrer com os bibliotecários, uma vez que a informação também é instrumento de trabalho desses profissionais. Por conta disso, a versatilidade, bem como a proatividade e a adaptação, desses profissionais no mercado de trabalho consiste em ameaça aos bibliotecários.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente exercer a profissão de bibliotecário ainda possui muitos pontos fortes e grande universo de oportunidades, sobretudo por conta do valor que a informação possui na sociedade atual e da necessidade de se encontrarem informações relevantes na infinidade de dados e informações que são produzidos, armazenados e compartilhados diariamente. O exercício da profissão de bibliotecário na atualidade também tem muitos pontos fracos e desafios. Porém, ao analisar os resultados destacados pelo grupo de discussão que deu origem a este capítulo, é possível definir uma palavra-chave que é o principal fator para o sucesso desses profissionais no século XXI: proatividade. Todos os pontos fracos, ameaças e até mesmo as oportunidades e os pontos fortes tinham uma ressalva, qual seja, que poderiam ser transpostos ou potencializados de acordo com a proatividade do profissional.

A conclusão de que a proatividade é o principal fator que define o sucesso dos bibliotecários no cenário atual é o principal argumento para justificar que o principal concorrente do bibliotecário não é o profissional de outras áreas, mas o próprio bibliotecário. De fato, existem profissionais de diversas áreas que se aventuram nas atividades de gestão da informação, e, de fato, os bibliotecários perderam o reconhecimento social e muitos postos de trabalho dessa área para outros profissionais. Porém, ainda não existe nenhum perfil profissional com formação ideal para atender adequadamente às necessidades atuais dos usuários de informação, por consequência, não existe reconhecimento social para que nenhuma outra profissão ocupe postos de trabalho relacionados à gestão de dados, informação e conhecimento no mercado. Esses postos de trabalho são ocupados principalmente por profissionais que estão envolvidos em algum ponto do ciclo informacional, não necessariamente por suas formações de origem, mas sobretudo por suas habilidades e competências pessoais para aplicação de seus conhecimentos e relacionamento com as TICs.

Tendo por base a *expertise*, a formação e a experiência profissional, os bibliotecários podem ocupar postos de trabalho que representam o valor da informação na sociedade atual da mesma forma que, durante muitos séculos, enquanto o principal suporte da informação registrada era físico, esses profissionais executaram com maestria suas atividades. Porém, com todas as mudanças proporcionadas pelas TICs, até mesmo nos perfis de usuários, os bibliotecários deixaram de ocupar valiosos espaços de trabalho, e atualmente, com o fechamento de

bibliotecas, esses profissionais estão perdendo até os espaços que sempre acreditaram serem seus por direito: as próprias bibliotecas. Atualmente, buscar atualização, ser proativo e demonstrar o valor de sua profissão não é apenas questão de ampliar o próprio mercado de trabalho, é questão de sobrevivência da profissão.

Conforme foi dito na metodologia, as questões pontuadas neste capítulo refletem sobretudo a experiência dos profissionais que participaram do grupo de discussão, que lidam diariamente com um cenário de fechamento de bibliotecas, com a desvalorização do profissional, com a perda de postos de trabalho e com a falta de formação adequada para atender ao mercado. As conclusões a que esse grupo chegou em suas discussões não têm a intenção de ser a última palavra no que diz respeito ao papel do bibliotecário do século XXI, nem à sua participação no mercado, mas se propõem apenas a abrir caminho para a discussão de uma realidade que é vivida por muitos profissionais atualmente.

REFERÊNCIAS

ALENTEJO, E. Redes participativas: a biblioteca como conversação. *In*: GOTTSCHALG-DUQUE, C. (Org.). **Ciência da informação**: estudos e práticas. Brasília: Thesaurus, 2016. v. 3.

ALMEIDA, N. B. F.; BAPTISTA, S. G. Breve histórico da biblioteconomia brasileira: formação do profissional. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013. **Anais eletrônicos**... Florianópolis, 2013.

ALVARES, L.; AMARO, B.; ASSIS, T. B. A participação do bibliotecário na gestão da informação e do conhecimento institucional. *In*: RIBEIRO, A. C. M. L.; FERREIRA, A. C. G. (Orgs.). **Biblioteca do século XXI**: desafios e perspectivas. Brasília: Ipea, 2016.

BRANDÃO, O.; GOTTSCHALG-DUQUE, C. Comunicação científica contemporânea e de vanguarda. *In*: GOTTSCHALG-DUQUE, C. (Org.). **Ciência da informação**: estudos e práticas. Brasília: Thesaurus, 2011. v. 1.

BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, Nova Iorque, p. 1986-1998, jun. 1991.

CASTRO, C. A. **História da biblioteconomia brasileira**: perspectiva histórica. Brasília: Thesaurus, 2000.

CÔRTE, A. R. *et al*. Análise Swot. *In*: **WORKSHOP BIBLIOTECÁRIO DO SÉCULO XXI**. Brasília: Ipea, 2017.

DERTOUZOS, M. **What will be**: how the new world of information will change our lives. Nova Iorque: HarperCollins, 1997.

DUARTE, Y. M. **As representações sociais no ensino médio do Distrito Federal**: a biblioteca escolar pública sob o olhar do estudante. 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

DUARTE, A. B. S.; ANTUNES, M. L. A. Googleteca? A biblioteca escolar e os bibliotecários em tempos de Google. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 167-179, dez./mar. 2016. Disponível em: <https://goo.gl/n183TY>. Acesso em: 18 jul. 2017.

DUARTE, Y. M.; SILVA, M. L. V. E. S.; DUQUE, C. G. Hora do conto, semana da biblioteca e da arte e a Kombi de livros: relato de experiência da biblioteca do colégio La Salle Núcleo Bandeirante (DF). *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis, Santa Catarina. **Anais**... Santa Catarina, 2013.

FABIAN, J. **Time and the other**: how anthropology makes its object. Nova Iorque: Columbia University Press, 1983.

FERREIRA, D. T. As novas competências do profissional da informação bibliotecário: reflexões e práticas. *In*: RIBEIRO, A. C. M. L.; FERREIRA, P. C. G. (Orgs.). **Biblioteca do século XXI**: desafios e perspectivas. Brasília: Ipea, 2016.

FERREIRA, R. S. A sociedade da informação no Brasil: um ensaio sobre os desafios do Estado. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 36-41, jan./abr. 2003. Disponível em: <https://goo.gl/rm6sfn>. Acesso em: 25 jul. 2017.

FRY, R. Millenials overtake baby boomers as America's largest generation. **Pew research Center**, abr. 2016. Disponível em: <https://goo.gl/fXwZ4g>.

GERMANO, M. The library value deficit. **The bottom line**: managing library finances, v. 24, n. 2, p. 100-106, 2011.

GOTTSCHALG-DUQUE, C. Bibliotecas e mídias sociais. *In*: RIBEIRO, A.C.M.L.; FERREIRA, A. C. G. (Orgs.). **Biblioteca do século XXI**: desafios e perspectivas. Brasília: Ipea, 2016.

KEYES, A. M. The value of the special library: review and analysis. **Special Libraries**, summer, 1995.

MACEDO, V. *et al*. Uma análise conceitual da tipologia do trabalhador do conhecimento. **International Journal of Knowledge Engineering and Management**, Florianópolis, v. 4, n. 9, p. 147-165, jul./out. 2015. Disponível em: <https://goo.gl/PovrVQ>. Acesso em: 20 jul. 2017.

MCGEE, J.; PRUSAK, L. **Managing information strategically**. Nova Iorque: John Wiley and Sons, 1993.

NOGUEIRA, A. C. A atuação do bibliotecário em empresas privadas do setor de serviços: um relato de experiência sobre treinamento comercial. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS: BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA COMO AGENTE DE SUSTENTABILIDADE INSTITUCIONAL, 19., 15-21 out. 2016, Manaus, Amazonas, 2016.

ORTEGA Y GASSET, J. **Missão do bibliotecário**. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

RUSSO, L. G. M. **A biblioteconomia brasileira**: Rio de Janeiro: INL, 1966.

SANTOS, J. D. F. **Valoração econômica de serviços de informação**. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SANTOS, J. R. C. T. **Competência em informação na Biblioteca Central da Universidade de Brasília** – BCE/UnB: teoria e prática para a capacitação de multip licadores. 2013. Monografia (Graduação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SCHUMAKER, D. *et al*. Compentecies for information professionals. **SLA** – Connecting Information Professionals. Disponível em: <https://goo.gl/ZuHvCa>. Acesso em: 25 jul. 2017.

SILVA, J. V. S. **Atuação do bibliotecário no serviço de referência de uma biblioteca escolar**. 2017. Monografia (Graduação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://goo.gl/WxhzmU>.

SIMARD, A. Global disaster information network. *In*: **World Conference on Disaster Reduction**. Kobe, Japão, 2005.

TAKAHASHI, T. **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. Disponível em: <https://goo.gl/v84cnV>.

TENOPIR, C. Measuring the value of the academic library: return on investment and other value measures. **The Serials Librarian**, v. 58, p. 39-48, 2010.

VERZOLA, R. A economia da informação. *In*: AMBROSI, A.; PEUGEOT, V.; PIMIENTA, D. (Coords.). **Desafios de palavras**: enfoques multiculturais sobre as sociedades da informação. Caen-France: C & F Éditions, 2005. Disponível em: <https://goo.gl/6kU9V1>. Acesso em: 25 jul. 2016.

CAPÍTULO 4

A SOCIEDADE DA DESINFORMAÇÃO E OS DESAFIOS DO BIBLIOTECÁRIO EM BUSCA DA BIBLIOTECONOMIA SOCIAL

Yaciara Mendes Duarte[1]

1 INTRODUÇÃO

Na atualidade, a informação é o insumo intelectual mais importante para o desenvolvimento das nações e do próprio indivíduo. A sociedade da informação e do conhecimento é o resultado do momento evolutivo caracterizado pelo uso de recursos e tecnologias informacionais para tomada de decisão. É a nova matéria-prima que incrementa e fundamenta a criação de tecnologias de informação e comunicação (TICs) (Werthein, 2000).

Essa revolução provocada pelo seu uso exponencial provocou uma ruptura com a sociedade industrial, em que se valorava a mão de obra para o trabalho. A popularização dos setores de telecomunicação e da internet eleva este acesso em busca de ações estratégicas, mudando as relações entre os indivíduos e a economia, inclusive entre os profissionais da informação.

Lidar com esse fluxo informacional intenso tem sido um grande desafio para os profissionais da informação, em especial para o bibliotecário. Além de atender às demandas de um grupo seleto que usa a informação em diferentes contextos, é necessário refletir e agir a respeito daqueles que a informação ainda não atinge. Com isso, o ofício do bibliotecário tem se modificado, deixando de contemplar o acervo de forma central para embarcar no paradigma informacional, priorizando as necessidades de preservação e democratização de acesso (Valentin, 1995, p. 4).

Essas necessidades compõem a nova realidade, que, por sua vez, convocam os profissionais da informação a participarem de forma transformadora, favorecendo a ação cultural, o impacto na sociedade e a mediação informacional (Dantas e Garcia, 2016).

Nesse contexto, a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (Ifla – em inglês, International Federation of Library Associations and Institutions) defende que as bibliotecas devem promover o desenvolvimento de habilidades digitais, midiáticas e de informação, bem como a diminuição das

1. Mestra em ciência da informação (2015), graduada em biblioteconomia (2010) e graduanda em letras – português (2015) pela Universidade de Brasília (UnB). Especialização em andamento em letramento informacional pela Universidade Federal de Goiás (UFG), tendo como tema principal de pesquisa a teoria das representações sociais no contexto das bibliotecas escolares. Atua em biblioteca escolar, com ênfase nos temas: letramento informacional, bibliotecas escolares, estudos de usuário, serviços de referência e tecnologias educacionais. *E-mail*: <yaciara18@gmail.com>.

desigualdades geradas pelo deficiente acesso à informação, integrando o governo, a sociedade civil e as empresas nessa empreitada (Ifla, 2015).

As dificuldades da sociedade da desinformação, marginalizada e exclusa das modificações provocadas pelo conhecimento, reforçam a importância de uma biblioteconomia voltada para práticas que possam garantir a aprendizagem, o gozo de direitos, a plena participação política e a mobilização em prol de melhorias. A partir disso, este capítulo busca refletir sobre quem são estes grupos sociais que não foram assistidos pela sociedade e a respeito de como a biblioteconomia social e o bibliotecário atual podem realizar ações de impacto transformador.

2 A SOCIEDADE DA DESINFORMAÇÃO

A Constituição Brasileira (1988) e a Declaração Universal dos Direitos Humanos[2] (1948) garantem aos cidadãos do Brasil e do mundo o acesso à informação como direito fundamental, uma vez que a informação é força poderosa e valiosa que envolve toda a transformação proporcionada pelo homem na sociedade atual e se faz mister no exercício da cidadania (Araujo, 1991).

Com isso, todos os recursos necessários para que esses indivíduos possam partir em busca do crescimento intelectual deveriam ser oferecidos; no entanto, na realidade brasileira, existem distâncias intransponíveis entre alguns cidadãos e as ferramentas que lhes proporcionariam efetivo acesso à informação e à cultura; estas, imprescindíveis para o crescimento intelectual.

Segundo Ferreira:

> No Brasil, pode-se afirmar que parte da população não participa das políticas públicas, de maneira geral, por desconhecimento de seus direitos e deveres na sociedade, uma vez que para participar é necessário estar informado. O direito de acesso à informação (...) é considerado um direito humano fundamental por vários organismos internacionais (Ferreira, 2015, p. 147).

O exercício da cidadania quando fortalecido pela informação e seus recursos, envolve elementos civis, sociais e políticos. No aspecto civil, proporciona-se ao indivíduo a noção de seus direitos e deveres para efetivação de políticas públicas e garantias à população previstas em lei; os elementos sociais, neste caso, seriam os meios que favorecem o bem-estar e as condições mínimas para uma vida plena que devem ser garantidos pelo Estado. O contexto político oportuniza o envolvimento do cidadão no exercício do poder político de diferentes formas (Targino, 1991).

2. Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras (ONU, 1948).

De acordo com a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (Instituto Pró-Livro, 2015, p. 21), o não leitor "é aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses". Essa pesquisa mostra que, em 2015, 44% da população estava nessa condição. Mais de 50% dos brasileiros não leem jornais, revistas e têm como fonte de informação apenas a televisão (73%). Além disso, aproximadamente 32% de não leitores afirmam que não gostam de ler e 28% alegam a falta de tempo para a atividade. Os museus, espaços de cultura e memória, não estão presentes em 78% dos municípios brasileiros (Ibram, 2011).

O acesso às tecnologias de informação também passa por desafios para sua democratização. De acordo com as informações do TIC Domicílios (CGI.BR, 2016), 53% das pessoas que estão na classe C[3] não possuem acesso à internet, e as classes D/E[4] têm o número assustador de 87% de famílias que não tem acesso às TICs em suas residências. É importante saber que, de acordo com o Critério de Classificação Econômica Brasil, as classes citadas correspondem a 68% da população brasileira em 2015. Nesse ano, o Brasil teve um dos piores resultados no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), no que concerne às habilidades de leitura, matemática e ciências tendo como parâmetro comparativo 72 países.

As tecnologias da informação no Brasil vieram antes da consolidação de uma cultura letrada que focasse no desenvolvimento de habilidades de aprendizagem permanente, o que acentua as dificuldades no manuseio dos recursos e na familiaridade com os espaços informacionais e culturais como bibliotecas, museus e teatros (Abreu, 2004).

Parte desse cenário brasileiro é influenciado pelo contexto da sociedade da desinformação, que acontece concomitantemente à sociedade da informação. Cria-se uma lacuna entre os indivíduos que não têm oportunidade de acesso e, muitas vezes, nem mesmo o conhecimento do potencial que este propicia, faltando espaços apropriados para o contato inicial, do qual a biblioteca deveria ser provedora.

Essa sociedade da desinformação é facilmente manipulável, coagida e incentivada a permanecer em seu *status quo* para a manutenção do poder, que muitas vezes não visa ao interesse das minorias. As possibilidades de emancipação se tornam cada vez mais escassas. Como já citado, o acesso e os recursos informacionais são fatores fundamentais para o desenvolvimento social, cultural e econômico de um país.

A exclusão social, gerada por questões econômicas, reforça outros tipos de exclusão, como a digital, a informacional e a política. Grande parte da população brasileira que faz parte desse nicho marginalizado não se torna pertencente a

3. Classe C: renda média de R$1.605,00 a R$2.705,00 (critério de Classificação Econômica Brasil).
4. Classe D-E: renda média de R$ 768,00 (critério de Classificação Econômica Brasil).

uma rede de oportunidades, criando impacto no acesso à produção intelectual e cultural, ao consumo básico e à participação política desses cidadãos marginalizados (Silveira, 2001, p. 18).

Para mudar o *status* de sociedade da desinformação para da informação para todos, é necessário a criação de projetos que envolvam as camadas sociais mais desprivilegiadas, buscando-se com isso uma ativa inclusão.

De acordo com Werthein:

> As desigualdades de renda e desenvolvimento industrial entre os povos e grupos da sociedade reproduzem-se no novo paradigma. Enquanto, no mundo industrializado, a informatização de processos sociais ainda tem de incorporar alguns segmentos sociais e minorias excluídas, na grande maioria dos países em desenvolvimento, entre eles os latino-americanos, vastos setores da população, compreendendo os médios e pequenos produtores e comerciantes, docentes e estudantes da área rural e setores populares urbanos, adultos, jovens e crianças das classes populares no campo e na cidade, além daquelas populações marginalizadas como desempregados crônicos e os "sem-teto", engrossam a fatia dos que estão ainda longe de integrar-se no novo paradigma. Este fato fundamental constitui um dos desafios éticos para a constituição das sociedades da informação, desafio que somente a ação social consciente poderá superar, já que certamente não será resolvido pelo avanço tecnológico em si mesmo, nem por uma hipotética evolução natural. Um dos desafios éticos para a constituição das sociedades da informação, desafio que somente a ação social consciente poderá superar, já que certamente não será resolvido pelo avanço tecnológico em si mesmo, nem por uma hipotética evolução natural, mas sim pela construção de um novo projeto societário (Werthein, 2000, p. 73).

A partir da situação apresentada, são necessários esforços no que se diz respeito à mobilização da sociedade – parte dela informatizada –, de órgãos governamentais e de profissionais liberais para o fortalecimento de iniciativas, visando ao exercício pleno de cidadania, democratização e acessibilidade da informação (Demo, 2000). "Cultura [e informação] não são uma ação cosmética de imediato e rápido efeito, mas um investimento com retorno garantido, mesmo sendo a longo prazo", afirma Milanesi (2003, p. 62).

3 OS DESAFIOS ATUAIS DO BIBLIOTECÁRIO BRASILEIRO

O profissional bibliotecário contemporâneo tem vivido uma reflexão profunda sobre suas atividades e os produtos e serviços oferecidos em diferentes tipologias de centros de informação. A rápida mudança da sociedade, no que se refere ao acesso e uso da informação e a outros diversos aspectos, principalmente à esfera social, tem gerado indagações e questionamentos sobre o real propósito desse ofício.

Inicialmente, a biblioteconomia se apresentou como uma área que apresenta técnicas de organização/administração de bibliotecas, e, apesar de este espaço

existir desde os primórdios da sociedade moderna, essa denominação como área de conhecimento começa a se expandir apenas na primeira metade do século XX, com o surgimento dos primeiros cursos (Galvão, 2009).

Com essa noção inicial, pode-se inferir que, por muito tempo, o profissional da informação voltava seus esforços à preservação bibliográfica, em detrimento de um maior incentivo do uso da informação. Vieira (1983) já retrata um cenário sombrio e a passividade notada entre os profissionais bibliotecários:

> O conhecimento biblioteconômico apresenta-se como um produto acabado e, assim, em área tão dogmática, *pouco se cria, raramente se inova e ousar é proibido. Embora teoricamente um trabalhador da área social, o bibliotecário não se faz sentir como necessário pela sociedade, seja pelo simplismo de sua proposta profissional, seja pelo seu alheiamento às questões sociais e políticas relevantes à comunidade* e ao país ou mesmo pela baixa qualificação desse profissional para o diálogo substantivo com os usuários de áreas especializadas (Vieira, 1983, p. 82, grifo nosso).

A afirmação de Vieira (1983) é desafiadora e muito realista, já que o progresso e a valorização do bibliotecário ainda caminham a passos lentos no Brasil. Shera (1980) afirma que a biblioteconomia vai além das técnicas de organização bibliográfica; trata-se da utilização máxima dos recursos informacionais em benefício e para o crescimento da humanidade.

Ortega y Gasset (2006) motiva, como missão do bibliotecário, um cuidado que vá além dos recursos bibliográficos. O profissional deve ser aberto ao novo, perseverante, inovador e apaixonado, para que possa compartilhar seu conhecimento, na união da técnica com o social, favorecendo, dessa forma, o desenvolvimento informacional e cultural, dando prioridade às ações de maior impacto na sociedade. Dessa forma, afirma Shera (1977):

> *O objetivo da biblioteconomia seja qual for o nível intelectual em que deve operar é aumentar a utilidade social dos registros gráficos,* seja para atender à criança analfabeta absorta em seu primeiro livro de gravuras, ou um erudito absorvido em alguma indagação esotérica. Portanto*, se a biblioteconomia deve servir à sociedade em toda [a] extensão de suas potencialidades,* deve ser muito mais do que um monte de truques para encontrar um determinado livro numa estante particular, para um consulente particular (Shera, 1977, p. 11, grifo nosso).

Desde a Primeira Guerra Mundial, a Associação Americana de Bibliotecários (ALA) tem se engajado politicamente e se envolvido em questões que implicam o papel social, fortalecendo esta perspectiva como responsabilidade social da biblioteconomia, a partir da década de 1960. Além da técnica e do conhecimento inerente à área, a associação ressalta a importância da inclusão de temas como: injustiças raciais, homossexualidade, informação para prisioneiros e outros aspectos que não se referem apenas a unidades de informação (Kagan, 2005).

Nas discussões sobre o papel da informação para a sociedade, são notáveis as mudanças de paradigmas no decorrer da história. A problemática inicial baseou-se na informação como objeto de transmissão de mensagens, em um sentido técnico, no qual não se dava espaço para a percepção e a interpretação dos indivíduos. No fim da década de 1970, começa-se a problematizar as idiossincrasias dos diferentes grupos e a elaborar estratégias para o uso dos sistemas de informação por um maior número de pessoas (Almeida *et al.*, 2007).

A forte demanda social clama para que bibliotecários atuem de forma mais colaborativa, buscando mudanças significativas na sociedade da informação. Samek (2014) afirma que, neste atual contexto, este profissional precisa se transformar em "guerreiro cultural", que, além de favorecer e incentivar a inovação no que diz respeito às unidades de informação, defende a ampliação do escopo profissional e das possibilidades da biblioteca.

Incentivando uma maior participação na sociedade, Civallero (2014) apresenta algumas novas possibilidades do bibliotecário atual:

> Imerso em suas atividades tradicionais de conservação e organização, desorientado, talvez, pelas rápidas mudanças que trouxeram novos tempos, o bibliotecário parece ignorar o importante papel que pode desempenhar na sociedade de hoje. Ele pode garantir as liberdades e os direitos humanos, tais como a educação, a informação, a liberdade de expressão, as identidades e os direitos trabalhistas. Ele pode fornecer ferramentas para resolver problemas de saúde, violência, vícios e nutrição. Ele pode excluir todos os tipos de analfabetismo, pode recuperar a tradição oral e difundir conhecimento perdido, além de recuperar as línguas em perigo. Pode lutar contra o racismo e a discriminação, pode ensinar tolerância e respeito, pode facilitar a integração em sociedades multiculturais. Pode dar voz àqueles que são mantidos em silêncio (...). Pode conseguir isso, e, pela primeira vez na história, o poder não ficará nas mãos de poucos. Pode conseguir algum equilíbrio. Pode derrubar paredes e construir pontes (...). Na verdade, ele não pode. Deve (Civallero, 2014, p. 6, tradução nossa).[5]

A potencialidade desse profissional como agente de mudança social, deve ser explorada a partir de ações significativas. É importante que o discurso de que "a prática do profissional bibliotecário parte da ideia de que todos são absolutamente iguais, de que a todos são oferecidas as mesmas oportunidades, de que todos os usuários são moldados da mesma forma" (Almeida Júnior, 1997,

5. *Inmerso en sus actividades tradicionales de conservación y organización, mareado quizás por los cambios vertiginosos que le han traído los nuevos tiempos, el bibliotecario parece no darse cuenta del importantísimo rol que puede jugar en la sociedad actual. Puede garantizar libertades y derechos humanos, tales como educación, información, libre expresión, identidad, trabajo. Puede proporcionar herramientas para la solución de problemas de salud, violencia, adicciones y nutrición. Puede borrar todo tipo de analfabetismo, puede recuperar tradición oral, puede difundir conocimientos perdidos y recuperar lenguas en peligro. Puede luchar contra el racismo y la discriminación, puede enseñar la tolerancia y el respeto, puede facilitar la integración en sociedades multiculturales. Puede dar voz a los que son mantenidos en silencio. Puede lograr que, por una vez en la historia, el poder no permanezca en las manos de unos pocos. Puede lograr cierto equilibrio. Puede derribar murallas y tender puentes. Puede hacer que los hombres logren mirarse a los ojos de igual a igual. En realidad, no puede hacerlo. Debe hacerlo.*

p. 100), seja substituído por ações coesas com a diversidade informacional dos indivíduos em diferentes espaços de profissionais que atuem em prol das pessoas e, principalmente, dos menos favorecidos. É com esse desafio de maior relevância social que o bibliotecário do século XXI deve direcionar suas forças para uma maior legitimidade e reconhecimento do seu trabalho.

4 POR UMA BIBLIOTECONOMIA SOCIAL

A biblioteconomia social tem trazido a possibilidade de uma atuação profissional do bibliotecário, que atenda às necessidades informacionais das minorias. Esta vertente da área se define como "uma filosofia e ação dentro da Ciência da Informação que reivindica uma Biblioteconomia crítica e comprometida socialmente, tanto na teoria como na prática" (Civallero, 2013 *apud* Lindemann, 2014, p. 43).

Segundo Lindemann, Spudeit e Corrêa (2016), a nomenclatura biblioteconomia social é pouco utilizada no Brasil; porém, carrega consigo a necessidade de uma maior participação política dos profissionais da informação, com o objetivo de levar as demandas sociais dos diferentes grupos atendidos e dos potenciais usuários de informação. Em países da América Latina como Argentina e México, essa perspectiva social tem sido cada vez mais fortalecida com ações e pesquisas sobre o tema. De acordo com as autoras:

> Biblioteconomia social pode ser a ponte para a travessia ou ligação entre a técnica tradicional da Biblioteconomia e o social contemporâneo. É preciso olhar o entorno da sociedade, locais em que os livros sequer são disponibilizados, onde muitos não possuem acesso à informação como comunidades quilombolas, indígenas, assentamentos de movimentos de sem-terra, presídios, entre vários outros. Torna-se essencial levar o fazer bibliotecário para as mais diversas comunidades em que, em plena explosão tecnológica, as bibliotecas sequer existem (Lindemann, Spudeit e Corrêa, 2016, p. 6).

Com a biblioteconomia social, o intuito é fortalecer no bibliotecário seu papel de agente transformador da sociedade, oferecendo, por meio de produtos e serviços de pesquisas, ações e projetos, uma maior abrangência da sua prática profissional. É necessário sair dos espaços seguros de informação e desbravar o caminho para aqueles que não têm acesso. De acordo com Cavalcanti, Araujo e Duarte (2015, p. 22) "o bibliotecário é um processador da cultura, portanto é essencial que se comprometa ativamente nos projetos políticos e sociais da comunidade da qual está inserida, no sentido de gerar uma integração de forma que todos trabalhem em conjunto".

O início de uma transformação informacional e social se dá com diferentes agentes que promovem ações e serviços à sociedade, trazendo consigo o impacto necessário para a reflexão e a mudança de atitudes. Com o fortalecimento da

biblioteconomia social, estes papéis se tornam cada vez mais intensos e inerentes à prática profissional do bibliotecário, que sai de uma vivência tecnicista e se torna mais atuante em prol da sociedade. Na busca de um maior envolvimento, alguns grupos de bibliotecários latino-americanos lançaram em 2004 a Declaração de Buenos Aires, que já incentivava a luta por uma biblioteconomia mais atuante na sociedade:

> Bibliotecários, documentalistas e arquivistas devem construir espaços públicos em suas comunidades para troca de informações, proporcionando assim um incentivo à discussão de temas políticos, sociais, ideológicos e culturais – temas inerentes à problemas governamentais e sociais. Informação, conhecimento, documentação e bibliotecas são um bem público, que não deve ser governado ou controlado pela dinâmica do mercado, mas sim orquestrado pelas políticas públicas de desenvolvimento, bem-estar e defesa do patrimônio cultural da sociedade, no interesse de assegurar o domínio público, a diversidade, a pluralidade e a igualdade de todos os setores da população (Declaration..., 2004, p. 3, tradução nossa).[6]

A Ifla incentiva uma maior participação dos bibliotecários em ações de impacto social no planeta. Na Declaração sobre Bibliotecas e Desenvolvimento, afirma-se que a informação é um direito básico que pode quebrar o ciclo de pobreza, tendo a biblioteca como o

> o único lugar em que muitas comunidades (...) podem acessar as informações que irão ajudá-los a melhorar a sua formação, desenvolver novas habilidades, encontrar empregos, iniciar negócios, tomar decisões informadas sobre a agricultura e a saúde ou entender o que está ocorrendo em questões ambientais (Ifla, 2015, p. 10, tradução nossa).

Para fortalecer a necessidade de uma biblioteconomia mais socialmente envolvida, foi assinada em agosto de 2014 por mais de 600 organizações, inclusive pela Fundação Biblioteca Nacional e o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), a declaração de Lyon, que apresenta um conjunto de metas para uma maior democratização do acesso à informação. Os princípios desta declaração defendem os grupos minoritários com dificuldade de emancipação, incluindo "mulheres, povos indígenas, minorias, imigrantes, refugiados, pessoas com deficiência, idosos, crianças e jovens" (Ifla, 2014, p. 2).

---

6. Librarians, documentalists and archivists must construct public spaces in their communities for the exchange of information, thereby providing an incentive for the discussion of political, social, ideological, and cultural themes — themes inherent in governmental and societal problems. Information, knowledge, documentation, and libraries are a public good that must not be governed or controlled by market dynamics, but rather orchestrated by public developmental policies, well being, and the defense of society's cultural heritage, in the interest of insuring the public domain, diversity, plurality, and the equality of all sectors of the population.

Essa declaração afirma ainda que:

> O acesso à informação apoia o desenvolvimento, capacitação das pessoas, especialmente dos marginalizados e os que vivem em situação de pobreza, para:
>
> • exercer os seus direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais;
>
> • ser economicamente ativos, produtivos e inovadores;
>
> • aprender e aplicar novas habilidades;
>
> • enriquecer sua identidade e expressões culturais;
>
> • tomar parte na tomada de decisões e participar de uma sociedade civil ativa e engajada;
>
> • criar soluções baseadas na comunidade para os desafios de desenvolvimento;
>
> • assegurar a prestação de contas, transparência, boa governança, participação e empoderamento;
>
> • medir o progresso dos compromissos públicos e privados de desenvolvimento sustentável (Ifla, 2014, p. 3).

O papel da biblioteca atualmente abrange a emancipação dos indivíduos, para atuação em função de uma sociedade mais justa e atuante nas esferas políticas, econômicas e sociais, garantindo um amplo acesso à informação, para diferentes grupos, respeitando as singularidades e a identidade das comunidades.

No Brasil, algumas iniciativas isoladas são desenvolvidas na busca de uma biblioteconomia social. Temos como exemplo o Caixote Cultural, no Distrito Federal, que, com sua biblioteca itinerante, percorre hospitais, asilos, presídios e creches, levando a literatura a grupos não atendidos por políticas públicas de informação.

A Biblioteca Parque de Manguinhos, situada em uma comunidade periférica do Rio de Janeiro, foi inaugurada em 2010, com um conceito moderno, baseada nas experiências colombianas.

Além de ser um espaço informacional, atua como ambiente cultural e de socialização, atendendo a comunidade local. Por ser uma região de risco, a biblioteca contribui para o enfraquecimento da violência, por meio das atividades oferecidas (Rio de Janeiro, [s.d.]).

FIGURA 1
Atividade com o Caixote Cultural

Fonte: Blog do Callado. Disponível em: <https://goo.gl/MqUiM4>.
Obs.: Figura reproduzida em baixa resolução em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

FIGURA 2
Biblioteca Parque Manguinhos

Obs.: Figura reproduzida em baixa resolução em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

O projeto Janela Literária é liderado pela bibliotecária Cátia Lindemann e promove a implementação de bibliotecas em presídios. Iniciou-se na Penitenciária Estadual do Rio Grande (PERG), buscando colaborar na reintegração do apenado à sociedade e na educação ofertada dentro do espaço prisional (ICHI, 2017).

A Biblioteca Pública de São Paulo (BSP) realiza o projeto A BSP até Você, levando atividades literárias e jogos para penitenciárias, asilos e casas de passagem, mostrando assim a importância de se ampliar o espaço informacional para além das paredes físicas (BSP, 2016).

FIGURA 3
Projeto BSP até Você

Fonte: BSP.org.
Obs.: Figura reproduzida em baixa resolução em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

Já a Biblioteca Pública de Taguatinga (DF) oferece cursos para adolescentes em medida socioeducativas, buscando a integração destes jovens ao mercado de trabalho, além da atuação nas unidades de atendimento em meio aberto (Uama), auxiliando a diminuir a defasagem do ensino dos estudantes apreendidos (Distrito Federal, 2014).

O projeto Tô na Rede, iniciado em 2014, é a junção entre o Instituto de Políticas Relacionais com o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas e a Fundação Bill e Melinda Gates, que incentiva e capacita os usuários no uso de TICs por meio de bibliotecas públicas.

> Os usuários das bibliotecas públicas utilizam principalmente os serviços de acesso ao livro e leitura. Porém há uma demanda da comunidade que não tem sido suprida que é o acesso à informação, tais como: serviço de acesso à internet, como utilizar computadores gratuitamente para busca de informações de como poderá solicitar documentos pessoais, carteira de identidade, de motorista, marcar consultas médicas, elaborar currículo para procura de emprego ou de geração de renda, informações sobre leis de proteção à mulher, à criança, ao deficiente e muitas outras informações (Tô na Rede, 2017).

FIGURA 4
Oficina de organização da biblioteca para jovens em medidas socioeducativas

Fonte: Biblioteca Pública de Taguatinga (2017). Disponível em: <https://goo.gl/unjBhe>. Acesso em: 9 jan. 2017.
Obs.: Figura reproduzida em baixa resolução em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

A Biblioteca Pública Estadual Estevão de Mendonça, no Mato Grosso, oferece filmes e oficinas acessíveis para pessoas com deficiência, além de promover cursos para uso das redes sociais voltados para a terceira idade (Mato Grosso, 2017).

As iniciativas citadas não são únicas e nem exclusivas às bibliotecas públicas; porém, são ações isoladas e muitas vezes, por não possuírem garantias governamentais para sua manutenção e expansão, perecem. Para isso, a biblioteconomia social instiga os bibliotecários a batalharem por mais políticas públicas e subsídios governamentais, para ações perenes de desenvolvimento humano e cultural.

5 CONCLUSÕES

A classe bibliotecária e as bibliotecas sofrem com a desvalorização de seu ofício e seus espaços. Há muitos questionamentos oriundos de um deslumbre com a autossuficiência da internet e da falta de ações mais significativas na sociedade, provocando certa passividade, muitas vezes justificada por baixa autoestima profissional.

Enquanto isso, o mundo muda constantemente, muitos permanecem imóveis esperando o próximo livro a catalogar, o próximo usuário o (a) procurar, como se seu trabalho fosse por demanda (das pessoas). Como esperar demandas se muitas pessoas mal sabem de suas próprias necessidades informacionais?

Nesse mundo plural e tão polarizado que vivemos hoje, a informação agrega. Ela faz entender que, por mais que tenhamos muitos recursos disponíveis, é sempre

possível ser e saber mais. Porém, o trabalho do bibliotecário parece se envolver exclusivamente ao polo passivo dessa relação com a informação, ou se ele deveria se relacionar apenas com a sociedade da informação. Não cabendo a ele o fardo da outra, a da desinformação. O bibliotecário deve avatarizar-se do papel ativo – melhor, pró-ativo – perante a sociedade que dele mais necessita, antecipando necessidades e suprindo aquelas óbvias que há tantos séculos nos rodeiam.

A biblioteconomia social traz um olhar mais sensível à prática profissional do bibliotecário, reforçando que existem pessoas que não têm acesso à informação e à cultura e que é necessário abraçar essa responsabilidade para a classe bibliotecária. Em cada tipologia de biblioteca, existem os não usuários e se faz necessário pensar neles como parte de uma sociedade para quem a informação também não chega, mesmo estando em um grupo social diferente do que foi apresentado.

Ranganathan afirmava que a biblioteca é um organismo em crescimento, e por isso é preciso ampliar as fronteiras de espaço-tempo. Biblioteca não pode ser vista apenas como um ambiente, mas sim como uma estrutura social de informação que possibilita mudanças. Para ocupar esses espaços vulneráveis e tão esquecidos, nem sempre será possível montar um ambiente ideal, mas se faz necessária a iniciativa, bem como é preciso incentivar o envolvimento da comunidade.

O bibliotecário precisa agir de forma mais atuante em seu espaço, seja este qual for. Esta perspectiva social não abrange apenas a biblioteca pública, mas também os diferentes espaços informacionais. É seu papel realizar a provocação para fazer com que cada indivíduo reflita que é de sua responsabilidade minimizar as diferenças, por meio do conhecimento que pode ser obtido no acesso à informação.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. **Cultura letrada, literatura e leitura**. São Paulo: Unesp, 2004.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. **Sociedade e biblioteconomia**. São Paulo: Polis, 1997.

ALMEIDA, D. P. R. *et al*. Paradigmas contemporâneos da ciência da informação: a recuperação da informação como ponto focal. **Revista Eletrônica Informação e Cognição**, v. 6, n. 1, 2007. Disponível em: <https://goo.gl/iGDzqX>. Acesso em: 10 fev. 2017.

ARAÚJO, V. M. R. H. Informação: instrumento de dominação e de submissão. **Ciência da Informação**, v. 20, n. 1, p. 37-44, jan./jun. 1991. Disponível em: <goo.gl/QQTTCC> Acesso em: 13 nov. 2017.

BSP – BIBLIOTECA PÚBLICA DE SÃO PAULO. **BSP até Você**: serviço de extensão. 2016. Disponível em: <https://goo.gl/yZGXNo>. Acesso em: 1º jun. 2017.

CAVALCANTI, I. B.; ARAÚJO, C. S.; DUARTE, E. N. O bibliotecário e as ações culturais: um campo de atuação. **Biblionline**, v. 11, n. 1, p. 21-34, 2015.

CIVALLERO, E. Foreword. *In*: SAMEK, T. **Librarianship and human rights**: a twenty-first century guide. Amsterdam: Elsevier, 2014. p. 6.

CGI.BR – COMITÊ GESTOR DE INTERNET NO BRASIL. Núcleo de informação e Coordenação do Ponto BR. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros**: TIC domicílios. São Paulo: CGI.BR, 2016. Disponível em: <https://goo.gl/pm7HnH>.

DANTAS, E. R. F.; GARCIA, J. C. R. **Responsabilidade social da ciência da informação**: a reescrita do conceito. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17, 2016. Disponível em: <https://goo.gl/N8x6wM> Acesso em: 12 maio 2017.

DECLARATION from Buenos Aires: on information, documentation and libraries. 2004. Disponível em: <https://goo.gl/csFJ9h>.

DEMO, P. Ambivalências da sociedade da informação. **Ciência da Informação**, v. 29, n. 2, p. 37-42, 2000.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de políticas para crianças, adolescentes e juventude. Secretaria da Criança inaugura UAMA de Taguatinga. 2013. Disponível em: <https://goo.gl/LdNnQZ>. Acesso em: 9 jan. 2018.

FERREIRA, E. G. A. O direito à informação e as bibliotecas públicas no contexto da lei de acesso à informação. **Páginas a&b**, 3ª série, n. 3, p. 147-157, 2015.

GALVÃO, M. C. B. Os conceitos dos termos biblioteconomia, documentação e ciência da informação. **RBBD**, v. 26, n. 1/2, p. 100-1001, 2009.

IBRAM – INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Museus em números**. Brasília: Ibram, 2011. Disponível em: <https://goo.gl/mgdWme>. Acesso em: 7 mar. 2017.

ICHI – INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO. **Janela Literária**: a biblioteca no contexto carcerário. 2017. Disponivel em: <https://goo.gl/xoWg5J>. Acesso em: 12 jun. 2017.

IFLA – FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS. **Declaração de Lyon sobre o Acesso à Informação e Desenvolvimento**. 2014. Disponível em: <https://goo.gl/yjLif5>. Acesso em: 12 nov. 2017.

_____. **Access and opportunity for all how libraries contribute to the United Nations 2030 Agenda**. The Hague: Ifla, 2015. Disponível em: <https://goo.gl/oDQs7L>.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2015. Disponível em: <https://goo.gl/jubd6y>. Acesso em: 6 jun. 2017.

KAGAN, A. **Ifla and social responsibility**: a core value of librarianship – libraries, national security, freedom of information laws and social responsibilities. The Hague: Ifla, p. 33-43, 2005. (Ifla/Faife Rorld Report). Disponível em: <https://goo.gl/FFN6BG>. Acesso em: 14 jun. 2017.

LINDEMANN, C. R. **A busca pela biblioteconomia social por meio da ciência da informação**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2014. Disponível em: <https://goo.gl/a5SbpJ>. Acesso em: 14 maio 2017.

LINDEMANN, C. R.; SPUDEIT, D.; CORRÊA, E. C. D. Por uma biblioteconomia mais social: interfaces e perspectivas. **Revista ACB**, v. 21, n. 3, p. 707-723, 2016.

MATO GROSSO. Governo do Estado do Mato Grosso. Biblioteca Pública Estadual Estevão de Mendonça. 2017. Disponível em: <https://goo.gl/qP6t4u> Acesso em: 9 jan. 2018.

MILANESI, L. **A casa da invenção**: biblioteca Centro de Cultura. 4. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em: <https://goo.gl/FwjZKa>.

ORTEGA Y GASSET, J. **A missão do bibliotecário**. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2006.

RIO DE JANEIRO. Secretaria de Cultura. **Biblioteca Parque de Manguinhos**: apresentação. [s.d.]. Disponível em: <https://goo.gl/Cm12pX>.

SAMEK, T. **Librarianship and human rights**: a twenty-first century guide. Amsterdam: Elsevier, 2014.

SHERA, J. H. Epistemologia social, semântica geral e biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 9-12, 1977. Disponível em: <https://goo.gl/hBtNLm>.

_____. Sobre biblioteconomia, documentação e ciência da informação. *In*: GOMES, H. E. (Org.). **Ciência da informação ou informática**? Rio de Janeiro: Calunga, 1980. 105 p.

SILVEIRA, S. A. **Exclusão digital**: a miséria na era da informação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

TARGINO, M. G. Biblioteconomia, informação e cidadania. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 149-160, jul./dez. 1991. Disponível em: <https://goo.gl/t4eSAL>.

TÔ NA REDE. **Sobre o projeto**. 2017. Disponível em: <https://goo.gl/BZpfbQ>.

VALENTIM, M. L. G. P. Assumindo um novo paradigma na biblioteconomia. **Informação & Informação**, v. 0, n. 0, p. 2-6, 1995. Disponível em: <https://goo.gl/enXKvi>. Acesso em: 9 jun. 2017.

VIEIRA, A. S. Repensando a biblioteconomia. **Ciência da Informação**, v. 12, n. 2, p. 81-85, jul./dez. 1983.

WERTHEIN, J. A sociedade da informação e seus desafios. **Ciência da informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, 2000.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

SARLET, I. W. **A eficácia dos direitos fundamentais**. 2. ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2001.

TARGINO, M. G. **Declaração de Lyon sobre o acesso à informação e desenvolvimento**. 2014. Disponivel em: <https://goo.gl/Y8fN92>.

CAPÍTULO 5

MERCADO DE TRABALHO DO BIBLIOTECÁRIO DO SÉCULO XXI

Katyusha Madureira Loures de Souza[1]

1 INTRODUÇÃO

Nas constantes mudanças do espaço de trabalho, muitos dos esforços realizados são invisíveis – ou parecem inacreditáveis – para aqueles que não conhecem determinada área profissional. Problemas diários com barreiras intransponíveis e oportunidades para posições nas profissões do futuro são constantes. Essas reflexões podem ser atestadas por qualquer pessoa em uma grande organização, mas em especial por quem visa à autonomia, ou simplesmente ao reconhecimento.

O que é de fato importante é que a forma de inserção no mercado de trabalho está mudando, e a quantidade de profissionais disponíveis não para de crescer. E, apesar da crise em curso, existem vagas principalmente em setores estratégicos e promissores.

O mercado já não é mais aquele no qual se construía carreira em uma mesma empresa para toda a vida. Atualmente, experiências diversificadas são comuns em currículos tanto com relação à atuação em diferentes empresas quanto no que concerne ao conhecimento em diversas áreas de uma profissão. Diante desse cenário, se pretende ser competitivo, o profissional precisa acompanhar o dinamismo e aprimorar conhecimentos a fim de aproveitar as oportunidades que surgirem. Isso não significa abrir mão de sua área de formação, mas ser capaz de identificar as oportunidades mais promissoras.

Este capítulo originou-se da mesa de trabalho e discussão do tópico sobre o mercado de trabalho do bibliotecário do século XXI, que se reuniu no edifício sede do Ipea, em Brasília, em janeiro de 2017, durante o *workshop* "O bibliotecário do século XXI".

Dessa mesa de trabalho, participaram sete bibliotecárias: Viviane Veras, vinculada ao Serviço Federal de Processamento de Dados (Serpro); Maria Tereza Walter, vinculada ao Supremo Tribunal Federal (STF); Joanita Pereira, vinculada

1 Bibliotecária, Analista em Ciência e Tecnologia da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Doutoranda em Educação em Ciências para a Vida pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); mestre em ciência da informação e bacharel em biblioteconomia pela Universidade de Brasília (UnB).

à Universidade Católica de Brasília (UCB); Danyelle Silva, vinculada ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB); Mariana Ferraz, vinculada ao Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão (MP); Stella Maria Vaz, vinculada ao Senado Federal; e Katyusha Madureira Loures de Souza, vinculada à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Também participou dessa mesa, como relator, o jornalista Pedro Cavalcanti G. Ferreira, do Ipea.

Na oportunidade, os principais pontos para discussão foram relacionados à evolução do mercado laboral e às expectativas para o futuro, à formação acadêmica e técnica necessária para a atuação no mercado de trabalho do século XXI, além da postura que o bibliotecário deve ter diante deste cenário. As queixas relatadas pelos participantes diziam respeito:

- à falta de estudos brasileiros atuais sobre a temática;
- ao prejuízo do desenvolvimento da profissão, devido ao estereótipo existente, que não mais representa com fidelidade a classe profissional;
- às mudanças no mercado profissional;
- à falta de conexão entre a academia e o mercado de trabalho; e
- à necessidade de maior interação com as entidades representativas de classe, bem como de melhor conhecimento sobre estas.

2 MUDANÇAS NO MERCADO DE TRABALHO

De acordo com a Lei Federal nº 4.084, de 30 de junho de 1962, a profissão de bibliotecário é privativa dos bacharéis em biblioteconomia, cujas atribuições são definidas no art. 6º:

> Art. 6º São atribuições dos Bacharéis em Biblioteconomia a organização, direção e execução dos serviços técnicos de repartições públicas federais, estaduais, municipais e autárquicas e empresas particulares concernentes às matérias e atividades seguintes:
>
> a) o ensino de Biblioteconomia;
>
> b) a fiscalização de estabelecimentos de ensino de Biblioteconomia reconhecidos, equiparados ou em via de equiparação.
>
> c) administração e direção de bibliotecas;
>
> d) a organização e direção dos serviços de documentação.
>
> e) a execução dos serviços de classificação e catalogação de manuscritos e de livros raros e preciosos, de mapotecas, de publicações oficiais e seriadas, de bibliografia e referência.

A legislação, como se vê, apresenta uma visão restrita das atividades desse profissional de nível superior. Entretanto, a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), do Ministério do Trabalho – MT (Brasil, 2002), permite ter uma visão mais ampla, ao apresentar, na descrição sumária de suas atividades, que

> [Os bibliotecários] Disponibilizam informação em qualquer suporte; gerenciam unidades como bibliotecas, centros de documentação, centros de informação e correlatos, além de redes e sistemas de informação. Tratam tecnicamente e desenvolvem recursos informacionais; disseminam informação com o objetivo de facilitar o acesso e geração do conhecimento; desenvolvem estudos e pesquisas; realizam difusão cultural; desenvolvem ações educativas. Podem prestar serviços de assessoria e consultoria.

Tendo em mente os conceitos e as ideias apresentadas, a primeira consideração da mesa de trabalho a respeito da temática *mercado de trabalho do bibliotecário do século XXI* foi que o mercado que considera apenas a parcela tradicional da área estaria em retração.

Essa observação foi feita por integrantes do debate, considerando-se, principalmente, o encerramento de atividades de diversas bibliotecas físicas, ocorrido não apenas no Brasil – ou somente em Brasília –, mas em todo o mundo. No Distrito Federal, pode-se citar como exemplo, entre tantos outros, a Biblioteca Demonstrativa Maria da Conceição Moreira Salles, que foi fechada pela Defesa Civil do Distrito Federal em maio de 2014 devido às condições físicas precárias.

Visto como um fenômeno mundial, o fechamento desse serviço reflete, sob a perspectiva do grupo, mais do que restrições orçamentárias dos órgãos aos quais as bibliotecas estão subordinadas. Mostra uma mudança de comportamento da sociedade como um todo, principalmente devido ao surgimento de novas tecnologias e sua incorporação no cotidiano. Ou seja, as interações sociais estão mudando, assim como o modelo de sociedade, que vivencia seu ápice tecnológico.

A convergência tecnológica está relacionada à combinação de quatro grandes áreas do conhecimento: nanotecnologia; biotecnologia; tecnologias da informação e da comunicação; e ciências cognitivas (neurociências). Segundo Cavalheiro (2007), o desenvolvimento com grande velocidade destas áreas em convergência pode introduzir mudanças significativas na sociedade e no ambiente, incluindo desde tecnologias para o prolongamento da vida até o aprimoramento de funções mentais e o aumento da velocidade de aprendizagem e da memorização. Para que se possa compreender o significado dessa mudança, devem-se considerar algumas declarações de instituições e entidades representativas – como a National Science Foundation – NSF (NSF, 2002), nos Estados Unidos; o High Level Expert Group (Nordmann, 2004), na Comunidade Europeia; ou o Consejo Superior de Investigaciones Científicas (2005), na Espanha. Segundo esses órgãos,

- as quatro áreas de conversão estão em sinergia e se desenvolvendo de forma muito rápida;
- a convergência dessas áreas refere-se a uma combinação que refletirá uma natureza interdisciplinar;
- essa convergência se dá pela busca de um objetivo, agenda ou meta em comum;
- as interações são entre sistemas vivos e artificiais, que permitirão expandir ou melhorar capacidades, resultando em aumento do bem-estar social; e
- a interação entre áreas de pesquisa e de desenvolvimento tecnológico resulta em novas possibilidades tecnológicas com relação à qualidade e aos impactos potencialmente revolucionários.

As aplicações da convergência são diversas: melhoria da saúde e da capacidade física humanas, aperfeiçoamento das relações sociais e de grupos, segurança nacional, unificação da ciência e da educação, expansão da cognição e da comunicação humanas, entre outras. A remoção de barreiras de comunicação e geográficas é um dos grandes ganhos, considerando-se o aumento de efetividade e eficiência, produtividade e criatividade.

Nesse sentido, há que se considerar a necessidade de alteração dos modelos atuais de oferta de serviços da área, pensando-se também na infraestrutura atualmente disponível, como o espaço físico, que deve levar em conta o fornecimento de energia, internet *wireless* gratuita e espaço para descanso *versus* o espaço virtual, com aplicativos, bases de dados, redes sociais, jogos e portais interativos.

Segundo Cunha (2013), em um ambiente no qual o campo de atuação está passando por competição e apropriação de limites, impactado por tecnologias, é possível verificar o desenvolvimento de novos espaços de trabalho, fundamentalmente relacionados às propriedades universais e culturais da informação, que levam a trocas e novas formas de intermediação. A construção desses novos ambientes profissionais confunde fronteiras e limites, como parte de um processo de fragmentação e dispersão do mundo do trabalho. E, nesse sentido, se modificam o sistema de profissões, suas articulações, estruturas de trabalho, os papéis e as relações profissionais.

Para os bibliotecários, as consequências dessas mudanças se devem à diversidade de suportes, funções, papéis, usos e expectativas dos usuários na relação com o tratamento e o uso da informação. Isso porque o aumento da utilização da informação representa, de acordo com Cunha (*op. cit.*), uma diversificação do trabalho desses profissionais.

3 PERCEPÇÃO DA SOCIEDADE SOBRE O PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO

A existência de um estereótipo para o bibliotecário pode ser verificada por meio de diversos trabalhos de recopilação, levantamentos de fontes literárias e meios de comunicação de massa. Na literatura técnica e profissional, esse estereótipo se verifica na alusão à imagem geral de baixo *status* e invasão de especialistas de outras áreas em seu mercado de trabalho. Isso, indiretamente, promoveria a capacitação permanente e o enfrentamento de um novo paradigma como instâncias que permitiriam superar a imagem vigente.

Desse modo, considerando-se o processo de construção de representações sociais e a lista de modelos ou imagens estereotipadas, é possível identificar o mecanismo social que lançou essa imagem do bibliotecário.

Segundo Quin (1995 *apud* Roggau, 2006, tradução nossa),

> os estereótipos são tanto verdadeiros como falsos. As características selecionadas para categorizar um grupo social não são inventadas, mas escolhidas de uma enorme lista de possibilidades. A seleção em si se baseia em uma série de preconceitos sobre o grupo. A veracidade do estereótipo está na seleção das características; sua falsidade está na distorção que resulta da seleção de determinadas características.[2]

Nesse sentido, percebe-se que a mídia e o mercado laboral não caracterizam esse profissional como sendo conectado ao cenário atual de tecnologia e evolução constante, dado que frequentemente ele é retratado como uma pessoa introspectiva, taciturna, extremamente metódica e bibliófila. O enfrentamento desse estereótipo só ocorrerá quando se colocar em dúvida a concepção criada e a profissão for compreendida de forma clara.

Essa ideia a respeito do bibliotecário possivelmente surgiu com o início da profissão, quando a preservação e a custódia das obras eram necessárias. Entretanto, a profissão, que passou por diversas fases nas quais alguma atividade se destacava – incluindo-se o controle bibliográfico, a recuperação da informação e, agora, sua disseminação, mas com alta revocação, utilizando-se cada vez mais a tecnologia –, ficou no imaginário com a "vestimenta" do passado. A base teórica ainda em desenvolvimento também colabora para esse imaginário, tendo em vista que não se trata de um campo da ciência com teorias claras, explícitas.

Pesquisas e estudos sobre essa temática precisam ser elaborados frequentemente, como um estudo de usuários é feito (ou deveria ser), com o objetivo de melhor atender à comunidade à qual o bibliotecário serve. Entre as pesquisas a

---

2. Texto original: "*los estereotipos son a la vez ciertos y falsos. Las características que se seleccionan para categorizar a un grupo Roggau / Los bibliotecarios, el estereotipo y la comunidad social no se inventan sino que se escogen de una lista enorme de posibilidades. La selección en sí se basa en una serie de prejuicios sobre el grupo. La veracidad del estereotipo yace en la selección de las características; su falsedad yace en la distorsión que resulta al seleccionar determinados rasgos característicos que se aceptan como rasgos representativos del grupo*".

serem realizadas no país, destaca-se a necessidade de haver mais estudos que permitam verificar se a percepção da sociedade sobre o bibliotecário foi alterada, bem como aqueles que objetivem embasar ações de divulgação da real caracterização desse especialista.

Em complemento a esses estudos, a análise da situação atual do mercado de trabalho, considerando o estereótipo e o verdadeiro perfil que um profissional de biblioteconomia deveria ter, permitiria construir uma estratégia de *marketing* profissional. Essa estratégia ensejaria o auxílio à divulgação de atividades que ele está capacitado a desempenhar e os ganhos que sua contratação poderia trazer.

Essa atividade foi mencionada nos debates do grupo, que também identificou a necessidade de empenho das entidades de classe para consecução desses objetivos e a relevância do engajamento dos bibliotecários para se alavancar o conhecimento correto de seu trabalho. Ou seja, o redesenho da segmentação de mercado, com ênfase nas competências para o trabalho com a informação, e não com foco no espaço de atuação, mostrou-se de grande importância na transformação desejada.

4 FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Além dos pontos abordados, também foram citados pelo grupo a falta de importância dada pelos bibliotecários à sua formação e a baixa autoestima no desempenho de suas atividades. Essas características foram consideradas porque, em grande parte dos profissionais, verifica-se ausência de convicção no trabalho desempenhado e na formação recebida, o que lhes ocasiona dificuldades para se impor tecnicamente.

Esses pontos foram levantados por experiências vivenciadas no grupo, mas não foram apurados na literatura brasileira estudos sobre autoestima, apenas sobre formação acadêmica e técnica. Este último item, segundo Walter e Baptista (2008), é um ponto negativo, uma vez que, segundo as autoras, os profissionais estão "dissociados da realidade e mais preocupados com as técnicas que com os aspectos sociais do exercício do trabalho na área".

Sobre o trabalho de Walter e Baptista supracitado, é importante destacar que a visão percebida do profissional de biblioteca parece não ter mudado e que um dos pontos discutidos pelo grupo sobre o fechamento das bibliotecas físicas parece ter sido motivado pelo trecho em que as autoras citam Basefsky (1999, *apud* Walter e Baptista, 2008, p. 90): "A maioria das bibliotecas terá que demonstrar sua utilidade para uma organização que não mais entende seu papel e sua função. Nesse processo, o papel e a função do bibliotecário não mudarão muito. O que mudará será a cultura da Biblioteconomia".

As autoras aludem ainda às competências do moderno profissional da informação, de acordo com o artigo de Abels *et al.* (2003), no qual se observa a

necessidade de colaboração com a organização à qual se está vinculado, a utilização de tecnologias, a posse de competências em relação à gerência de organizações de informação, de recursos de informação, de serviços de informação e o uso de ferramentas e tecnologias de informação e pessoais, constituindo-se, assim, os bibliotecários assim comunicadores e colaboradores com valor agregado, flexíveis e positivos em ambientes de mudança. As autoras concluem que a formação deve estar conectada com as mudanças tecnológicas; além disso, a educação continuada também é necessária para a sobrevivência do bibliotecário. Por isso, a formação precisa estar alinhada às exigências de mercado, além das acadêmicas, e principalmente às demandas sociais.

O conhecimento geral, assim como o bom domínio de idiomas e de tecnologias de comunicação, considerados pelo grupo como barreiras a serem transpostas, estariam diretamente relacionados à formação. Isso, principalmente na proposta de alinhamento entre academia, mercado e sociedade para a formação profissional e, na educação continuada, para a evolução do desempenho das atividades, resultando em autoconfiança, o que permitirá ao bibliotecário colocar-se tecnicamente diante de outros profissionais, conquistando maior valorização.

A Special Libraries Association (SLA, 2016) – organização global sem fins lucrativos fundada em 1909, dedicada a profissionais de informação inovadores e seus parceiros estratégicos em negócios, governo, academia e outros ambientes especializados – indica, como competências básicas:

- conhecimento em serviços de informação;
- conhecimento em tecnologia e sistemas de informação;
- conhecimento em recursos de informação;
- conhecimento em recuperação e análise de dados e informações;
- capacidade para organização de dados, informações e ativos de conhecimento; e
- ética da informação.

Além das supramencionadas, a SLA também recomenda outras competências compartilhadas por especialistas de outras áreas, e que são vitais para o sucesso e o desenvolvimento profissional, como pensamento crítico, iniciativa, flexibilidade, criatividade, inovação, comunicação oral e escrita eficaz, *networking*, *marketing*, liderança, aprendizagem contínua, desenho e desenvolvimento instrucional e ética.

5 POSTURA PROFISSIONAL

Para seguir pelo caminho do reconhecimento técnico e da boa formação técnica e acadêmica, é preciso que o bibliotecário saia de sua zona de conforto. Essa percepção, indicada por todos os participantes da discussão, já foi citada até na tese de Maria Tereza Walter (uma das integrantes dos debates), publicada em 2008. Segundo a autora, essa característica se deve principalmente à proteção da legislação sobre determinados espaços de trabalho – por exemplo, as bibliotecas, que só podem ser chefiadas por bacharéis em biblioteconomia. Entretanto, conforme mencionado no trabalho dessa autora e nas discussões do grupo, as terminologias, os processos e os locais de trabalho dos profissionais da área estão se diversificando. É comum encontrar espaços físicos com nomes como *centro de informação*, *setor de pesquisa e análise*, *coordenação de gestão da informação*, além de novas denominações para o bibliotecário, como *cientista da informação*, *gestor de informação*, *analista de informação*, *arquiteto de informação*, *cybertecário*, entre outros, incluindo-se ainda *assessor*, para alguns tipos de serviços.

Nesse sentido, onde a proteção de mercado deixa de existir – já que o uso de termos para a definição de trabalhos e espaços está se modificando –, faz-se mister a movimentação do bibliotecário, no sentido de garantir e ampliar o seu espaço no mundo do trabalho, que deixaria de ser caracterizado por aspectos físicos ou processos específicos. As modificações trazidas pelo passar do tempo não devem ser encaradas como uma forma de enterrar o passado, mas como suporte para a evolução necessária. Nenhuma ciência se fundamenta e evolui sem uma base histórica forte, e esse legado rico é fundamental para que o novo possa se desenvolver.

O aprimoramento de conhecimentos e habilidades técnicas e pessoais, por meio da educação continuada, faz-se cada vez mais necessário. Isso porque o surgimento e a evolução das tecnologias de informação e comunicação, além do próprio mercado laboral, têm se tornado uma constante. Podem-se verificar essas mudanças até mesmo nas relações de trabalho, em que o vínculo empregatício cede espaço a outros modos de relacionamento profissional.

Entre os principais requisitos exigidos modernamente, a proatividade também foi citada. Isso porque, além de uma mudança curricular, o rompimento do imaginário consagrado pelo mercado e pela sociedade sobre o profissional é que de fato permitirá criar novas oportunidades e mostrar o custo-benefício que se tem ao se contar com um bibliotecário na conjuntura socioeconômica que se apresenta.

A antecipação na criação de projetos, a resolução de problemas ou a organização de tarefas sempre foram intrínsecas à profissão, já que o desenvolvimento de serviços e produtos relacionados à informação sempre contou com essa prática. Entretanto, agora, mais do que antecipar soluções, é preciso antecipar comportamentos e interações. O hábito de prever as necessidades de informação, praticando

a disseminação seletiva da informação ou melhorando o acervo com obras atuais, deve também alcançar o estudo das disponibilidades tecnológicas e comportamentais, além das interações no mercado laboral.

A busca natural por encarar desafios, prognosticando cenários e perspectivas, em vez de apenas responder às mudanças de contextos, é obrigação para quem quer ser reconhecido como proativo e conectado. A postura de estar sempre pesquisando, procurando novidades, se capacitando e agregando cada vez mais em sua atuação e na instituição à qual se está vinculado expressa comprometimento com a evolução, pois envolve dedicação e positividade, gerando confiança e entusiasmo.

A definição do que seja um profissional promissor, cuja contratação signifi um bom custo-benefício, entretanto, depende de diversas outras variáveis. A eficiência e a eficácia em seus processos, por exemplo, resultam em economia para seu contratante, enquanto a capacitação adequada reduz o tempo para a execução das atividades. Ou seja, as justificativas para a contratação ou não de determinado profissional devem contar não apenas com um fator ou característica, mas com diversos. Não é possível ditar com certeza quais serão os desdobramentos no mercado de trabalho no século XXI. O investimento em capacitação continuada pode não ser suficiente, tendo em vista que o cenário é incerto, mas a postura profissional e as habilidades comportamentais farão a diferença. Independentemente da área de atuação, a proatividade é uma das características mais valorizadas, pois o amanhã é construído pelo que realizamos hoje. Assim, aquele que antecipa necessidades enxerga além e cria um cenário favorável para si, acompanhando mudanças e desenvolvendo-se continuamente, ampliando suas possibilidades.

6 FORTALECIMENTO DA CATEGORIA PROFISSIONAL, E NÃO APENAS DO PROFISSIONAL INDIVIDUALMENTE

O fortalecimento da categoria, e não apenas do profissional individualmente, permite acompanhar as alterações econômicas, as relações no mundo do trabalho e dos processos sociais, favorecendo ações eficazes que permitirão dar uma resposta adequada à sociedade e ao mercado e que fortalecerão a profissão na busca por reconhecimento.

A Lei Federal nº 4.084, de 30 de junho de 1962, do art. 8º ao art. 36 (o penúltimo da lei), descreve o Conselho Federal e os conselhos regionais de biblioteconomia, deixando claras todas as obrigações das entidades, principalmente nos artigos 15 e 20, em que são abordadas suas atribuições. Nesses artigos, além das diretrizes sobre o papel da fiscalização dessas entidades, destaca-se a incumbência de levar ao governo federal sugestões de modificações para melhor regulamentação da profissão, de acordo com propostas apresentadas pelos conselhos regionais, que admitem ainda a colaboração de associações de bibliotecários. A título de exemplo,

temos a Associação de Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF), que, segundo seu sítio eletrônico, caracteriza-se por ser uma entidade sem fins lucrativos, "representativa da classe de bibliotecários com atuação nas áreas de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação". O *site*, ademais, informa que a associação foi criada em 18 de setembro de 1962, constituindo-se em uma "sociedade civil de utilidade pública, pelo Decreto nº 86.668, de 30/11/1981".[3]

Citadas pelos participantes do grupo de discussão como sendo de fundamental importância para a mudança proposta, as entidades representativas (Conselho Federal de Biblioteconomia – CFB, Conselho Regional de Biblioteconomia – CRB, a supramencionada ABDF, entre outras) foram descritas como pouco atuantes ou ineficientes. Entretanto, há que se destacar que poucos entre os presentes afirmaram associar-se a essas entidades quando não fosse obrigatório fazê-lo.

A falta de alinhamento dos profissionais com suas entidades representativas impede que estas estejam em sintonia com os desejos dos profissionais. De fato, a participação destes é que permite construir um projeto que fortaleça os objetivos da categoria, com propostas de diretrizes curriculares para instituições de ensino, por exemplo, baseadas na ética e na política profissional, e com o debate sistemático sobre o conhecimento produzido na academia e sua vinculação ao mundo do trabalho.

Há ainda que se esclarecer as finalidades dessas instituições ou talvez ampliar a divulgação sobre elas, dado que, no decorrer do debate, ficou claro o desconhecimento, por parte da maioria dos bibliotecários presentes, sobre sua atuação, missão e legislação. Na oportunidade, sugeriu-se que os gestores dessas entidades fizessem uma apresentação sobre as instituições, com o intuito de sanar as dúvidas surgidas nas discussões.[4]

Em uma sociedade cada vez mais individualista, é de fato um grande desafio assumir o papel de dirigente de uma entidade como essa, já que a tarefa de conscientização e fiscalização da classe, por meio de suas ações, é que cria os laços entre os representados, para que se possa lutar pela valorização do profissional, zelar pela ética e defender a classe. Uma profissão que não tem uma entidade para defendê-la tende a ser mais marginalizada e padecer de mais conflitos.

A diferença entre uma entidade bem-sucedida e uma que ainda está no caminho é o espírito de união de seus associados, a partilha de valores, a disponibilidade em abraçar projetos, a dedicação a uma causa e, sobretudo, a vontade e o orgulho de seus componentes em lutar pela entidade e vê-la cada vez mais forte. É a união que engrandece a entidade e a faz ter sucesso.

3. Disponível em: <https://goo.gl/iMYmTH>.

4. Essa apresentação foi agendada para um mês após o evento e contou a presença de muitos profissionais.

Pelo debate, verificou-se que o conhecimento das finalidades, dos estatutos, organogramas e eventos promovidos pelas entidades não era de conhecimento geral. A trajetória dessas organizações era clara para quem participou de sua história, mas desconhecida para os novos profissionais, que pouco ou nada têm de conhecimento sobre elas. Essa desinformação, ou mesmo desinteresse, impacta na atuação no mercado. Nesse sentido é que chamamos atenção para o desconhecimento dos bibliotecários acerca dos direitos, deveres, valores e princípios da profissão.

7 CONCLUSÃO

Como resultado do debate, considerando-se as experiências apontadas pelos participantes, conhecidas pela vivência na área e pelo compartilhamento com colegas, além da bibliografia existente sobre a temática do mercado de trabalho para o bibliotecário, há algumas necessidades a destacar, conforme se expõe a seguir.

- Ensejar a apropriação, por esses profissionais, das ferramentas de tecnologia da informação: conforme mencionado, o conhecimento das tecnologias disponíveis para o desempenho de atividades torna-se imprescindível para a ampliação de seu mercado.
- Mostrar que o papel do bibliotecário não diminuiu com as novas tecnologias e identificar os novos nichos de atuação: além do conhecimento sobre a existência de tecnologias que permitam melhorar suas atividades e processos de trabalho, o conhecimento sobre as interações sociais também trará ganhos para este especialista, pois permitirá identificar oportunidades de inserção e conexão com outros nichos profissionais.
- Além de levantar a bandeira em defesa da profissão, mostrar os resultados que um bibliotecário pode apresentar: mais do que defender seu mercado de trabalho e destacar o papel tradicional da profissão, é necessário mostrar as potencialidades que os conhecimentos de bibliotecário proporcionam atualmente, não apenas com debates e propostas, mas com produtos e serviços que agreguem valor, seja na antecipação de necessidades, seja no detalhamento de informações.
- Entender as novas demandas dos potenciais usuários: o conhecimento das interações socioeconômicas e profissionais no contexto da evolução constante da tecnologia é um diferencial para os bibliotecários. Ou seja, a educação continuada não apenas permitirá o desempenho de suas atividades, mas também trará uma visão mais ampla das restrições e possibilidades de sua atuação.
- Esclarecer à sociedade e ao mercado a atuação e as potencialidades do bibliotecário: os esclarecimentos somente podem ser oferecidos quando se

conhece a imagem que o profissional passa para a sociedade e o mercado. Nesse sentido, o trabalho apresenta-se maior, seja porque é necessário atualizar os estudos existentes, seja porque somente após novas pesquisas será possível definir as estratégias de *marketing* profissional nas entidades representativas de classe.

- E, por fim, propor a revitalização e a continuidade da linha de pesquisa sobre o profissional da informação, de forma a aproximar a academia do mercado de trabalho, alinhando a teoria à prática e gerando ganhos para ambas as esferas.

De forma geral, entre os profissionais, é bastante disseminada a percepção da necessidade de melhoria na formação acadêmica no que tange às novas tecnologias. Há um distanciamento entre a academia e a vida laboral que, segundo os bibliotecários, precisa ser superado, posto que essa diferenciação interfere de forma direta nas oportunidades de emprego e mesmo no desempenho de atividades.

A postura dos bibliotecários ante os desafios também foi destacada como ainda acanhada e insegura durante a reunião e os debates. Entretanto, essa característica merece estudo, visto que não houve unanimidade a respeito. Nesse sentido, o reforço na necessidade de desenvolvimento da linha de pesquisa sobre o mercado de trabalho do bibliotecário, com certeza, foi o ponto mais sensível, que seguramente permitirá esclarecer muitas das dúvidas surgidas. O conhecimento da legislação sobre a profissão e a possibilidade de participação em entidades representativas certamente também proporcionarão maior comprometimento.

Dizer que o mercado laboral se apresenta amplo, considerando as novas tecnologias que surgem a cada dia e as mudanças que a sociedade tem vivenciado, é ter certeza de que o bibliotecário é um profissional flexível, adaptável e conectado com as necessidades de seus usuários ou interagentes, mantendo-se em constante capacitação e melhorando sua *performance*. Esse é o estereótipo que a classe quer que a sociedade tenha em mente, mas o caminho ainda é longo.

O futuro da profissão está diretamente relacionado à capacidade de adaptação às demandas do mundo contemporâneo e de atenção às novas competências requeridas para o desempenho de atividades, como o conhecimento em técnicas de comunicação, interação, informática e gestão. Além disso, os diálogos com profissionais de outras áreas podem trazer mais oportunidades que ameaças.

REFERÊNCIAS

ABELS, E. *et al*. **Competencies for information professionals of the 21th century**. Revised edition, jun. 2003. Disponível em: <https://goo.gl/w1xkqh>. Acesso em: 28 abr. 2017.

ABDF – ASSOCIAÇÃO DE BIBLIOTECÁRIOS DO DISTRITO FEDERAL. **Histórico**. Brasília, 2006. Disponível em: <https://goo.gl/oNi86S>. Acesso em: 4 abr. 2017.

BASEFSKY, S. The library as an agent of change: pushing the client institution forward. **Information Outlook**, v. 3, n. 8, p. 37-40, ago. 1999. Disponível em: <https://goo.gl/X4tMn7>.

BRASIL. Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. Brasília: Congresso Nacional, 1962. Disponível em: <https://goo.gl/F0TDjh>. Acesso em: 28 abr. 2017.

_____. Ministério do Trabalho. **Classificação brasileira de ocupações**. Brasília: MT, 2002. Disponível em: <https://goo.gl/angd>. Acesso em: 4 abr. 2017.

_____. Ministério da Cultura. **Secretário de Infraestrutura Cultural do MinC**: foco na construção e na reforma de equipamentos culturais. Brasília, 2017. Disponível em: <https://goo.gl/tAfPqQ>. Acesso em: 3 out. 2017.

CAVALHEIRO, E. A. A nova convergência da ciência e da tecnologia. **Novos estudos**: Cebrap, São Paulo, n. 78, p. 23-30, jul. 2007. Disponível em: <https://goo.gl/GQ3jzJ>. Acesso em: 3 mar. 2017.

CONSEJO SUPERIOR DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS. **El desafío de la convergencia de las nuevas tecnologías (Nano-Bio-Info_Cognos)**. Barcelona, 2005.

CUNHA, M. V. Las profesiones de la información: um escenario de cambios. **Ciencia de la información**, v. 44, n. 1, 2013. Disponível em: <https://goo.gl/E9CDW6>. Acesso em: 3 out. 2017.

NORDMANN, A. **Converging technologies**: shaping the future of European societies – Report 2004. European Commission Research, 2004. Disponível em: <https://goo.gl/8jCTGX>. Acesso em: 28 abr. 2017.

NSF – NATIONAL SCIENCE FOUNDATION. **NSF PR 02-57 – July 8, 2002**: converging technologies can improve human performance, report says. Virginia, 2002. Disponível em: <https://goo.gl/k85SJW>. Acesso em: 5 maio 2017.

ROGGAU, Z. Los bibliotecários, el estereotipo y la comunidad. **Información, Cultura y Sociedad**, Buenos Aires, n. 15, p. 13-34, 2006.

SANTOS, P. R. *et al*. Inserção no mercado de trabalho e a empregabilidade de bacharéis em biblioteconomia. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 21, n. 2, p. 14-32, abr./jun. 2016. Disponível em: <https://goo.gl/13rdfg>. Acesso em: 3 out. 2017.

SLA – SPECIAL LIBRARIES ASSOCIATION. **Competencies for information professionals**. Approved 13 April 2016 by board of directors of the Special Libraries Association. Disponível em: <https://goo.gl/sDRp9s>. Acesso em: 3 out. 2017.

WALTER, M. T. M. T. **Bibliotecários do Brasil**: representações da profissão. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

WALTER, M. T. M. T.; BAPTISTA, S. G. Formação profissional do bibliotecário. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 13, n. 25, 1. sem. 2008. Disponível em: <https://goo.gl/FNps3Q>. Acesso em: 3 mar. 2017.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Organizadores

Anna Carolina Mendonça Lemos Ribeiro

Doutoranda em administração (Universidade de Brasília – UnB, 2018); mestre em economia, com área de concentração em economia e gestão do setor público (Universidade de Brasília – UnB, 2016); mestre em educação (Universidade Católica de Brasília – UCB, 2010); especialista docente em psicopedagogia (Associação de Ensino Unificado do Distrito Federal – AEUDF, 2004); especialista em educação infantil e especial (Universidade Cândido Mendes – Ucam, 2002); e graduada em biblioteconomia (UnB, 2000). Desde 2009, é servidora no Ipea, atualmente lotada na Assessoria de Planejamento e Articulação Institucional – Aspla.

Pedro Cavalcanti G. Ferreira

Graduado em Comunicação Social – Jornalismo (Universidade Federal de Goiás – UFG, 2007) e mestre em Economia (UnB, 2016), com área de concentração em Economia e Gestão do Setor Público. Tem experiência profissional em Comunicação, com ênfase em Jornalismo Econômico e Assessoria de Comunicação. É servidor do Ipea, onde já atuou, entre outras funções, como assessor de imprensa, coordenador de ambiente web e chefe do Serviço de Capacitação e Treinamento. Atualmente está requisitado para a Assessoria de Comunicação do Conselho Administrativo de Defesa Econômica – Cade.

Autores

Bianca Amaro

Atua no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict). Doutora em linguística aplicada pela Universidade Pompeu Fabra (2003), formada em direito e letras, atuando principalmente nos seguintes temas: comunicação científica, direitos autorais e acesso aberto à comunicação científica. É coordenadora dos projetos de acesso aberto do Ibict; coordenadora da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); coordenadora do projeto Repositórios Institucionais de Acesso Aberto; coordenadora do Diretório de Políticas de Acesso Aberto de Revistas Científicas Brasileiras (Diadorim); coordenadora do Portal de Publicações Científicas em Acesso Aberto (OasisBR); coordenadora do projeto Biblioteca Digital Brasileira (BDB); membro do Comitê Diretor da Rede Federada de Repositórios Institucionais de Publicações Científicas (LA Referencia); coordenadora do projeto Revistas Científicas Brasileiras de Acesso Aberto; e coorganizadora das Conferências Luso-brasileiras de Acesso Aberto (Confoa), em conjunto com

Portugal. Em 2015, ganhou o prêmio internacional Electronic Publishing Trust for Development (EPT 2015).

Cláudio Gottschalg-Duque

Graduado em letras, com habilitação em português e alemão, pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG (1994); mestre em psicolinguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG (1998); doutorado-sanduíche em linguística computacional, no Angewandte Sprachwissenschaft und Computerlinguist – Justus-Liebig-Universität Giessen (2004); e doutor em produção e gestão da informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação (2005). Atualmente, é coordenador do grupo de pesquisa Research Expert Group for Intelligent Information in Multimodal Environment using Natural language Technologies and Ontologies (Regiimento); coordenador acadêmico do Programa de Doutorado Interinstitucional (Dinter) em Ciência da Informação (UnB/ Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes); e professor adjunto da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília (FCI-UnB) e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCINF-UnB).

Jhonathan D. F. Santos

Graduado em biblioteconomia (2008), especialista em gestão de tecnologia da informação (2011) e mestre em economia e gestão pública (2016) pela UnB. Atualmente, é técnico de planejamento e pesquisa do Ipea e atua na biblioteca do instituto, onde desenvolve atividades de referência e gestão do conhecimento, além de compor o grupo de trabalho relacionado ao projeto institucional Biblioteca do Século XXI.

Katyusha Madureira Loures de Souza

Mestre em ciência da informação e bacharel em biblioteconomia pela Universidade de Brasília (UnB), possui experiência na área de gestão do conhecimento e da informação e arquitetura de informação. Participou entre 2003 e 2010 do Grupo de Pesquisa em Marketing da Informação listado no diretório do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e liderado pela professora Dra. Sueli Angélica do Amaral. Atualmente é bibliotecária analista em ciência & tecnologia do Portal de Periódicos da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e está responsável pelo acompanhamento do Projeto de Atualização Funcional e Tecnológica do Portal de Periódicos (desenvolvido em parceria com a Rede Nacional de Ensino e Pesquisa – RNP) e lidera as atividades referentes ao atendimento aos usuários, avaliação e desenvolvimento de coleções. Já ministrou treinamentos no uso do Portal de Periódicos, minicursos em pesquisas bibliográficas

e metodologia de pesquisa e participou como palestrante em temáticas relacionadas à bibliotecas virtuais e planejamento de sistemas. É doutoranda pelo Programa de Pós-graduação Educação em Ciências: química da vida e saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e possui interesse principalmente em temas relacionados ao planejamento e gerência de sistemas de informação e bibliometria.

Tainá Batista de Assis

Atua no Ibict. Mestre em ciência da informação pela UnB e graduada em biblioteconomia pela mesma instituição. Atualmente, é coordenadora de atendimento à comunidade do ibict e diretora do Centro Brasileiro do International Standard Serial Number (CBISSN). Está sob sua coordenação o *Catálogo coletivo nacional de publicações seriadas* (CCN), o Programa de Comutação Bibliográfica (Comut), a Rede Bibliodata e a Biblioteca do Ibict. Também são de sua responsabilidade a coordenação da Rede de Bibliotecas das Unidades de Pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (RBP) e o Portal do Livro Aberto em Ciência, Tecnologia e Inovação (Plact&I). Tem experiência na área da ciência da informação, atuando principalmente nos seguintes temas: comunicação científica, acesso aberto, bibliotecas, bibliotecas digitais, bibliotecas digitais de teses e dissertações, repositórios institucionais e catálogos coletivos.

Yaciara Mendes Duarte

Mestra em ciência da informação (2015), graduada em biblioteconomia (2010) e graduanda em letras – português pela UnB (2015). Especialização em andamento em letramento informacional pela UFG. Integrante do grupo de pesquisa Fatores Humanos na Interação e Comunicação da Informação (FHICI), da Faculdade de Ciência da Informação, tendo como tema principal de pesquisa a teoria das representações sociais no contexto das bibliotecas escolares. Atua em biblioteca escolar, com ênfase nos temas: letramento informacional, bibliotecas escolares, estudos de usuário, serviços de referência e tecnologias educacionais.

Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

Assessoria de Imprensa e Comunicação

EDITORIAL

Coordenação
Cláudio Passos de Oliveira

Supervisão
Everson da Silva Moura
Leonardo Moreira Vallejo

Revisão
Camilla de Miranda Mariath Gomes
Clícia Silveira Rodrigues
Idalina Barbara de Castro
Olavo Mesquita de Carvalho
Regina Marta de Aguiar
Reginaldo da Silva Domingos
Ana Clara Escórcio Xavier (estagiária)
Hislla Suellen Moreira Ramalho (estagiária)
Lilian de Lima Gonçalves (estagiária)
Lynda Luanne Almeida Duarte (estagiária)
Luiz Gustavo Campos de Araújo Souza (estagiário)

Editoração
Aeromilson Trajano de Mesquita
Bernar José Vieira
Cristiano Ferreira de Araújo
Danilo Leite de Macedo Tavares
Herllyson da Silva Souza
Jeovah Herculano Szervinsk Junior
Leonardo Hideki Higa

Capa
Herllyson da Silva Souza

The manuscripts in languages other than Portuguese published herein have not been proofread.

Livraria Ipea
SBS – Quadra 1 – Bloco J – Ed. BNDES, Térreo
70076-900 – Brasília – DF
Tel.: (61) 2026-5336
Correio eletrônico: livraria@ipea.gov.br

Composto em adobe garamond pro 11/13,2 (texto)
Frutiger 67 bold condensed (títulos, gráficos e tabelas)
Brasília-DF

Missão do Ipea
Aprimorar as políticas públicas essenciais ao desenvolvimento brasileiro por meio da produção e disseminação de conhecimentos e da assessoria ao Estado nas suas decisões estratégicas.

ISBN 978-85-7811-321-6

ipea Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

MINISTÉRIO DO
PLANEJAMENTO,
DESENVOLVIMENTO E GESTÃO